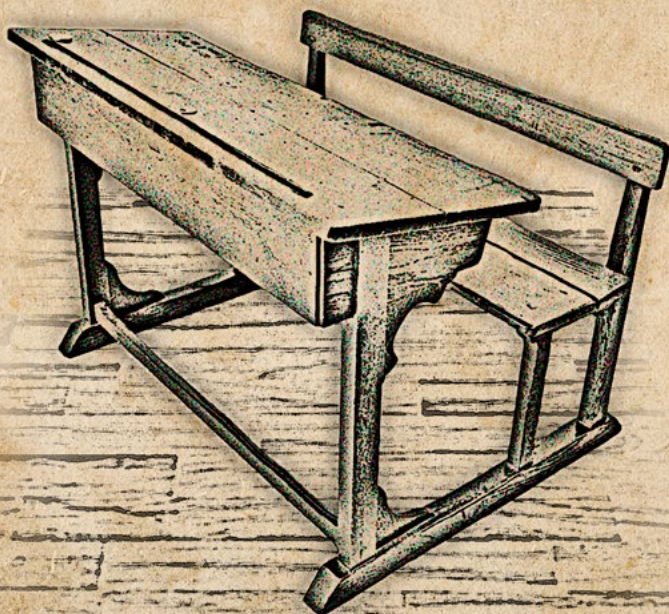


QUANDO AS MEMÓRIAS
ESCOLARES SE ENCONTRAM:
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE



Organizadoras:

Giani Rabelo

Maria Aparecida Casagrande

Odécia Almeida de Souza da Silva

Susane da Costa Waschinewski



2024©Copyright UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário – C.P.

3167 – 88806-000 – Criciúma – SC

Fone: +55 (48) 3431-2718

Reitora

Luciane Bisognin Ceretta

Conselho Editorial

Dimas de Oliveira Estevam (Presidente)

Adriano Michael Bernardin

Angela Cristina Di Palma Back

Cinara Ludvig Gonçalves

Ismael Francisco de Souza

Marco Antonio da Silva

Marcos Aurélio Maeyama

Merisandra Côrtes de Mattos Garcia

Rafael Rodrigo Mueller

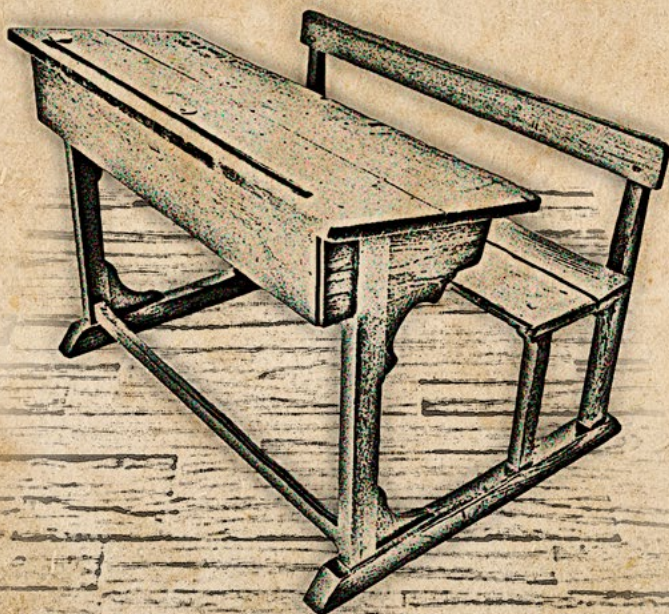
Reginaldo de Souza Vieira

Ricardo Luiz de Bittencourt

Richarles Souza de Carvalho

Vilson Menegon Bristot

QUANDO AS MEMÓRIAS
ESCOLARES SE ENCONTRAM:
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE



Organizadoras:

Giani Rabelo

Maria Aparecida Casagrande

Odécia Almeida de Souza da Silva

Susane da Costa Waschinewski

Criciúma

UNESC

2024

Editora da UNESCO
Editor-Chefe: Dimas de Oliveira Estevam

Preparação, revisão ortográfica e gramatical: Margareth Maria Kanarek
Capa, projeto gráfico e diagramação: Luiz Augusto Pereira



As ideias, imagens e demais informações apresentadas nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores e/ou organizadores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Q1 Quando as memórias escolares se encontram [recurso eletrônico] : uma experiência forjada em classe / organizadoras Giani Rabelo ... [et al.]. - Criciúma, SC: Ediunesco, 2024.
215 p. : il.

Modo de acesso: <<https://www.unesco.net/Portal/capa/index/300/5886/>>

ISBN 978-65-85766-37-1

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/mescol>

1. Professores - Ensaaios. 2. Professores - Santa Catarina - Biografia. 3. Memória autobiográfica. 4. Professores - Formação. 5. Educação - Santa Catarina - História. I. Título.

CDD - 23.ed. 923.7

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESCO

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida, por qualquer meio ou forma, sem prévia permissão por escrito da Editora da Unesco.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
ESCOLA, VIDA E DOCÊNCIA: MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS DO PERCURSO FORMATIVO Catia Elaine Alves Constante	15
MEMÓRIAS DE UMA MENINA QUE ESCOLHEU A EDUCAÇÃO COMO TRAJETÓRIA DE VIDA PROFISSIONAL Cristiane Maccari Uliana Fretta	39
OS BOLETINS ESCOLARES DO ENSINO PRIMÁRIO: MUITAS MEMÓRIAS E DESCOBERTAS Cristiane Sant'Ana	55
MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UMA LEITORA E PROFESSORA DE INGLÊS Edilane Pizoni Oening	77
MINHAS MEMÓRIAS, MEUS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLA Ernesta Silveira Manenti	89
UMA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL, MINHA HISTÓRIA, PASSADO E PRESENTE Fabiula Peraro Augusto	101

AS INFLUÊNCIAS DO EDUCADOR NA DETERMINAÇÃO DA CARREIRA DO EDUCANDO: A BELEZA DE SE TRILHAR UM MESMO CAMINHO	113
Gustavo Rodrigues Jordão	
ENTRE PALCOS E SALAS DE AULA: HISTÓRIAS DE UMA PROFESSORA QUE DANÇA	126
Jaqueline de Oliveira	
ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS: “A PAIXÃO PELO POSSÍVEL”	134
Laís Regina Laurentino Coral	
FRAGMENTOS DE UM TEMPO DE ESCOLA	147
Maria Aparecida Casagrande	
MEMÓRIAS DE UMA ETERNA APRENDIZ: TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA PROFESSORA PESQUISADORA	164
Odécia Almeida de Souza da Silva	
VIVÊNCIAS QUE SIGNIFICAM: A FORMAÇÃO NA ESCOLA BÁSICA DE UMA PROFESSORA DE HISTÓRIA EM CRICIÚMA, SC	190
Samira Rousseng de Farias	
MEMÓRIAS EDUCACIONAIS E A IMEDIATICIDADE DAS FONTES DIGITAIS	199
Thalia Estevam	
SOBRE AS AUTORIAS	209

APRESENTAÇÃO

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Move-mos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente (Stephanou; Bastos, 2011, p. 420).

A reflexão de Maria Stephanou e Maria Helena Bastos, que abre esta apresentação, instiga-nos a pensar sobre as 13 narrativas autobiográficas com enfoque nas memórias escolares produzidas por acadêmicos(as) que frequentaram a disciplina *Memória Docente e Gênero*, no primeiro semestre de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

A referida disciplina tentou pensar sobre os cruzamentos temáticos relativos às questões do trabalho docente, memória e gênero, a partir de diferentes pressupostos teóricos metodológicos, com ênfase na história oral e nos estudos biográficos, bem como pensar sobre as contribuições desses temas para a história e historiografia da educação.

Com essa ementa, que funciona como “fio condutor”, buscamos alcançar os seguintes objetivos: problematizar a importância das pesquisas em História da Educação, analisando suas contribuições para a produção de conhecimentos na formação docente; aprofundar os conceitos de história, memória, história oral, memória docente e gênero e problematizar as relações entre eles; apropriar-se das discussões e estratégias de pesquisa com História Oral; reconhecer estudos que se inserem no campo dos arquivos pessoais, percursos

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

biográficos e trajetórias profissionais de educadores(as) e oportunizar aos(às) acadêmicos(as) o acesso às memórias de professores(as).

Antecederam à escrita dos textos leituras, estudos, debates e diálogos, tendo como ponto de partida reflexões oferecidas pelos(as) autores(as) selecionados(as) para a disciplina. Precedeu também esse processo um momento de socialização de memórias afetivas evocadas por objetos/reíquias escolares, o qual revelou o poder memorial e afetivo que esses artefatos carregam. Os boletins, os cadernos, as fotografias, os cartões, as vestimentas, entre outros, passaram a fazer parte da memória coletiva do grupo. Os objetos escolhidos compuseram os arquivos pessoais, mas no momento da apresentação passaram a fazer parte de uma memória coletiva, resultando em uma grande colcha de retalhos coloridos, os quais conversavam entre si. Já a escola foi tomada como referência, como forma de manter a coesão e as fronteiras daquilo que o referido grupo tinha em comum, mesmo com a consciência de que havia uma diversidade espacial e temporal que abrigou essas distintas vivências.

Temos aqui, então, a exposição de uma comunidade envolvida por um sentimento de pertencimento em relação às suas trajetórias escolares, que apesar de serem individuais, também são coletivas. São 13 narrativas, cada qual com suas singularidades e peculiaridades, porque as vidas não são iguais, tampouco as experiências. Cada indivíduo vem construindo ou construiu a sua própria trajetória marcada por contingências e escolhas possíveis, mas também por sentimentos e impressões coletivas.

Esta obra, ao reunir ensaios autobiográficos, representa um esforço coletivo forjado a partir da vontade de contribuir para que outras pessoas sejam tocadas e enredadas pelo desejo de conhecer o percurso histórico da educação brasileira e local, sob a ótica das experiências e das memórias afetivas individuais, afinal, somos sujeitos produzidos historicamente.

Nesse sentido, entendemos que a memória, enquanto dimensão humana, ocupou e continua ocupando um lugar importante nas existências desses(as) narradores(as) e na constituição de suas identidades.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Acrescentamos, ainda, que essas narrativas são atravessadas por emoções, crenças, perspectivas pessoais ou até mesmo por eventos traumáticos, muito longe de meras descrições imbuídas de neutralidade.

São memórias subterrâneas e até inaudíveis, mas que resistem à memória oficial. São sujeitos únicos, reconstruindo e interpretando experiências passadas, como uma forma de serem ouvidos em uma sociedade conturbada, movida pela pressa, pela competitividade, pelo individualismo e pela correria do dia a dia.

Em “Quando as memórias escolares se encontram: uma experiência forjada em classe”, os(as) autores(as) ressignificaram, por meio de suas escritas, as experiências escolares ao dialogarem com os(as) teóricos(as) por nós selecionados(as).

O livro é um convite aos(às) leitores(as) para “navegarem” nas memórias escolares de um grupo que tem trilhado um percurso de formação e atuação profissional no campo da educação, alguns/algumas iniciantes e outros(as) profissionais mais experientes.

Na escrita, os(as) narradores(as) ensaiaram práticas do arquivamento do eu, às vezes mergulhadas na nostalgia de um tempo que não volta mais, mas também na busca incessante de um distanciamento teórico.

Cátia Elaine Alves Constante, em seu texto intitulado “Escola, vida e docência: memórias autobiográficas do percurso formativo”, presenteia-nos logo de início com uma afirmação de Bloch¹ (2001, p. 75): “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. E é na tentativa de reconstruir esse passado com o olhar e com os conhecimentos do presente que ela nos apresenta suas experiências como alguém que, ao chegar aos 45 anos de idade, dá-se conta de que em apenas cinco deles esteve fora da escola. Os outros 40 foram atravessados pelo ambiente escolar, seja como aluna ou professora, com um detalhe inusitado: dos seis aos sete anos de

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

idade, ela, com sua família, morou literalmente em uma escola quando seu pai exerceu a profissão de zelador.

Em “Memórias de uma menina que escolheu a educação como trajetória de vida profissional”, Cristiane Maccari Uliana Fretta nos conta o quanto a sua escolha pela docência foi motivada por questões familiares por ser filha e neta de professores(as). Seu avô, que foi professor por alguns anos de sua vida, ganha uma evidente centralidade já no início do texto quando a autora nos conta que seu avô paterno era “[...] um senhor alto, de cabelos brancos, voz mansa e muito culto” e que foi inspirada por ele para trilhar os caminhos da educação. E ainda acrescenta: “[...] contava-me muitas histórias, lia para mim muitos livros, por meio dos quais aprendi cedo sobre a importância da leitura e as possibilidades que ela nos permite para a transformação e a construção dos sujeitos”.

Cristiane Sant’Ana, imbuída de muita curiosidade, escreveu seu texto sob o título “Os boletins escolares do ensino primário: muitas memórias e descobertas”. Ao vasculhar o guarda-roupa de sua mãe, movida pela busca de fontes sobre a sua trajetória escolar, a autora encontra entre alguns objetos documentos, livros e cadernos, seus boletins escolares da primeira à oitava série do Ensino Fundamental (à época denominado Ensino do Primeiro Grau). Instigada pelas leituras sobre o conceito de memória, ela nos traz um excerto de Ecléa Bosi² (1994, p. 47), que nos leva a uma reflexão profunda a respeito do assunto: “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço da consciência”. E completa: “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (Bosi, 1994, p. 47). “Invadida” por esse pensamento, a autora segue desvendando seus boletins escolares “empurrada” por uma força subjetiva.

Em “Memórias e trajetórias de uma leitora e professora de inglês”, Edilane Pizoni Oening nos conta seu percurso escolar e como o gosto pela

² BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

língua inglesa a levou a escolher sua profissão. A partir de uma escrita que privilegia os acontecimentos organizados linearmente, de acordo com os níveis de uma educação formal, a começar pelo Jardim de Infância, a autora nos dá várias pistas de como a escolha pela docência em língua inglesa foi se tornando algo concreto em sua vida.

Ernesta Silveira Manenti, em seu texto “Minhas memórias, meus primeiros anos de escola”, por meio de suas memórias afetivas, informa-nos sobre seus primeiros anos escolares, o que corresponde ao Ensino Fundamental II, cursados na extinta Escola Estadual Lindolfo Collor, localizada no bairro Boa Vista, em Criciúma, SC. De maneira saudosista, ela nos oferece detalhes sobre o seu processo de alfabetização com a cartilha *Caminho Suave* e o seu encantamento com o magistério, aguçado pelo encontro com uma professora marcante em sua vida, já na terceira série.

“Uma trajetória estudantil, minha história, passado e presente” intitula o texto de Fabiula Perano Augusto. Nele, a autora evoca suas memórias de infância, seguidas de suas experiências nos primeiros anos escolares. Na sequência, descreve sua trajetória escolar até o ensino superior, passando pelo curso de Magistério. Dá-nos indícios do quanto a sua trajetória foi marcada por atos de resistência, próprios daqueles(as) que não nasceram em “berço de ouro”.

Gustavo Rodrigues Jordão, ao nos apresentar seu texto sob o título “As influências do educador na determinação da carreira do educando: a beleza de se trilhar um mesmo caminho”, faz-nos pensar sobre o quanto a convivência que teve com outro professor promoveu o seu desejo de se tornar professor. Na sua avaliação, algo belo e legítimo.

Jaqueline de Oliveira, a nossa bailarina (como a chamávamos carinhosamente ao longo da disciplina), aborda em seu texto intitulado “Entre palcos e salas de aula: histórias de uma professora que dança” aspectos de sua trajetória como estudante, até encontrar na dança sua identidade profissional. Segundo a autora, “A Educação Física trouxe para minha formação muitas experiências, das quais eu não imaginaria fazer parte”.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Já Laís Regina Laurentino Coral, professora da rede municipal de ensino de Criciúma, com seu vasto acervo pessoal, em seu texto intitulado “Entre encontros e desencontros: ‘a paixão pelo possível’”, narra, citando alguns documentos, sobre o seu encontro com a educação. Segundo a autora, “Foi neste mundo que cresci! Dançando, cantando e escrevendo poemas e diários desde cedo. Um desses diários guardo até hoje, embora o olhe e me pergunte por que ainda não viu o fogo, já que nele se fazem presentes vivências de adolescência, com palavras recheadas de puro sentimento”.

Em contrapartida, com uma suposta ausência de fontes documentais, Maria Aparecida Casagrande, em seu texto “Fragmentos de um tempo de escola”, proporciona-nos um verdadeiro trabalho investigativo em campo, em busca de documentos sobre seu passado como estudante. As descobertas que ela nos apresenta são surpreendentes, ao mesmo tempo que evocam memórias sensíveis, tais como: “Entendo, hoje, que as situações complexas e difíceis a vida se encarregou de dar um trato e trazê-las de volta de forma mais amistosa”.

Com “Memórias de uma eterna aprendiz: trajetória educacional de uma professora pesquisadora”, Odécia Almeida de Souza da Silva nos surpreende com seu hábito de guardar e registrar eventos de sua vida. Com uma vasta documentação que apresentou em sala de aula, a autora reuniu informações para narrar com riqueza de detalhes a sua trajetória, como retratou no trecho “No sacolejar do ônibus escolar, eu e um grupo de vizinhas e primas chegávamos à praça da igreja matriz³, mas antes de subirmos o morro onde ficava a escola, íamos à Padaria Minato para comprar um pãozinho d’água novinho, que vinha embrulhado em papel colorido”. Seu texto aborda aspectos da vida estudantil, bem como os primeiros passos como professora, historiadora e pesquisadora.

Samira Rousseng de Farias, em seu texto “Vivências que significam: a formação na escola básica de uma professora de história de

³ Praça em frente à Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, localizada no Centro de Maracajá, paisagem que era composta pelo Colégio Estadual e a Casa das Irmãs, tendo ao fundo o Morro Maracajá.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Criciúma, SC”, apresenta por meio de sua narrativa um texto ponte, com importantes indagações sobre a profissão docente, tais como: “A questão que envolve e move cotidianamente a profissão que escolhi é fluente: como ser uma profissional que faz a diferença dentro dos muros escolares?”.

Como último texto deste livro, chega-nos a escrita intitulada “Memórias educacionais e a imediaticidade das fontes digitais”. Nele, Thalia Estevam nos brinda com um texto que transita em diferentes camadas do tempo: uma carta. Desse modo, brinda-nos, por exemplo, com o trecho “Acredito, em tom de palpite, que Vossa Senhoria jamais tenha recebido uma carta, considerando que nós, datas, não somos lá muito populares em termos de amizade. Mas como nem tudo que reluz é ouro, esta carta tem cunho apelativo, pois venho por meio desta lhe pedir um favor”.

Assim, o conjunto desses 13 textos é um convite para uma leitura leve, agradável e que, ao mesmo tempo, foi fruto do espaço acadêmico, permeado por teorias, embora sem se distanciar das memórias afetivas de seus/suas autores(as).

REFERÊNCIAS

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e história da educação. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. 3. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 416-429.

ESCOLA, VIDA E DOCÊNCIA: MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS DO PERCURSO FORMATIVO

Catia Elaine Alves Constante

“O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.” (Bloch, 2001, p. 75)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Este é um memorial autobiográfico articulado aos saberes científicos, o qual será utilizado para apresentar meu percurso formativo, estudantil e profissional, vinculado com a história da educação. Lembrar exige esforço, pois a memória precisa ser ativada, provocada. Por esses motivos, busquei reunir lembranças individuais com narrativas de familiares, de colegas e presentes em fontes de arquivos pessoais. Ao reorganizar a memória, é possível reconhecer a própria identidade e o pertencimento. Para Ecléa Bosi (1983), lembrar não é viver novamente, mas reconstruir na memória imagens para refazer ideias do passado no presente. Rememorar é um processo lento, gradativo e importante, pois contribui para a construção de novas narrativas. Com o auxílio das memórias, percebemos que histórias individuais compõem cenários coletivos e dinâmicos do mundo estudantil.

O estudo da memória enquanto um conceito teórico da área de história tem sido tema recorrente em diversas pesquisas devido à importância interpretativa e ao alcance que esse tema oportuniza. Clarícia Otto (2012), em seu livro intitulado “Nos rastros da memória”, destaca o quanto esse processo cognitivo é importante para a construção de identidades. A memória pode auxiliar na compreensão da história. Ela se torna uma alternativa à aprendizagem ao entrelaçar narrativas históricas com experiências vivenciadas, potencializando a sua compreensão. Clarícia Otto (2012, p. 23) destaca que “[...] não há como compreender os processos de produção da história sem perseguir e perscrutar os rastros da memória”. Para a autora (2012), rememorar é um ato indispensável para a vida, mas é necessário ter claro que a memória não é sinônimo de história, ela pode ser um objeto de investigações históricas.

Circular entre as lembranças formativas da infância e da fase adulta entrelaçando a memória individual e coletiva é um exercício que demanda tempo e atenção. Iniciei cedo na docência, minhas memórias são

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

paralelas. Eu era aluna e professora, e a escola sempre foi referência de vida. A maior parte do tempo permaneci e ainda permaneço na escola, e a escola subsistiu e ainda subsiste em mim.

Dos meus 45 anos de idade, cinco deles vivi longe da escola, em 12 deles fui estudante e 28 têm sido de trabalho e estudo escolar. Essa aproximação temporal será apresentada no decorrer do capítulo e retratada a partir das próprias memórias e de fontes entrelaçadas com a história da educação. António Nóvoa (1996) enfatiza que diversas pesquisas têm revelado conflitos ao naturalizarem ou narrarem de acordo com os interesses individuais a história da educação. Para evitar conflitos, eu me propus a evidenciar acontecimentos históricos e sociais entrelaçados aos pessoais, os quais reverberam o contexto coletivo e não são naturais, mas sim culturais.

A proposta de elaborar este memorial surgiu na disciplina “Memória Docente e Gênero”, ofertada pelas professoras Giani Rabelo e Susana da Costa Waschinewski, durante o curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), da qual participei junto com outros(as) 20 colegas. Os conteúdos abordados foram: História da Educação como campo de pesquisa e as fontes; Trabalho docente e a feminização do Magistério; Gênero e docência; Memória e história; Teoria da história oral e sua metodologia; e Memórias docentes, pesquisa com arquivo de mulheres.

Para o fechamento da disciplina, realizamos coletivamente uma oficina de memória, a qual foi dividida em dois encontros. No primeiro, compartilhamos documentos de nosso arquivo pessoal, como objetos e fotos. Nossas recordações foram narradas a fim de aguçarmos nossas memórias em busca de lembranças. No segundo encontro, apresentamos um ensaio autobiográfico simplificado. Durante o término da oficina, foi lançado um desafio, cuja proposta foi qualificar os textos pessoais, dialogando com o referencial teórico, sendo possível a ocorrência de uma publicação coletiva. Essa opção nos causou entusiasmo e empenho.

Estudos, reflexões, aprendizagens e trocas de experiências instrumentalizaram o conhecimento teórico das temáticas, entrelaçados à

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

minha apresentação das fases educacionais desde a primeira série até a pós-graduação, de estudante à educadora e das permanências entre ensino e aprendizagem.

Apresento-me como estudante curiosa e professora freiriana; sempre fui muito ativa no processo escolar e enquanto aluna e professora procuro interagir dialogicamente no fazer pedagógico. Acredito no poder transformador da educação. Atuo com a intenção de formar cidadãos capazes de ler o mundo ao qual pertencem.

Externo este texto em duas partes. Na primeira, “História formativa: uma vida conectada à educação escolar”, descrevo a memória de minha relação com o espaço físico escolar, onde permaneci/permaneço a maior parte do tempo, bem como minhas histórias formativas da educação familiar e da educação formal, descrevendo lugares onde estudei, encontros e desencontros, o ser estudante e a alegria de ser chamada de professora. Na segunda parte, intitulada “Entre a Licenciatura e a Docência”, traço meus caminhos de estudante, pesquisadora e professora, buscando promover uma reflexão sobre os desafios e percursos da profissão docente.

HISTÓRIA FORMATIVA: UMA VIDA CONECTADA À EDUCAÇÃO ESCOLAR

O cenário escolar compõe meu passado e presente e, certamente, irá compor o meu futuro. Grande parte de minhas lembranças se situam nesse campo. Trata-se de um pertencimento identitário intenso quando analisado historicamente. Rememorando, identifico a interligação entre a vida pessoal e a vida profissional. Não é possível organizar a memória, mas, por meio dela, mediante exercícios reflexivos, situações antes incompreendidas ganham sentido. Com maior nitidez, percebi que escolhas, decisões e caminhos os quais segui não surgiram naturalmente como eu pensava.

A escola está em mim, ela é parte de minha vida. Por consequência do destino, cheguei até mesmo a morar em uma escola. Foi por pouco

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

tempo, mas isso marcou profundamente minha vida. Dos seis aos sete anos de idade, meu pai foi zelador¹ da Instituição de Ensino Profissional de Nível Médio Centro Interescolar de Segundo Grau (CIS), atual Centro de Educação Profissional Abílio Paulo (CEDUP), situado na cidade de Criciúma, SC. Na época, escolas secundaristas ofereciam habitação familiar para guarnecer o espaço. Literalmente, minha casa era a escola.

Na perspectiva de uma criança, a experiência de morar em uma escola dobra em proporção e significado, como também cria confusões. No meu caso, eu pensava que a escola era nossa, eu a amava, já meus pais nem tanto. Compreensível, pois para eles era muito trabalho e não podiam se ausentar do local nem mesmo em alguns finais de semana. A principal função desse serviço era cuidar da escola. Mesmo assim, boas recordações restaram daquele lugar energizado de cultura e aprendizagem, com professores e jovens que buscavam pela educação oportunidades. Nós nos sentíamos acolhidos pela comunidade escolar. Eu, muito falante, curiosa e feliz da vida, ganhei de uma estudante secundarista o meu primeiro livro de literatura infantil. Acredito que ter morado na escola mobilizou o sentido de eu querer ser professora.

Ingressei na escola quando a Ditadura Militar chegou ao fim, em 1985. Meus pais ainda dizem que foram tempos difíceis; eles eram jovens e tinham três filhas. Levaram alguns anos para se equilibrar e fixar moradia. Enquanto isso, era um troca-troca de casas, escolas, professores e colegas. No ensino primário, cresci sem pertencimento escolar, o que causou tristezas que só foram superadas muitos anos depois. Circulamos entre Porto Alegre, Santa Rosa do Sul, Sombrio, Cocal do Sul e Criciúma, até fixarmos moradia em Içara. Minha mãe, traumatizada, conta que teve que fazer 14 mudanças de casa. Quando completei 15 anos, compramos nossa casa própria, e ela disse que nunca mais se mudaria, fato que se concretizou, pois até hoje mora no mesmo lugar. Até pouco tempo, eu reproduzi sentimentos de

¹ Nesse período, a função de zelador garantia casa ao profissional, assim ele e sua família moravam em uma parte da unidade escolar.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

minha mãe ao me lembrar dessas histórias. Eu sentia uma profunda tristeza e não sabia lidar com as angústias.

Adulta, hoje compreendo que a desestrutura social é produzida economicamente como mantenedora do sistema. A realidade de minha família foi e continua sendo a mesma na vida de milhões de brasileiros(as) que buscam conquistar uma terra para morar dignamente, um espaço social mais confortável. Meus pais não desistiram, lutaram e permaneceram superando fases difíceis até criarem e formarem suas três filhas. A dificuldade me fortaleceu. O esforço e a persistência me trouxeram ao doutorado.

Durante minha infância, fui criada com as histórias que a mãe contava de meus avós maternos sobre como ajudaram duas jovens estudantes em momentos diferentes. Essas jovens, que vieram sozinhas de cidades distantes, foram acolhidas por meu avô, o qual era pai de três meninas. Para ele, isso as protegeu, não as deixando ser mal faladas e expostas. A última jovem acolhida foi considerada como parte da família, morando com eles por seis anos até o dia de seu casamento. Inicialmente, pensei que meus avós estivessem apoiando as professoras, mas ao escrever este texto descobri que meu avô na verdade acreditava que suas filhas não deveriam seguir essa profissão, pois professoras tinham dificuldade em se casar bem e apenas atraíam pretendentes interesseiros, apelidados de gigolôs.

Por parte de pai, tenho duas tias professoras, que foram incentivadas a estudar. Sem ter refletido sobre minha escolha profissional, eu acreditava terem vindo dessas relações as raízes de minha profissão, no entanto, com estudos e mais esclarecimento, percebi que no passado, por serem poucas as oportunidades de trabalho ao público feminino, essa profissão foi e continua sendo uma alternativa possível. Fui incentivada nessa profissão por ser uma das melhores escolhas para a mulher, com mais flexibilidade em horários, além de direitos trabalhistas.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2007), devido à escassez de oportunidades de trabalho para mulheres, o magistério se tornou uma alternativa viável. A profissão de professora era vista como um espaço feminino que reforçava o ideal imaginário de uma mulher moralmente correta

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

e responsável por criar bons homens. Durante meus estudos, participei dessas discussões e apesar de acreditar que minhas escolhas profissionais se basearam no desejo de independência e carreira, agora reconheço que a vida profissional feminina ainda é difícil devido às questões de gênero. Embora o Magistério tenha superado a fase inicial de ser uma profissão exclusivamente feminina e de cuidado, ainda existem muitos cenários onde essa mentalidade é reproduzida.

Guacira Lopes Louro (2007) também aborda a feminização do Magistério e a formação de normalistas, destacando que isso ocorreu devido à obrigatoriedade do ensino e à necessidade de recursos humanos para as novas escolas. As escolas de cursos normais, que formavam principalmente professoras mulheres, tornaram-se uma oportunidade para elas ganharem espaço no mercado de trabalho, enquanto os homens, possivelmente devido à urbanização e ao desenvolvimento do País, migraram para as indústrias. Esse período foi uma oportunidade para as mulheres terem mais opções profissionais.

Muitas delas escolheram/escolhem a carreira docente devido a uma combinação de fatores históricos e memórias sociais e familiares. Eu faço parte dessas histórias, tendo crescido escutando desde criança que ser professora era a melhor profissão. Como estudante, a responsabilidade era frequentar a escola e tirar boas notas para garantir um futuro melhor, uma expressão frequentemente utilizada com aqueles que não tinham recursos financeiros. Estudar significava ter oportunidades profissionais mais promissoras.

Escrever este memorial fortaleceu a minha identidade, pois me fez enxergar com mais clareza o meu percurso formativo. Em diversos momentos, senti emoções intensas. No entanto, as memórias demoraram a surgir e, inicialmente, pareciam inexistentes, o que me causou estranheza. Com o tempo, percebi que bloqueara inconscientemente algumas lembranças devido a traumas ligados à minha infância escolar. Tenho poucas recordações dos anos iniciais, pois minha família passou por uma sequência de situações conflituosas que afetaram nossos caminhos. Sofremos um terrível

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

acidente automobilístico, que resultou na morte do meu tio e deixou minha irmã, meu pai e minha tia gravemente feridos. Dois anos depois, nasceu minha irmã mais nova e frequentes mudanças de casas, escolas e cidades me deixaram perdida. Finalmente, aos nove anos, meus pais, já com mais estabilidade, conseguiram fixar moradia e eu passei a estudar em uma escola isolada no interior da cidade de Sombrio até o quarto ano. Naquele período, as dificuldades foram sendo amenizadas.

Os anos de ginásio², entre 1989 e 1992, foram os mais prazerosos da minha vida escolar. Apesar de mudar de casa, estudei na mesma escola de Educação Básica Protasio Joaquim da Cunha, na cidade de Sombrio, durante quatro anos. Naquela instituição, criei laços com colegas, professores(as) e lugares, o que me proporcionou um sentimento de pertencimento.

Ao revisitar minhas memórias por meio deste exercício, percebi o quanto os problemas sociais podem interferir na infância e permanecer na vida adulta. Não é à toa que muitas terapias enfatizam a importância de curar nossa criança interior. Ao escrever este memorial, substituí os relatos cotidianos que ouvi ou ficava sabendo dos dramas dos(as) alunos(as), assuntos tão frequentes da profissão, e mergulhei em minha própria história e nos meus dramas.

Com minhas memórias, pude compreender de forma profunda e integradora a relação entre minha experiência pessoal e minha prática diária como educadora. Entretanto, percebi que embora os dramas pessoais possam nos aproximar, eles também nos distanciam, pois cada criança tem sua própria história e experiências únicas, as quais podem ser tanto felizes quanto tristes. Não podemos relativizar essas experiências, mas precisamos respeitá-las e compreendê-las para melhorar nossa prática como educadores(as). É nosso papel como profissionais da educação criar um ambiente seguro e acolhedor para que as crianças possam expressar suas experiências e seus sentimentos e nós possamos ajudá-las a superar seus traumas e a se desenvolver emocionalmente.

² Corresponde ao Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano. Antes era denominado Ginásio e abrangia a 5ª até a 8ª série.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Ao estabelecer uma conexão profunda entre teoria e prática, a vida ganha um significado mais profundo e a liberdade se torna uma possibilidade real. Refletindo sobre isso, compreendi melhor a amplitude do que Paulo Freire (1983) afirmava sobre a educação como prática de liberdade. Quanto mais estudamos e compreendemos, mais somos capazes de melhorar e transformar nossa realidade social. A educação é uma ferramenta poderosa para alcançar a liberdade, pois nos permite questionar e mudar as estruturas sociais injustas e opressivas. Quando entendemos a importância da educação nesse processo, tornamo-nos agentes de mudanças capazes de construir um mundo mais justo e igualitário.

Atualmente, trabalho com turmas de Ensino Fundamental, principalmente oitavos e nonos anos. Percebi que isso não foi por acaso. Esses anos foram os mais felizes da minha vida estudantil e como não é possível reviver essa fase, a docência me permite revivê-la anualmente. É um prazer imenso estar entre adolescentes e jovens, contribuindo para despertar o pensamento reflexivo e crítico, assim como ocorreu comigo no passado.

Tenho inúmeras lembranças ótimas dessa fase. Embora pudesse escrever páginas e mais páginas sobre ela, vou omitir as molecagens e brincadeiras para destacar como a minha paixão pela licenciatura em História surgiu. Comecei a entender o contexto político, econômico e social brasileiro, que estava em êxtase devido à abertura política e ao fim da censura aos partidos, sindicatos, estudantes e professores que pensavam diferente e sonhavam com uma pátria melhor.

O sonho de uma pátria democrática e livre, regida por uma constituição cidadã³, a de 1988, trazia esperança, que era manifestada pelos professores em sala de aula. Minha professora de História era uma crítica da Ditadura Militar. Lembro-me das aulas em que ela narrava as atrocidades cometidas pelo regime e indignada fazia denúncias e

³ A Constituição de 1988 é o texto-base que determina os direitos e os deveres dos entes políticos e dos cidadãos do nosso país. Foi escrita durante o processo de redemocratização do Brasil após o fim da Ditadura Militar, sendo conhecida por isso como Constituição Cidadã (Brasil Escola, s.d.).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

alertava-nos sobre os problemas da repressão. Havia outras professoras também críticas que estimulavam em mim uma maior vontade de compreender a realidade.

Ingressei no Ensino Médio em 1993, aos 15 anos, período que exige fazer escolhas, encontrar caminhos, trabalhar, namorar e iniciar os percursos formativos profissionais. A oferta do Ensino Médio gratuito se dividia em profissionalizante ou ensino geral. Ao optar pelo ensino profissional, já seria um encaminhamento para o trabalho. No ensino geral, o(a) aluno(a) se preparava mais para o vestibular e para dar sequência aos estudos acadêmicos.

Por gostar muito de estudar e de estar na escola, decidi unir o útil ao agradável. Então, durante o período do Ensino Médio, já morando em Içara, optei por fazer o curso de Magistério no bairro Próspera, em Criciúma, SC, na escola Governador Heriberto Hülse. Essa escolha me possibilitou conhecer os bastidores da vida profissional, algo que não conhecemos enquanto alunos. Foram quatro anos de curso, entre 1993 e 1997, e minha turma seguiu junta, trocando experiências e vivências escolares. Esse foi um tempo de preparação para o ingresso na vida docente.

Paralelamente ao curso de Magistério, entre 1995 e 1996, trabalhei dois anos como bolsista na Escola Estadual de Ensino Básico Folhariani Dajori, no município de Içara. Trabalhava meio período e, em troca, recebia um pequeno valor. Minha função era auxiliar de secretaria. Essa escola foi muito especial, pois eu trabalhava com a minha tia, que era professora e diretora. Aos 17 anos, assumi minha primeira turma como docente e foram três meses em que experimentei o prazer de ser chamada de professora, um termo que até hoje me deixa orgulhosa. Desde então, tenho me construído como professora e a cada ano meus alunos me ensinam novos caminhos. Ao longo de 26 anos de profissão, entre erros e acertos, tenho a certeza de que ainda há muito a aprender.

ENTRE A LICENCIATURA E A DOCÊNCIA

Na maior parte do tempo, fui aluna e professora de escola pública, exceto na graduação e na pós-graduação. O ensino gratuito me proporcionou aprender e compartilhar tudo o que sei. Reconheço e reverencio a gratuidade que oportuniza aos filhos de trabalhadores acessar uma formação de qualidade. Porém nem sempre foi assim, é recente a história da democratização e gratuidade do ensino, principalmente a concessão de bolsas e os incentivos para cursos superiores. No período universitário e de pós-graduação *lato sensu*, trabalhei dobrado para custear os estudos, fato que limitou a formação.

Aprovada em 1997 no vestibular, ingressei na UNESC, no curso de Educação Física, o qual cursei apenas um semestre, pois logo troquei para História, curso que sempre tive interesse. A troca foi motivada pela oferta de mais oportunidades de trabalho, pois precisava trabalhar para pagar a faculdade. Pela falta de professores na área, logo no segundo ano de faculdade eu assumi como professora de História. Inicialmente, com 20 horas, que depois aumentaram para 40. Assim que terminei a licenciatura em História no ano de 2001, com 23 anos, prestei concurso e me efetivei na rede estadual de ensino. Ter trocado de curso foi assertivo, pois havia um maior número de vagas para a disciplina de História.

Recordar ou esquecer... busquei lembranças que representam o período da licenciatura e o início da docência. Elas me proporcionaram uma mistura de sentimentos, angústia e desconforto, contrastando com satisfação, persistência e vitória. Gosto muito de estudar e amo minha profissão, mas minha história não se difere da de milhares de pessoas. Pouco recurso econômico e social para desbravar o universo oportunizado pelo conhecimento científico. Aprender e ensinar exigem superação das adversidades, e minha história pessoal e profissional é um retrato disso.

Pierre Nora (1993) descreve que memória não é sinônimo de história, mas pode auxiliar na elaboração de pesquisas, como referência, fonte e

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

vestígio a serem investigados para compor uma narrativa. Espero contribuir coletivamente para a história educacional com minha parcialidade oferecida neste memorial autobiográfico. De acordo com Pierre Nora (1993, p. 9),

A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

As memórias acadêmicas e profissionais podem ser saudosas ou dramáticas. No meu caso, recordei-me com aflição do período de formação acadêmica, da falta de recursos e de tempo para os estudos, que era um imperativo. Precisava trabalhar 40 horas semanais, quando não nos finais de semana, para conseguir bancar as mensalidades. Só em pensar, dá um nó na garganta.

Em 2001, incentivada por um colega da universidade, comecei a escrever minha memória em um caderno/diário, e foi esse objeto e outros documentos do arquivo pessoal que me auxiliaram na escrita do memorial. Leituras, carinhosas e saudosistas, foram o suficiente para constatar a loucura que foi aquele período em minha vida. Pensei em parafrasear Juscelino Kubitschek⁴, “Cinquenta anos em cinco”, mas achei exagero, pois não me endividei nem me corrompi por ter feito tanta coisa em cinco anos. Período de exaustivo trabalho, estudo, atividades acadêmicas e juvenis.

⁴O Presidente Juscelino Kubitschek prometia incrementar a industrialização brasileira por meio do Plano de Metas, cujo lema era “cinquenta anos em cinco”. Esse plano completaria o quadro da industrialização do País por meio da “substituição das importações” nos setores de bens de capital e bens de consumo duráveis (Sousa, s.d.).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Não irei descrever sobre cada trabalho desenvolvido, apenas apresentarei dificuldades e felicidades, conflitos e soluções, aprendizagens e ensino. Poucas eram as condições econômicas. O valor da matrícula da faculdade foi retirado da venda do único carro da família. Reforço que foram cinco anos de luta para trabalhar e custear as despesas da universidade. Enquanto acadêmica, fiz plantão na Secretaria Municipal de Educação de Içara para conseguir pegar aulas e pagar minha faculdade. Todo ano a mesma coisa! Às vezes, era preciso indicação política, pois a baixa classificação não alcançava as vagas, mas quando recebia ajuda, eu tinha que retribuir com apoio político.

No final da década de 1990, era pouca ou nenhuma oferta de bolsa estudantil para curso superior, ao menos não me lembro desse recurso. No final da minha graduação, nos anos 2000, as Prefeituras da região começaram a beneficiar alguns/algumas estudantes, concedendo um percentual de bolsa. O artigo 170⁵, na época, começou a ser ofertado. Estudar em universidade particular era a alternativa para os(as) filhos(as) dos(as) trabalhadores(as). A universidade pública privilegia geralmente os(as) filhos(as) da classe média alta, devido às seletivas de ingresso, o famoso vestibular.

Para conseguir custear o curso, eu dava aula meio período, encaixava atividades acadêmicas no outro. Cantei no coral da UNESC e elaborei e desenvolvi um projeto de extensão. Essas atividades foram convertidas em desconto nas mensalidades. Participei de uma infinidade de formações continuadas para aumentar a classificação e auxiliar no processo seletivo de escolha de aula. Assim, posteriormente, consegui pegar 40 horas, mas mesmo assim o salário era baixo e eu mal conseguia me manter. Cheguei a escrever uma carta pedindo auxílio financeiro, encaminhei uma cópia para todos os deputados estaduais – sem nenhum retorno, é claro! De alguns recebi apenas cartas de felicitações no mês de meu aniversário, durante alguns anos, o que causou ainda mais indignação devido à indiferença e ausência de políticas públicas destinadas ao curso superior.

⁵ O Programa Bolsas de Estudo e Bolsas de Pesquisa se fundamenta no Art. 170 da Constituição do Estado de Santa Catarina, que prevê assistência financeira aos(as) alunos(as) matriculados(as) nas instituições de educação superior legalmente habilitadas a funcionar no estado de Santa Catarina (Santa Catarina, s.d.).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Em meio às dificuldades, não posso subtrair momentos felizes de conquistas e superações. Lembro-me de que na época em que ingressei no curso superior, melhorou a relação familiar e o orgulho próprio, principalmente de meus pais, por terem uma filha universitária. Conviver, aprender e experienciar novos conhecimentos, possibilitando uma formação profissional, foram, sem dúvida, um divisor de águas. Graças ao estudo, pude ter a honra de me tornar professora e assumir um papel social de uma profissão que considero uma das mais nobres. Estar numa escola e ter classes de alunos para chamar de meus, não no sentido de posse, mas no sentido de fazer parte, foi e continua sendo o ápice de minhas conquistas.

Antes de me efetivar, durante o curso de graduação, trabalhei cinco anos como professora Admitida em Caráter Temporário (ACT). Nos dois primeiros anos, atuei na educação infantil e na educação especial, e nos três últimos atuei na área de História, na docência e no departamento cultural do município de Içara. Como diretora de museu, desenvolvia eventos culturais e exposições na temporada de verão, período em que o(a) professor(a) contratado(a) perde seu emprego. Nesses longos cinco anos, praticamente não tive férias nem finais de semana, pois o museu abria inclusive nos feriados.

Dos eventos realizados, um em especial acredito ter ficado na memória coletiva dos moradores e veranistas do balneário Rincão: a “Missa de Terno de Reis”⁶, que aconteceu durante três anos consecutivos na data em que se comemora o Dia dos Reis, em 06 de janeiro, a qual coincide com o aniversário da cidade de Criciúma. Esse evento reunia fé, cantoria e festividades culturais. O Grupo Folclórico Estrela Guia brilhou na noite cultural. No término da missa, ocorreu a apresentação do boi de mamão⁷ e a visita surpresa às casas dos moradores que residiam/residem

⁶ Terno de Reis se refere a canções interpretadas por pequenos grupos de músicos, com referência à história bíblica dos Três Reis Magos e à sua chegada ao lugar onde se encontrava o menino Jesus recém-nascido. Baseado na tradição religiosa açoriana, é comemorado mundialmente no dia 6 de janeiro e faz parte de uma das festividades mais tradicionais da fé cristã (Prefeitura Municipal de Navegantes, s.d.).

⁷ Inicialmente, o Boi de Mamão era denominado “O Folguedo do Boi Falso” ou “O Boi de Pano da Ilha de Santa Catarina” e somente na década de 1930 recebeu o nome atual. Isso

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

próximo ao museu. Outros eventos também se desenvolveram no decorrer do ano, como a Festa do Padroeiro São Donato, a Festa do Colono, a Festa do Apicultor e, em especial, o IX Encontro Açoriano, um evento estadual sediado anualmente por cidades litorâneas de colonização açoriana.

Todo esse movimento oportunizou a minha participação em diversos cursos, eventos culturais e acadêmicos, viagens de estudos, incluindo uma publicação⁸. Nas prefeituras municipais de Criciúma e Içara e na Universidade do Extremo Sul Catarinense, eu coordenei o trabalho burocrático, em 2001, objetivando criar oficialmente o Museu Arqueológico “Igrejinha do Balneário Rincão”, documentando e promovendo o tombamento, assim como o da “Igrejinha da Linha Anta”, outro espaço ocioso que precisava de atenção pública cultural. Minha entrega e dedicação rendeu vastas experiências.

Paralelo ao trabalho profissional, no último e carregado ano da graduação, tive o estágio, o relatório, a viagem de estudo para as cidades históricas do Rio de Janeiro e Minas Gerais, a aguardada festa de formatura e, por fim, o concurso público estadual. No final de 2001, formei-me em licenciatura plena em História. Em seguida, fui aprovada no concurso público da rede estadual de ensino. Formada e efetivada, nos anos seguintes, pude acalmar meu coração. Tinha chegado, finalmente, ao fim dos longos cinco anos, os quais chamei anteriormente de loucura. Mas dando continuidade, iniciei, então, uma nova fase de minha vida profissional, a qual descreverei na próxima seção.

porque as crianças, na falta do crânio original, usaram um mamão para fazer a cabeça do boi (Prefeitura Municipal de Navegantes, s.d.).

⁸ Contribuí com a produção do primeiro caderno do patrimônio histórico de Criciúma, publicado em 2001, intitulado “Circulando por lugares sagrados: reconhecendo a memória religiosa de Criciúma”, organizado por Lucy Cristina Ostetto e Marli Oliveira Costa.

PROFESSORA FORMADA E EFETIVADA NA DOCÊNCIA

Dedicada exclusivamente à docência, efetivada e com maior segurança profissional, pude pegar férias, começar a construção da casa própria, como também me casar e ter uma filha. As conquistas pessoais foram comemoradas coletivamente com colegas da escola, professores(as) e alunos(as). Recebi sempre muito carinho, comemoramos a despedida de solteira, tive um chá de panela, festa de casamento e, depois, chá de bebê. Lembro-me até de um aniversário no dia 31 de dezembro, único em que passamos na escola, por termos feito greve. Parte dessas lembranças tenho arquivadas no meu caderno, em caixas de recordações e em fotos, cartas, cartões, bilhetes, presentes e lembranças, os quais hoje são testemunhas de minha memória.

Para conciliar profissão, casa e maternidade, tive suporte da família e do Centro de Educação Infantil. Isso foi fundamental para eu seguir investindo na vida profissional, realizando especialização e cursos de formações continuadas. Em 2006, pós-graduação (especialização); em 2013, o mestrado; e, atualmente, em 2023, estou cursando o doutorado. Diferente da graduação e da primeira pós-graduação, as quais tive que pagar integralmente, nos programas *stricto sensu*, recebi incentivo e apoio governamental, sendo contemplada com bolsa integral de estudo e licença do serviço para cursar o mestrado e, atualmente, o doutorado. Com incentivo, a dedicação e a qualificação profissional têm sido intensas e prazerosas. Certamente, o resultado desse investimento tem retornado à sociedade por meio da prestação de serviço público de qualidade. Ampliar e manter esse direito significa promover o desenvolvimento social e educacional. Sou grata e reconheço que esse investimento na educação precisa ser mantido, valorizado e ampliado.

Em 2006, com minha filha ainda bebê, comecei uma pós-graduação em Educação Especial. Momento de aprender e compartilhar experiências. Aprendi muito com minha equipe de estudo. Tratava-se de professo-

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

ras em fim de carreira e militantes em defesa de escolas inclusivas. Uma criança especial foi nosso estudo de caso. É filha de uma das professoras, mulher negra, forte e militante, a qual a educou e socializou conosco suas experiências de ser mãe de uma menina especial com deficiência intelectual e autismo, que frequentava a escola. Outra colega de equipe, professora e deficiente física, superou obstáculos para assumir a rotina docente. Essa especialização foi uma aprendizagem profunda, a teoria fundamentou os desafios da prática. Aprendi o significado de resistência e permanência. Sempre quis saber os porquês das coisas. Curiosa e sonhadora, escolhi ser professora para ajudar a melhorar a sociedade.

Com a família, aprendi a ser solidária, inclusiva, sensível e forte ao mesmo tempo. Diversas são as pessoas que me inspiraram. Sou grata aos que me motivaram e incentivaram. Na escola, aprendi com colegas, professores(as) e teóricos(as) a ler o mundo. No Ensino Superior, eu me formei professora de História, pesquisadora, questionadora e crítica. Na pós-graduação em Educação Inclusiva ampliei minha percepção humana. No mestrado, com mais maturidade, pude aprofundar os estudos científicos, reconhecendo equívocos do cientificismo, a racionalista, ampliando a compreensão até então estreita, romântica e ingênua.

Hoje sigo ampliando a visão na tentativa de enxergar o que sempre fica oculto. Enquanto doutoranda em Educação, além de aprofundar conhecimentos para elaborar uma tese, encontro-me construindo e desconstruindo saberes e revisitando minha trajetória.

Aprendi a ser professora com os(as) alunos(as). Eles(as) me ensinaram como agir, como me comportar ante o ensino e a aprendizagem, enquanto a teoria embasou minha prática pedagógica. Assim, na escola, todos os momentos são de aprendizagens. Nos intervalos, no recreio, nos eventos culturais e esportivos, principalmente nas aulas, em círculo, dentro ou fora de sala, nas viagens de estudos, nas festas de formaturas e em outros eventos, cada momento um aprendizado. Enquanto aluna, lembro-me de que as melhores aulas eram com professores que iam além do ensino e promoviam uma relação de amizade.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Tornei-me uma professora que preza pela relação professor-aluno pautada pelo conhecimento elaborado coletivamente nesse processo. No início da profissão, queria ser ouvida no grito, mas logo aprendi que não seria possível e que o melhor caminho seria conquistar o respeito. Optei por ser próxima aos alunos, por falar, ouvir e enxergar, incentivando a retribuição e o respeito à diversidade; dessa forma, os encontros têm se tornado parcerias. É comum hoje encontrar alunos(as) que relatam/compartilham com carinho lembranças de nossas aulas.

Sempre fui sonhadora, dedicada, espontânea, criativa e responsável. A ideia de ser professora era para mudar o mundo, fazer a diferença e promover transformações. Eu acreditava ser possível, assim como acreditava apenas nas possibilidades positivas. Então permaneci alimentando sonhos, mas, por vezes, acumulei pesadelos. Não consegui mudar nada, meus ideais ficaram distantes e então eu me decepcionei profissionalmente.

Quinze anos de docência e eu comecei a me sentir deprimida, incompreendida, tendo meu primeiro e gigantesco conflito. Pensei em desistir e abandonar a profissão. Não estava contente, muito menos conseguia alcançar meus objetivos. Estava reproduzindo e infeliz. Faltava força para continuar. Nesse conflito interno, tive a ajuda de uma amiga, a orientadora escolar, que me enxergou, me sentiu e me defendeu de mim mesma, dizendo que a culpa não estava comigo, mas que eu precisava ser forte e aprender a lidar com as adversidades.

Para superar a crise interna, busquei conhecimento. Fui fazer mestrado em Educação na tentativa de me reencontrar. De fato, foi um divisor de águas. Compreendi que as mudanças as quais eu queria fazer precisavam ser internas. Até hoje tenho dificuldade de superar a ingenuidade, mas comecei a enxergar o mundo e a educação com outros olhos. Percebi o porquê das coisas. Continuo como milhares de pessoas não concordando com sistemas que desumanizam a educação. Atualmente, sigo num ritmo descompassado do coração, mas aprendi que é necessário se adaptar para sobreviver. Ainda continuo sonhando.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Na profissão docente, temos acumulado trabalho burocrático. Eu sinto que está ocorrendo um distanciamento nas relações entre ensino e aprendizagem. Para acompanhar a velocidade tecnológica e das mídias digitais, a educação vem seguindo por caminhos que desumanizam a profissão. Professores estão adoecendo de tanto trabalho para conseguir permanecer em sala de aula, tendo que buscar terapias alternativas ou medicamentos para suportar e sobreviver profissionalmente.

Após o mestrado, retomei a força, recuperei o fôlego e segui em minha profissão. Junto aos(às) colegas e aos(às) alunos(as), coloquei em prática parte do aprendizado. Criei oportunidades para trabalhar com a história ambiental e realizar um projeto de pesquisa. Mantive o laço com meu orientador e com o grupo de pesquisa em História Ambiental e Educação⁹. Assumi na escola a coordenação de um projeto federal em educação ambiental denominado “Com-vida”¹⁰, viabilizando um trabalho de envolvimento e integração dos(as) alunos(as) com a natureza, reconhecendo a conexão e a necessidade de aproximar o humano do mundo natural.

Passaram-se sete anos de trabalho comprometido e de realização. Sempre enfrentando dilemas e dificuldades, pois a dinâmica escolar não é simples. No ano de 2020, fomos surpreendidos por uma pandemia denominada Covid-19, e o trabalho foi alterado. O estudo foi intermediado por aulas remotas. Em casa, professores(as) e alunos(as) passaram a desenvolver suas atividades com o auxílio da tecnologia. Aulas *on-line* foram as alternativas para o trabalho docente, porém uma, entre tantas aulas, foi censurada, descontextualizada e deturpada. Fora de domínio, o nome da escola, o meu nome e minha imagem foram expostos nas redes sociais. A viralização de uma aula alterada e manipulada a serviço do ódio foi destrutiva profissionalmente. Trabalhos comprometidos têm sofrido perseguição de pessoas mal-informadas, mal-intencionadas e manipuladoras,

⁹ Grupo de estudo registrado pela Capes, de formação continuada, coordenado pelo professor Carlos Renato Carola, com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre história ambiental e educação. Esse coletivo existe desde 2008 e tem dado suporte aos(às) pesquisadores(as) dessa linha de pesquisa.

¹⁰ Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (COM-VIDA) - Ministério da Educação.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

que prestam um desserviço social e prejuízo à comunidade educativa. A desconstrução e a humilhação proferidas a mim e à minha classe foram desconcertantes.

De vez em quando, ainda penso em desistir, mas superar a dor e dar a volta por cima é o que aprendemos com o nosso trabalho. Esse golpe que sofri, no entanto, parece duro demais para eu me reerguer. A escola sem partido, um movimento ideológico conservador, posto em prática a partir de 2018, tem se proliferado por meio de perseguições e ataques a professores(as), propondo implementar censura e restrições a temas e a abordagens por ela julgados doutrinadores. Causador de tantos conflitos, esse movimento foi responsável por mais um, entre tantas perseguições, à categoria de professores(as). Mas esse golpe serviu para me fortalecer e eu reconhecer mais uma vez que não estou no caminho errado. Posso errar e acertar como qualquer um, sem perder a dignidade de ser professora. Resistir! Esse tem sido o lema da educação.

Em tempos difíceis, gratidão aos(às) colegas de profissão, aos(às) alunos(as) e amigos(as), aos(às) conhecidos(as) e desconhecidos(as) que me apoiaram, acolheram e fizeram eu me sentir uma professora respeitada.

Ao me atacarem, toda uma categoria se sentiu lesada, no entanto eu tive o apoio de uma legião de pessoas solidárias, de diversos coletivos de professores(as), pesquisadores(as) e alunos(as), incluindo profissionais da saúde. Superar a exposição em nível nacional, estadual e regional, no entanto, não tem sido fácil, mesmo com muita ajuda. Mais uma vez recorri aos estudos. Neste momento, matriculada no curso de doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC, busco compreender o que me ocorreu, a minha profissão e me refazer.

Doutoranda, bolsista e licenciada em tempo integral, estou tendo a oportunidade de ampliar meus conhecimentos. A maturidade me fez perceber que para ensinar da forma como eu gostaria é preciso antes aprender com mais profundidade. Sou inconformada com as injustiças e problematizadora. Gosto de pensar, refletir e fazer com que meus/minhas alunos(as)

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

pensem sobre questões sociais e educacionais. Busco fazer a diferença na profissão. Durante anos, procurei culpados(as) na escola pelo fracasso educacional. Hoje tenho clareza de que o sistema opressor não nos possibilita enfrentar os problemas resultantes dos interesses sociais e econômicos que, inclusive, a educação reproduz. E mesmo diante das adversidades, nós, professores(as) e alunos(as) ainda conseguimos nos instrumentalizar para resistir e lutar por uma educação de qualidade.

Por falta de conhecimento crítico e profundo dessas mazelas, sentimo-nos aprisionados(as) em nossas utopias. Falta-nos domínio teórico para enfrentarmos o sistema que nos aprisiona. Convicta de que não vou mudar a realidade, seguirei resistindo, dando o meu melhor, compreendendo o processo. Procuo, como diz António Nóvoa (2015), por meio de estudos, livrar-me da cegueira, da ingenuidade. Acredito ser necessário persistir na formação de sujeitos que sejam capazes de manter sonhos e buscar realidades mais democráticas, justas e socialmente aceitáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência com o memorial foi singular, pois me permitiu juntar as partes e buscar as que estavam faltando. Percebi que meu conhecimento estava fragmentado, sistematizado. Este exercício me deu fôlego para buscar um pensar mais integral. Conectei experiência e teoria, alcançando significados profundos que foram muito além do desafio inicial da disciplina. Foi uma oportunidade incrível. Criada pela solicitação acadêmica, para mim, no entanto, ela foi além da academia.

Eu tinha necessidade de compreender muitos porquês, não que todos tenham sido respondidos, mas o sentimento é de que aprendi a fórmula de como resolver parte deles. Fui impulsionada pela necessidade genuína de me compreender. Após escrever, ler, reler e escrever novamente, senti um impacto positivo. Eu me aproximei de mim mesma, e essa experiência ímpar é um exemplo para compreendermos a própria teoria da

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

aprendizagem. Na relação histórica e cultural, por meio do autoconhecimento, da interação social e com o meio ambiente e também conectada pela linguagem, eu pude me apropriar do meu conhecimento.

Organizei a autobiografia destacando marcos importantes de minha memória. Foi um processo terapêutico/científico, que ressalta a importância da reflexão e da organização dos saberes na produção do conhecimento. Destaco que a experiência foi interlocutora para auxiliar no questionamento, esclarecer o rigor metodológico e encorajar na busca de respostas. Foi um exercício que me fez perceber que a vida é dinâmica e que o caminho para encontrarmos respostas pode ser diferente, incluindo a escrita de um memorial.

Após horas de trabalho e dedicação à escrita, com momentos divertidos e outros nem tanto, chegou a hora de me distanciar deste texto para que ele se torne público. Pensei que ao escrever minhas memórias poderia contribuir para a historiografia educacional, mas ao concluir o texto eu percebi que ele contribui muito mais para minha própria construção.

Finalizo este capítulo com uma sensação de leveza. Mesmo sabendo que tornei público o que antes era muito particular, penso também que ele possa servir de algum jeito a quem o ler.

Esta escrita foi enriquecedora. Eu a compartilho com colegas, professores(as) e familiares os quais contribuíram com suas ideias e experiências. Acredito que este possa ser um marco em nossas práticas educacionais e, quem sabe, a partir dele poderemos aplicar esses conceitos em nossas aulas e projetos futuros.

Agradeço a oportunidade de participar deste coletivo. Espero continuar aprendendo e contribuindo para a construção de uma educação mais consciente e sustentável.

Também agradeço antecipadamente a cada um(a) por dedicar seu tempo para ler este texto.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

BRASIL ESCOLA. **Constituição de 1988**. Sem data de publicação. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/constituicao-1988.htm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Vol. 1. 51. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 443-481. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4255776/mod_resource/content/1/mulheresnasaladeaula.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-40, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 14 fev. 2022.

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. **Investigar em Educação**, Lisboa, n. 3, 2015. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2017/04/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador-em-educac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.

NÓVOA, António. História da Educação: percursos de uma disciplina. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. 14, p. 417-434, 1996. Disponível em: <http://bit.ly/2YbYhh5>. Acesso em: 13 jun. 2021.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

PREFEITURA MUNICIPAL DE NAVEGANTES. **Formas de expressão**. Sem data de publicação. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=prefeitura+de+navegantes+boi+de+mamão&cvid=2f-c36d34761d445da20ac33338bfae92&aqs=edge..69i57j0l8.5453j0j8&FORM=ANSPA1&PC=EDGEDBB>. Acesso: em 19 jul. 2022.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado de Santa Catarina. **Bolsas de Estudo UNIEDU**. Sem data de publicação. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/pais-alunos-e-comunidade/6597-uniedu>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SOUSA, Rainer. Governo Juscelino Kubitschek. **Mundo Educação**. Sem data de publicação. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4255776/mod_resource/content/1/mulheresnasaladeaula.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

MEMÓRIAS DE UMA MENINA QUE
ESCOLHEU A EDUCAÇÃO COMO
TRAJETÓRIA DE VIDA PROFISSIONAL

Cristiane Maccari Uliana Fretta

SUMÁRIO

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

INTRODUÇÃO

Minha carreira profissional, a conduta ante os desafios e as escolhas realizadas na educação estão inteiramente ligadas à minha vida escolar, à minha constituição de aluna da escola pública e às minhas relações familiares de filha e neta de professores, bem como de adolescente buscando um sonho e uma profissão.

Com este texto pretendo narrar algumas memórias que considero mais significativas do meu percurso de vida escolar, como se deu a escolha pelo Magistério e a importância da educação em minha vida. Essas recordações afloraram após uma busca em fontes, como fotografias, documentos antigos e objetos de minha vida escolar, para um trabalho da disciplina de Memória Docente e Gênero ofertada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), no primeiro semestre de 2022. Paulino José Orso (2012, p. 234) contribui nesse sentido ao conceituar sobre as fontes:

Como dissemos, as fontes são os meios pelos quais podemos acessar o passado, que pode ser mais recente ou distante, conforme for o caso. Contudo, como não podemos ter acesso a ele diretamente, restam-nos as fontes que permitem e fazem a mediação. Assim, pesquisar sobre elas significa retornar ao passado.

A busca por essas fontes me permitiu visitar recordações do passado, não sendo possível segurar as lágrimas que rolaram por meu rosto e embaraçam meus óculos, sendo que o uso delas me provou que o tempo passou e minha visão não é a mesma da juventude. No entanto carrego no coração a certeza da escolha de minha profissão e de que a cada manhã sonhos se renovam, nossos objetivos e nossas forças são revigorados com a graça e a presença de Deus na labuta diária pela construção de uma educação pública de qualidade e excelência.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Neste capítulo, apresento alguns recortes dessas recordações nas seguintes seções: Memórias da infância; Primeiros anos escolares e Considerações finais.

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: MEU AVÔ JORGE ULIANA

Quando menina, meu avô paterno, um senhor alto, de cabelos brancos, voz mansa e muito culto, contava-me muitas histórias, lia para mim muitos livros, por meio dos quais aprendi cedo sobre a importância da leitura e as possibilidades que ela nos permite para a transformação e a construção dos sujeitos. Foi o exemplo desse homem que me ensinou e inspirou a trilhar os caminhos da educação.

Jorge Batista Uliana (meu avô) nasceu em Braço do Norte e se tornou professor muito jovem. Ele saiu de seu município e foi lecionar na cidade de Urubici, na serra catarinense, local onde havia poucos professores naquele período, no ano de 1939. Naquele local, deu aula para uma jovem de cabelos pretos, muito bonita, como contava ele, a minha avó Anália. Eles se casaram e foram morar em São Pedro, localidade onde hoje está construída a barragem do rio São Bento, em Siderópolis, SC, sendo que ele foi um dos primeiros professores a lecionar naquele vilarejo.

Com a expansão da mineração do carvão, meu avô trocou a docência pela administração de uma mineradora, a Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA). Contava-nos que em dias de pagamento ele dormia na mina, em cima do saco de dinheiro, pois era grande e meu vô tinha medo de roubos. Ele trocou a docência por outra profissão mais rentável para criar seus/suas sete filhos(as), um deles era o meu falecido e amado pai, João Batista Uliana. No entanto a importância e a valorização da educação continuavam em seu coração. Minhas lembranças me remetem a uma sala com estantes cheias de livros e uma poltrona onde meu avô realizava as suas leituras. Era muito fácil presentear-lo, um livro era a melhor opção, e a lembrança de vê-lo em momentos de leitura é a que se

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

materializou em minhas recordações, tanto que nem consegui me lembrar de meu avô fazendo outra coisa.

Meu avô faleceu no ano 2000, quando eu completei 21 anos, deixando-me o legado da importância da leitura e do conhecimento. Ele sempre dizia que quando precisamos saber algo, devemos procurar nos livros as fontes de conhecimento.

Jorge Uliana nasceu na pequena vila de Braço do Norte, SC, aos 5 de outubro de 1918. Casou-se com Anália de Souza, minha avó, que era natural de Santa Bárbara, distrito de São Joaquim, SC. Tiveram sete filhos: Guidi, Angélica, João Batista (meu pai), Laurinda, Jorge, Aderbal e Antônio. Meu avô Jorge estudou no seminário de São Ludgero, pois queria ser padre, porém aos 18 anos deixou o seminário e, a convite de três fazendeiros, foi lecionar em uma fazenda de propriedade de Policarpo de Souza (que se tornaria meu bisavô materno). Naquela fazenda, foi professor de minha avó Anália, com a qual se casou dois anos depois.

Em 1939, foi nomeado pelo prefeito de São Joaquim para lecionar no distrito de Urubici, onde passou a residir. Seis anos depois, prestou concurso para o magistério estadual, tendo sido nomeado para a EERR de São Pedro, uma vilazinha no costão da serra catarinense, atualmente distrito de Siderópolis. Ele, sua mulher e os dois primeiros filhos, Guidi e Angélica, deixaram a serra a cavalo. Toda a sua mudança cabia no lombo dos burros. Minha avó estava grávida de meu pai, João Batista Uliana, que nasceu na pequena vila São Pedro, a qual foi inundada tempos depois para a construção da barragem¹ do rio São Bento, no município de Siderópolis, SC.

¹ A barragem e adutora do rio São Bento também faz parte do sistema hidrográfico do município e foi inaugurada no dia 21 de junho de 2006. Foi construída para resolver os problemas de abastecimento de água da região sul do estado de Santa Catarina, especialmente os da região carbonífera. Em 1982, foi concluído o relatório técnico preliminar dos recursos hídricos disponíveis. No ano seguinte, foi elaborado o anteprojeto da barragem, mas somente em 1989 é que o projeto básico de engenharia ficou pronto. A partir de 1999, com o recebimento da licença ambiental prévia, teve início a sua construção. No entanto é considerado como seu início efetivo o ano de 2001. Em julho de 2005, finalmente a Fundação do Meio Ambiente (FATMA), hoje Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA), liberou a licença ambiental de operação (LAO) para a conclusão dos trabalhos (Siderópolis, s.d.).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

No ano de 1957, foi contratado como contador da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que atuava na mineração de carvão. Anos depois, foi contratado pela Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA) como tesoureiro e era uma das pessoas de confiança do diretor, Dr. Sebastião Netto Campos. Foi nessa empresa que ele se aposentou, em 1978, um ano antes do meu nascimento. Meu avô foi um exemplo vivo de vida, trabalho e coragem.

Foto 1 - Avô e neta – Jorge Uliana e Cristiane Uliana



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A foto acima mostra meu avô e eu, ainda bebê. Ao fundo, a cachorra chamada Laica e seus muitos filhotinhos. Havia dado cria fazia pouco tempo. Eram poucas as fotos reveladas antigamente, por isso a importância e o cuidado em relação a essas fontes. Naquela época, fotografias e máquinas fotográficas eram raras, minha mãe era muito cuidadosa e sempre registrava os momentos felizes. As memórias de minha família fazem menção à pequena vila de São Pedro, onde meus avós paternos constituíram como sujeitos a história do nascimento de meu pai, em um vilarejo que foi submerso pela barragem do rio São Bento.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 2 - Torre da Capela de São Pedro na Barragem do rio São Bento, em Siderópolis/SC



Fonte: Captura de tela do documentário “A Torre no Lago: mergulho sob a Torre na Barragem do Rio São Bento”.

O documentário “A Torre no Lago: mergulho sob a Torre na Barragem do Rio São Bento” nos ajuda a ter uma noção da dimensão da torre na barragem do rio São Bento². Conta a história daquela região, que, por causa de sua localização estratégica e de sua geologia espacial, tornou-se a bacia da barragem do rio que abastece a região sul catarinense. Muitas memórias e histórias de vida foram escritas naquele vilarejo hoje submerso em águas.

Meu avô foi minha inspiração para continuar estudando e para eu me tornar professora. Quando valorizamos nossas memórias na constituição de nossa carreira profissional, percebemos a importância dos sujeitos, valorizamos também a história da educação brasileira e da educação local, pois nos fazemos presentes enquanto sujeitos de ação e de transformação.

² Documentário “A Torre no Lago: mergulho sob a Torre na Barragem do Rio São Bento”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tlk-YyiShrg>. Acesso em: 15 set. 2022.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 3 - Jorge Uliana no aniversário de sua neta Cristiane



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A foto acima evoca lembranças de afetividade e muito amor, retrata a importância da família, a constituição do sujeito pelas relações sociais e afetivas no desenvolvimento integral do ser e a importância disso tudo no percurso formativo e nas escolhas da vida. As fotos que fazem parte do acervo pessoal da família são importantes para nos lembrarmos de memórias afetivas, as quais também contam um pouco sobre as histórias de lutas e conquistas.

Nesse sentido, Orso (2012, p. 229) nos convida a refletir sobre a importância das fontes na compreensão da história pessoal e da educação, ao afirmar que,

Neste sentido, o processo de resgate das fontes amplia as possibilidades de compreensão da História da Educação e da própria história, na medida em que se relacionam com a totalidade social de cada momento. Não há outro modo de recuperar e reconstruir a história senão por meio das fontes, quaisquer que sejam

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

elas. O fato é que o acesso ao passado depende essencialmente delas, que são as bases para a produção historiográfica. Por isso, a importância de localizar, preservar e socializar essas fontes.

Assim, percebemos a importância das memórias como fontes históricas na compreensão da História da Educação e da própria História. Atualmente, talvez eu não consiga ler todos os livros desejados, pois ser mãe de três filhos³, trabalhar e ser viúva me limitam às muitas tarefas domésticas e ao pouco tempo para o estudo. Minhas leituras acontecem às cinco horas da manhã, horário em que consigo estudar. O amor pela educação, o sentimento de transformar vidas por meio da educação, a fé em Deus, a motivação pessoal e a sede por conhecimento são as motivações de minhas ações ante o trabalho educacional.

O historiador Marc Bloch (2001, p. 75) considera que “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. As palavras de Bloch inspiram pensar na busca pelo estudo do passado, por meio do qual mobilizamos fontes documentais, narrativas que nos ajudam a conhecer alguns aspectos do que ocorreu e planejarmos ações para o futuro.

Uma das formas de se reconstruir o passado é buscar nossas memórias, as quais podem ser consideradas fontes documentais importantes para as pesquisas. As memórias nada mais são que histórias contadas, recontadas e muitas ainda serão lembradas e expressadas. As fontes históricas são importantes nesse processo de reconstrução do passado com o olhar do presente, e a interpretação dessas fontes, o cruzamento com outras, as perguntas e problematizações se tornam imprescindíveis na reconstrução dessas histórias educacionais, as quais não se esgotam.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior (1994, p. 42), “O caráter social da ‘memória involuntária’ pode ficar mais explícito quando

³ Guilherme Uliana Machado (22 anos), Caio Uliana Fretta (8 anos) e Igor Uliana Fretta (3 anos).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

nos deparamos com nossos hábitos, gestos, atitudes, inclusive corporais”. Assim, nossos sujeitos fazem parte dessas relações sociais no dia a dia, nos espaços vivenciados, nas fontes onde podemos buscar memórias e na reconstrução dessas memórias.

Nesse viés, Albuquerque Junior (1994, p. 43) afirma que

A “memória voluntária” que chamamos de lembrança é uma recomposição do passado, ela não é o acesso direto a esse passado, mas fruto de um trabalho de rememoração que é feito no presente, relativo ao presente que foi e o presente que é, como diz Ecléa Bosi, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A recordação é, pois, um trabalho de organização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e de coisas, pedaços da própria pessoa que boiam no passado confuso e articulação de tudo criando com ele um “mundo novo”.

Nesse sentido, podemos considerar que as fontes documentais nos ajudam a visitar os acontecimentos do passado, não aquele passado intacto, intocável, mas imagens de um passado muitas vezes confuso, embaralhado e repleto de fragmentos.

PRIMEIROS ANOS ESCOLARES

Minhas memórias estudantis me levam à Escola de Ensino Básico Jarbas Passarinho⁴, onde frequentei os primeiros anos do Ensino Fundamental e onde minha mãe era administradora escolar. Ela me contou que estava grávida de mim quando a nomearam diretora para atuar em uma nova escola no ano de 1979. A instituição não tinha mobília nem utensílios, sendo que esta

⁴ A escola pertence à rede estadual de ensino de Santa Catarina. Está localizada na rua Afonso Scavone, sem número, no bairro Pinheirinho, em Criciúma, SC. O educandário iniciou suas atividades em 1979.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

foi sua primeira tarefa: buscar doações de outras escolas. Minha infância se passou naquele prédio escolar, local onde aprendi a correr nos seus corredores. Quando iniciei as atividades escolares, no antigo “prézinho”, minha mãe ainda trabalhava lá na função de administradora escolar. Ela se aposentou em 1992.

Quando minha avó paterna estava grávida de meu pai, eles desceram a serra no lombo de um burro. Meu pai nasceu no dia 21 de dezembro de 1944, na Vila de São Pedro, em Siderópolis, SC, e aos 11 anos foi estudar no seminário interno de Turvo. Contava que chorava todos os dias por causa da saudade que sentia de sua mãe e que por isso acabou desistindo de estudar. Casou-se com minha mãe no dia 15 de fevereiro de 1966, aos 21 anos, tendo com ela quatro filhos: Policarpo, Ricardo, Jorge e eu. Ele trabalhou como mineiro em sua vida profissional, tinha muito conhecimento sobre a extração do carvão e até chegou a ser encarregado na CBCA por muitos anos.

Salette Cecilia Maccari Uliana, minha mãe, nasceu no dia 23 de fevereiro 1945, na cidade de Morro da Fumaça, SC. Com apenas 12 anos ela foi estudar no colégio interno de Santa Teresinha, na cidade de Santo Antônio da Patrulha, RS, onde uma de suas primas era freira. Naquele espaço, minha mãe aprendeu a amar os livros e a valorizar a educação. No entanto, dois anos depois, por motivos de saúde, retornou à cidade natal, onde concluiu o ensino fundamental. Em seguida, iniciou o normal regional no colégio São Bento, mas o concluiu no colégio Madre Tereza Michel, ambos situados na cidade de Criciúma, SC. Seu curso de Pedagogia foi realizado na Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI)⁵, sendo a sua a maior turma a iniciar o referido curso. Foi professora da rede estadual de Santa Catarina, diretora e também administradora escolar.

A EEB Jarbas Passarinho foi construída no local onde funcionava o antigo Aeroporto Leoberto Leal, desativado entre os anos de 1977 e 1978. No mesmo local, foi construído o Parque Centenário, a Prefeitura Municipal de Criciúma e todo o complexo de outros prédios públicos onde ficava a cabeceira da pista. Na ala administrativa do aeroporto, foi adaptada

⁵ A Fucri foi criada pela Lei nº 697, de 22 de julho de 1968, e em 1997 se tornou Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (Criciúma, 1968).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

a secretaria escolar, sendo construídos dois blocos de salas de aula e um bloco, ao fundo, com banheiros e cozinha.

A autora Joice Quadros (2020, p. 89), ao escrever sobre a história do município de Criciúma, mencionou a respeito do Aeroporto Leoberto Leal:

O Aeroporto Leoberto Leal foi inaugurado no bairro Pinheirinho no dia 30 de junho de 1957, com as empresas Varing, Cruzeiro do Sul e Real fazendo voos diários. Foi construído pela prefeitura de Criciúma com a colaboração da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), do Governo Federal, e de carbonífera pertencente à iniciativa privada. Seu nome foi homenagem a Leoberto Leal, destacado político catarinense que morreu no mesmo acidente que vitimou o senador Jorge Lacerda, em 16 de junho de 1958.

A seguir, uma foto da sede e ala administrativa do Aeroporto Leoberto Leal, que, mais tarde, foi transformada em ala administrativa da Escola Estadual Jarbas Passarinho, inaugurada no ano de 1979. Podemos destacar que Jarbas Passarinho foi ministro da educação durante a ditadura militar, anos difíceis da constituição da educação. A ditadura iniciou em 1964 e foi um período muito conturbado para os brasileiros. Por mais de 20 anos o País foi governado por militares, sofrendo com perseguições políticas e falta de democracia, além da repressão vivida pelos que eram contrários àquele regime. A educação também foi uma área muito reprimida naquele período.

Para Moacyr Salles e Inêz Stampa (2016, p. 3), a ditadura militar teve a seguinte relação com a educação:

A necessidade de reprimir as ideias direcionando direcionou os olhares para as instituições escolares, especificamente para a prática docente, desde o ensino primário até o ensino superior. O magistério tornou-se uma profissão que demandava controle institucio-

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

nal, pois se configurava como espaço de circulação e construção de conhecimentos que, por vezes, questionavam a ordem ditatorial. Assim qualquer sinal de resistência ou crítica docente ao golpe era classificada como uma atividade subversiva e, conseqüentemente, culminava em violação dos direitos humanos, perseguições, constrangimentos, demissões.

Havia controle na área da educação, muita rigidez e violência, esvaziamento ao debate político e um conjunto de estratégias de dominação vividos pelo País. Sendo assim, como Criciúma também pertencia a esse contexto social, político e educacional, no ano em que o aeroporto foi desativado e deu-se a construção da escola, estávamos vivendo o fim da ditadura e o início da redemocratização.

Foto 4 - Aeroporto Leoberto Leal



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez.

Os momentos vividos naquela escola foram além da sala de aula. São lembranças de brincadeiras fora do horário escolar, de carinho de mãe e de memórias da infância. As recordações são interessantes, fazia praticamente 25 anos que eu não visitava aquele espaço escolar até que, no ano de 2015, estive lá por motivos profissionais e solicitei à diretora a

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

permissão para fazer uma visita nas suas dependências físicas. Ao andar pelos corredores, as lembranças foram instantâneas, indo ao encontro da observação de Durval Muniz de Albuquerque Junior (1994, p. 43) quando afirma que “[...] a lembrança é a reposição do passado”. Essa recomposição a partir de minhas memórias foi surpreendente. À época, o prédio escolar representava um local enorme, com árvores grandes e uma escada muito alta, que levava até o sótão (da qual eu morria de medo de cair). Como a parte administrativa da escola era o antigo aeroporto, havia essas estruturas no segundo andar, com escadas fixas na parede. No entanto, ao percorrer aqueles espaços já na fase adulta, percebi que a escola já não era tão grande assim, as árvores não eram tão robustas e a escada nem tão perigosa. Assim percebi que as memórias são a organização de fragmentos e que criamos um mundo nosso, talvez não tão igual à realidade, onde o passado é construído por meio do olhar do sujeito e das vivências no presente.

Na fotografia abaixo, aparece a turma do “prézinho”. Minha mãe e eu estávamos cortando o bolo de aniversário dos meus cinco anos. Lembrome de que as cortinas da janela foram feitas por minha mãe nos finais de semana, ela costurava para ajudar a escola. Uma boa diretora escolar comprometida com a educação.

Foto 5 - Meu aniversário de 5 anos



Fonte: Acervo pessoal da autora.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Ao observarmos fotos como essa, que trazem lembranças da infância, no meu caso, também de momentos vividos nas relações escolares, percebemos a importância de boas relações e de uma infância tranquila, cheia de brincadeiras e sonhos de um futuro melhor, a importância da formação integral do sujeito. A educação deve cumprir esse papel, sendo uma escola acolhedora, humanizada, com princípios de respeito e igualdade, cumprindo o papel de ensinar.

Quando recorro os tempos de criança, percebo a importância desses momentos da infância na minha vida. Eu era uma criança feliz, que não tinha medo das coisas e vivia intensamente as brincadeiras. Essa vivência na instituição escolar, não como aluna, mas como filha de uma funcionária, foi também responsável pela escolha da profissão e pelo amor à educação. Muitas recordações e memórias perpassam nossas histórias de vida e são importantes para a nossa constituição e as nossas relações sociais. Nossas ações, que constituem o mundo ao qual pertencemos, e a visão de futuro e de valores que buscamos fazem parte dessa construção histórica.

Essas memórias me fizeram refletir sobre a trajetória de vida de uma garotinha que escolheu a educação como modo de vida e que tinha certeza de que ser professora seria a profissão certa. Por meio das fontes que evoquei de meu passado, eu reconstruí meus primeiros anos escolares. Que Deus continue guiando meus passos na construção de um mundo melhor por meio da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vida dedicada aos estudos e às relações escolares. Nasci em 1979 e com cinco anos iniciei as atividades escolares. Desde então, minha vida está diretamente ligada à educação, primeiro como aluna de escola pública, da qual tenho muito orgulho; depois, como acadêmica nas graduações de Pedagogia e Artes Visuais e mestranda na área da História da Educação, e também na carreira do Magistério, como professora efetiva

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

da rede municipal de Criciúma, desde 2002, orientadora pedagógica, secretária interina de educação e coordenadora geral. São 38 anos dedicados à educação pública como aluna e como profissional e a certeza da escolha correta. Viver e respirar educação fazem parte de minha constituição de mulher professora e de minha luta pela qualidade na educação. As memórias nos fazem refletir sobre nosso presente e dialogar com o passado (onde estou, de onde saí e para onde quero ir). Cada ser humano se constitui a partir das relações com os outros, por isso quero deixar aqui registrada a importância e o papel fundamental de minha relação com os familiares e com os(as) professores(as), todos(as) os(as) amigos(as) e colegas que de uma forma ou de outra contribuíram para a construção de minha vida pessoal e profissional. Por fim, quero agradecer a Deus pela vida e pelas bênçãos alcançadas.

REFERÊNCIAS

A TORRE no Lago: mergulho sob a Torre na Barragem do Rio São Bento. Publicado pela plataforma Youtube. Canal Vai Fundo. [S.l.:s.n.], 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tlk-YyiShrg>. Acesso em: 15 set. 2022.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gerar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. **CLIO: Série História do Nordeste**, [s.l.], n. 15, p. 39-52, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24901>. Acesso em: 15 set. 2022.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CRICIÚMA. Lei nº 697, de 22 de junho de 1968. Institui a Fundação Universitária de Criciúma e dá outras providências. **Diário Oficial**. Criciúma, 22 de junho de 1968. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/c/criciuma/lei-ordinaria/1968/70/697/lei-ordinaria-n->

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

-697-1968-institui-a-fundacao-universitaria-de-criciúma-e-da-outras-providencias. Acesso em: 15 set. 22.

ORSO, Paulino José. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 228-238, maio 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640119>. Acesso em: 09 mar. 2022.

QUADROS, Joice. **Criciúma**: um breve relato de seus 140 anos. Criciúma: Prefeitura Municipal de Criciúma, 2020.

SALLES, Moacyr; STAMPA, Inêz. Ditadura Militar e trabalho docente. **Trabalho Necessário**, Niterói, ano 14, n. 23, p. 166-185, 2016.

SIDERÓPOLIS. Portal de Turismo de Siderópolis. **Barragem do rio São Bento**. Sem data de publicação. Disponível em: <https://turismo.sideropolis.sc.gov.br/post-12457/>. Acesso em: 09 set. 2022.

**OS BOLETINS ESCOLARES DO ENSINO
PRIMÁRIO: MUITAS MEMÓRIAS E
DESCOBERTAS**

Cristiane Sant'Ana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

No primeiro semestre do ano de 2022, cursei a disciplina optativa “Memória Docente e Gênero” como aluna não regular do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Como proposta de trabalho final dessa disciplina, foi apresentada a construção de um texto com a temática sobre a trajetória das memórias escolares e a formação para a docência. Diante disso, de todos os textos lidos e de todas as trocas de saberes com o grupo e com as professoras, muitas lembranças sobre a minha trajetória escolar emergiram em meus pensamentos.

Durante as aulas, uma das propostas para promover as trocas de saberes e estudos foi o momento de levar algum objeto ou fragmentos que remetesse(m) às trajetórias estudantis e de formação. Essa proposta me levou a revirar os meus fragmentos guardados em um guarda-roupa na casa de minha mãe. Entre alguns objetos, documentos, livros e cadernos, encontrei os meus boletins escolares da primeira até a oitava série do Ensino Fundamental (à época chamado de Ensino do Primeiro Grau)¹. Ao escrever este capítulo, destacarei os boletins das séries primárias, ou seja, da primeira até a quarta série. Ao olhar e analisar esses boletins, muitas memórias se destacaram em minha mente. Ecléa Bosi (1994, p. 47) assim pontua:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

¹ O Ensino de primeiro e segundo graus foi instituído pela Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixou as Diretrizes e Bases para esses ensinos. O primeiro grau com duração de oito anos para crianças e adolescentes de sete a 14 anos. Já o segundo grau (Ensino Médio) poderia ter três ou quatro séries anuais, conforme previsto para cada habilitação (Brasil, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 29 jul. 2022).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Marilena de Souza Chauí (1994, p. 22) menciona o que a memória faz com os recordadores: “[...] fica o que significa. O que em mim fica? O que em mim significa?”.

Entre as memórias que se tornaram mais significativas ao manusear e observar meus boletins escolares, inicialmente, destaco o momento em que ingressei, no ano de 1986, na Escola Isolada Vila Beatriz, localizada em Maracajá, Santa Catarina. Essa instituição era uma escola isolada, porém as crianças não estudavam todas juntas em uma única sala. À época, as escolas isoladas ficavam localizadas nas zonas rurais e geralmente possuíam apenas uma sala de aula onde as crianças de primeira à quarta séries estudavam juntas, no mesmo local, com uma única professora. Lembro-me de que a Escola Isolada Vila Beatriz possuía duas salas de aula, uma cozinha pequena e dois banheiros, sendo a construção da unidade escolar de alvenaria. Recordo que as turmas foram divididas, pois a professora ficou doente. Assim, no período vespertino, estudava a primeira série em uma sala e a segunda série em outra. Estudei somente cerca de 90 dias naquela unidade escolar, pois naquele ano mudei de residência e passei a morar em outro bairro, bem distante daquela escola.

Na minha nova residência, as casas ficavam bem distantes umas das outras, rodeadas de plantações de fumo e pastos com criação de bovinos, chamados “potreiros”. Lembro-me de que minha mãe me levou para a escola mais próxima de nossa nova residência. O caminho percorrido por minha mãe e eu até a escola nova era por uma estrada estreita, de terra, em meio a plantações de fumo. Quando cheguei à escola, era uma construção pequena e de madeira, com uma única sala de aula e uma professora. As crianças da primeira à quarta série estudavam na mesma sala, sendo que cada fila correspondia a uma série. Fui apenas um dia para aquela instituição, o restante daquele ano fiquei fora da escola, ou seja, todo o segundo semestre não frequentei nenhuma unidade escolar.

Os motivos que me fizeram ficar afastada da escola naquele ano foi a distância entre minha casa e a escola, sendo que não poderia percorrer aquele trajeto sozinha por ser longe, por ter apenas sete anos e por meu pai

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

e minha mãe não me deixarem ir sozinha até a escola. Além disso, à época, minha mãe estava grávida e não poderia me acompanhar todos os dias até a unidade escolar.

No início do ano de 1987, minha família se mudou novamente. Dessa vez fomos morar em Criciúma, no bairro São Sebastião. Minha mãe me matriculou na escola que ficava mais perto de minha residência, a Escola Reunida José Contim Portella. Esse tipo de escola se distinguia da escola isolada.

De acordo com Ângela Beirith (2009), os tipos de estabelecimentos de ensino para o Ensino Primário (para crianças de sete a 12 anos) denominavam-se: Escolas Isoladas, Escolas Reunidas, Grupos Escolares e Escolas Supletivas. Destaco a definição de Escola Isolada quando houvesse uma turma de alunos sob a responsabilidade de um(a) só professor(a) e Escola Reunida quando houvesse de duas a quatro turmas de alunos e um número correspondente de professores(as). Optei por apresentar apenas as definições dessas duas, pois foi nesses tipos de unidades escolares que ocorreu a minha trajetória no início do Ensino Primário.

Ao ingressar nessa nova escola na primeira série, a professora se chamava Magali. Ela logo percebeu que eu estava alfabetizada e já conseguia ler e escrever. Lembro-me de que os poucos dias que frequentei a escola no ano anterior e as brincadeiras em casa envolvendo a escrita de palavras, como a brincadeira da forca, contribuíram para meu aprendizado com as letras e as palavras. Diante dessa situação, encontrar-me alfabetizada e, posso supor também, por minha idade e o meu histórico de ter ficado fora da escola no ano anterior, a professora Magali fez um acordo com minha mãe, por meio do qual ficou combinado que no primeiro semestre eu frequentaria a primeira série e no segundo cursaria a segunda série.

Recordo-me de que no final do primeiro semestre, durante o recesso escolar, no mês de julho, todas as manhãs, eu ia à casa da professora Magali para estudar um pouco mais para que no segundo semestre eu pudesse ingressar na nova série. E assim aconteceu, eu frequentei a primeira e

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

a segunda série no ano de 1987. Nessa caminhada de cursar as duas séries em um ano, lembro-me de que a professora Magali deixou de ser a professora da primeira série e foi substituída por outra, da qual não me lembrei do nome. Mas ao encontrar os boletins entre os meus fragmentos de memórias, encontrei o envelope que guardava o boletim da primeira série e lá estava escrito o nome da professora substituta: Jeane Kátia Cardoso.

Mais uma vez trago as palavras de Chauí (1994, p. 22), a qual nos esclarece que “[...] fica o que significa”. A professora Magali ficou registrada em minha memória escolar e de infância pela situação vivenciada e por todo carinho e pela dedicação para que eu “não perdesse” mais um ano letivo em minha vida escolar. Afinal, não é tão comum assim uma professora se dedicar a uma criança no seu período de recesso escolar.

Ao escrever este relato sobre a dedicação da professora Magali, reCORDEI determinados aspectos sobre o processo de feminização do Magistério, em que as mulheres passaram a ocupar o espaço nas salas de aula que antes eram ocupados pelos homens. De acordo com Guacira Lopes Louro (2018), o processo não se deu sem resistências ou críticas, pois para alguns era uma insensatez entregar às mulheres a educação das crianças. Mas outros argumentavam que as mulheres tinham por natureza uma inclinação para o trabalho com crianças, por serem “naturais educadoras” e essa profissão uma extensão do lar.

Jane Soares de Almeida (1998), ao justificar o título escolhido para o seu livro “Mulher e educação: a paixão pelo possível”, resume o sentimento que senti/sinto ao me lembrar da professora Magali e da sua ajuda para que eu pudesse “recuperar” o ano perdido na minha trajetória escolar. A autora assim expõe:

O conceito de paixão, utilizado no desempenho docente e quando se refere às mulheres professoras principalmente, mostra que educar outro ser humano é difícil, exige força interior e vontade. Cuidar de crianças que não sejam os próprios filhos envolve outros componentes que não apenas o trabalho e é necessário que se restitua à carreira a dignidade profissional, recriando a esperança. [...] São esses atributos, ancorados na dimen-

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

são afetiva inerente aos seres humanos, que explicam a permanência, a dignidade e o esforço que as professoras projetam na profissão que desempenham e fazem com que, apesar de tudo, a escola ainda continua sendo uma das poucas alternativas para se socializar o conhecimento, especialmente para uma grande maioria que chega até ela numa tentativa de escapar a um destino imposto por um sistema social não igualitário (Almeida, 1998, p. 21-22).

Ao rememorar a dedicação daquela professora, não posso deixar de mencionar as palavras de Paulo Freire (1996) de que educar exige querer bem aos educandos e ter compromisso com a prática educativa.

AS MEMÓRIAS E OS BOLETINS ESCOLARES

Para registrar o processo de ensino-aprendizagem era e ainda é utilizado o boletim escolar. Um documento com os registros das disciplinas lecionadas, as notas e o registro da frequência (das faltas e dos comparecimentos). Hoje esse documento é emitido via sistemas informatizados e impressos. Mas nem sempre foi assim.

Meu primeiro boletim escolar foi emitido pela Escola Reunida José Contim Portella, no ano de 1987, referente à primeira série. A seguir, apresento imagens de sua capa e da parte interna, com os registros de notas e frequências, e a imagem do envelope que guardava esse boletim escolar.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 1- Imagem da capa e da contracapa do boletim escolar da primeira série (1987)

Sr. Pais:

O Trabalho de um professor não pode prescindir do apoio da família do aluno. Pais e Professores devem trabalhar de mãos dadas em benefício da criança.

Este boletim representa o aproveitamento da criança nas diversas etapas do ano letivo. Ele estará em suas mãos ao final de cada bimestre.

É preciso que observe se as notas do seu filho lhe assegure promoção para evitar surpresas ao final do ano.

OBSERVAÇÕES NECESSÁRIAS SOBRE O ALUNO:

ESTABELECIMENTO: E. R. José Coutinho
Perkella

NOME DO ALUNO: Cristiane Santana
SÉRIE: 1ª

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Foto 2- Imagem da parte interna do boletim escolar da primeira série (1987)

MATERIAS	LÍNGUA PORTUGUESA LECTURA, ESCRITA, E GRAMÁTICA			MATEMÁTICA CÁLCULO E RACIOCÍNIO			ESTUDOS SOCIAIS HISTÓRIA E GEOGRAFIA			CIÊNCIAS			ENSINO DE INGLÊS			FREQUÊNCIA		ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL
	N	NR	NF	N	NR	NF	N	NR	NF	N	NR	NF	N	N	N	COMP.	FALTAS	
2.º B. MAR. ABR.	8,0	-	8,0	8,0	-	8,0	8,0	-	8,0	8,0	8,0	8,0	8,5	8,5	92%	5	Cristiane Santana	
4.º B. MAI. JUN.	7,0	-	7,0	7,0	-	7,0	7,0	-	7,0	7,0	7,0	7,0	8,5	8,5			Cristiane Santana	
6.º B. AGO. SET.	9,0	-	9,0	8,5	-	8,5	9,0	-	9,0	8,0	-	8,0	9,0	9,0			Cristiane Santana	
8.º B. OUT. NOV.	9,9	-	9,5	9,0	-	9,0	9,0	-	9,0	10,0	-	10,0	9,0	8,0	9,0			
PROVA FINAL (Finalidade)																		
MÉDIA FINAL	9,0	-	9,0	8,5	-	8,5	8,5	-	8,5	8,5	-	8,5	9,0	8,0	8,5			

LEGENDA: N - Nota / N.R. - Nota de Recuperação / N.F. - Nota Final

MÉDIA GERAL DO ANO 8,5

De acordo com o aproveitamento obtido durante o ano letivo, fica o (s) aluno (a), com direito a matricular-se 3ª série do 1º Grau.

Data 03 / 12 / 87

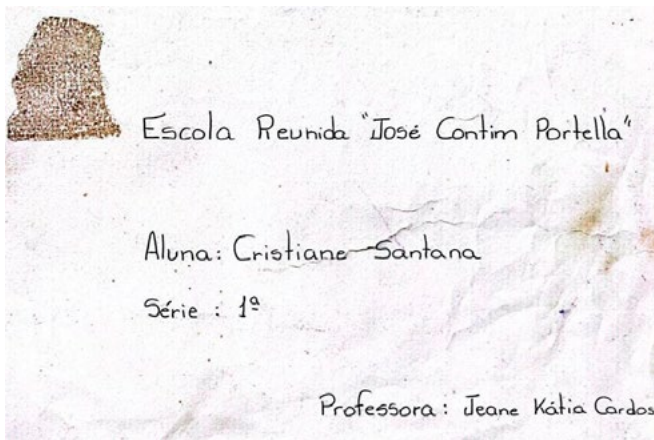
[Assinatura] ASSINATURA DO PROFESSOR

[Assinatura] ASSINATURA DO DIRETOR

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 3- Imagem do envelope do boletim escolar da primeira série (1987)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

A foto 1 apresenta a capa do boletim escolar, a qual descreve o nome do estado e da rede escolar, bem como o nome do município onde a escola estava localizada, assim mencionados: Estado de Santa Catarina, Prefeitura Municipal de Criciúma, Secretaria de Educação. Também apresenta o nome do estabelecimento de ensino, o nome do(a) aluno(a) e a série, informações essas escritas manualmente com caneta azul. No centro da capa, encontram-se escritas com letras maiúsculas as palavras boletim escolar, com a informação entre parênteses “1ª à 4ª série”. Já na contracapa do boletim há um recado aos pais, mencionando sobre a importância do trabalho do(a) professor(a) com o apoio e o acompanhamento da família, além de informações específicas sobre o boletim escolar, como a entrega das notas a cada bimestre e a solicitação da observação das notas para a promoção ou não do estudante no final do ano letivo. O recado da contracapa do boletim escolar da primeira série do ano de 1987 apresentava a seguinte informação:

O trabalho de um professor não pode prescindir do apoio da família do aluno. Pais e professores devem

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

caminhar de mãos dadas em benefício da criança. Este boletim apresenta o aproveitamento da criança nas diversas etapas do ano letivo. Ele estará em suas mãos no final de cada bimestre. É preciso que observe se as notas do seu filho asseguram promoção para evitar surpresas no final do ano (Santa Catarina, 1987).

A foto 2 apresenta o lado interno do boletim, com uma tabela para o registro das notas. Pode-se supor que esse modelo de boletim já vinha pronto para a unidade escolar e nele eram feitos os registros das notas. A apresentação das matérias foi elencada da seguinte maneira: Língua Portuguesa, leitura, escrita e gramática; Matemática, cálculo e raciocínio; Estudos Sociais (História e Geografia), Ciências; Educação Física; Educação Artística e Educação Religiosa. Abaixo da descrição das disciplinas, consta o registro das notas obtidas por bimestre e a média final de cada disciplina. Também apresenta um espaço reservado para o registro da frequência e das faltas e a assinatura do pai ou responsável. No espaço destinado para as faltas e os comparecimentos está escrito um numeral com a caligrafia bem diferente da que aparece nas notas, lembrando até uma grafia de criança. Não recorro se foram um registro meu esses números, mas pela quantidade de comparecimentos, 1. 225, posso supor que foi um registro aleatório que posso ter feito em um momento de criatividade. No espaço destinado para a assinatura do “pai ou responsável”, como menciona o documento, encontra-se o nome de minha mãe, que sempre foi a responsável pelo meu acompanhamento na escola. O que nos leva a pensar sobre essa apresentação de escrita, pois na maioria das famílias esse acompanhamento do rendimento escolar dos(as) filhos(as) era feito pelas mães. Mas a escrita em praticamente todo o documento se encontra no gênero masculino: “filho”, “professor”, “aluno”, “pai”. Outra informação registrada no boletim foi a média geral do ano e, logo abaixo, a seguinte frase: “De acordo com o aproveitamento obtido durante o ano letivo, fica o (a) aluno (a), com direito a matricular-se na 3ª série do 1º Grau” (Santa Catarina, 1987).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Posteriormente, há espaços reservados para as assinaturas do(a) professor(a) e do(a) diretor(a) e para a data, que suponho ser do final do ano letivo ou do dia da entrega do boletim aos pais e às mães e/ou responsáveis. Destaco que ambas as assinaturas foram feitas em forma de rubricas e que não tenho lembranças de quem eram essas pessoas para poder identificá-las e apresentar os seus nomes. Os registros das notas e a data foram escritos manualmente com caneta na cor azul. Uma observação se faz necessária, visto que em todo o boletim escolar apenas na frase relacionada à série que indica o próximo ano letivo a ser frequentado é que aparece a vogal “a” entre parênteses, ao lado da palavra aluno, referindo-se ao gênero masculino e feminino. No restante do documento, as palavras estão escritas todas no gênero masculino, como professor, diretor, assinatura do pai e nome do aluno.

Na frase já mencionada, na qual se colocava a próxima série que o(a) estudante estava apto(a) a se matricular no próximo ano, foi escrito manualmente o numeral ordinal 3ª, referindo-se à próxima série que eu deveria cursar, comprovando que cursei a primeira e a segunda séries no mesmo ano de 1987.

A foto 3 apresenta o envelope onde estava guardado o boletim, com a identificação da unidade escolar, o nome da aluna (a palavra escrita no gênero feminino), a série e o nome da professora (a palavra escrita também no gênero feminino). Todas as informações escritas manualmente com caneta na cor preta.

Não foi emitido boletim escolar para a segunda série. Mas me lembro da professora chamada Ângela e que a sua música preferida era *Meu Mel*, um *hit* famoso, na época, do cantor Marquinhos.

No ano de 1988, quando estava cursando a terceira série com a professora Adriana, em meados do ano, minha mãe e meu pai se separaram e mais uma vez nos mudamos. Minha mãe, minha irmã, com um ano e oito meses de idade, e eu voltamos a morar no município de Maracajá, SC, agora com meus avós maternos.

Comecei a frequentar a Escola Básica Manoel Gomes Baltazar, localizada no centro de Maracajá. Uma escola estadual que atendia desde

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

a primeira até a oitava série, ou seja, uma escola maior, comparada com as outras que eu havia frequentado. Ingressei naquela unidade escolar porque minha prima Gisele também já estudava lá e era o meu único vínculo de amizade em mais uma mudança de escola. Estudava no período matutino, e o nome da professora era Terezinha. Recordo-me de que não gostava da professora nem da escola. Mas, com o passar dos anos, percebi que não era a escola, nem a professora, nem as pessoas, mas sim as circunstâncias as quais me fizeram mudar de cidade, de escola, de residência, de professora e de amigos e amigas, que me faziam sentir isso. Enfim, com a separação de minha mãe e meu pai, todas as minhas vivências mudaram.

Tenho algumas memórias muito fortes e marcantes, lembro-me de que minha prima Gisele me protegia e me mostrava tudo da escola nova, iniciando pelo caminho de nossas casas até lá, que percorríamos de bicicleta. Como eu não tinha minha própria bicicleta, utilizava a bicicleta de meu avô materno, meu querido vô João. Minha prima também me ajudou a fazer novas amizades na escola e me encorajava a descer de bicicleta um morro que ficava próximo à unidade escolar. Essa pequena aventura acontecia na saída da aula, no final da manhã, quando descíamos aquele morro bastante acentuado e sentindo o vento forte no rosto.

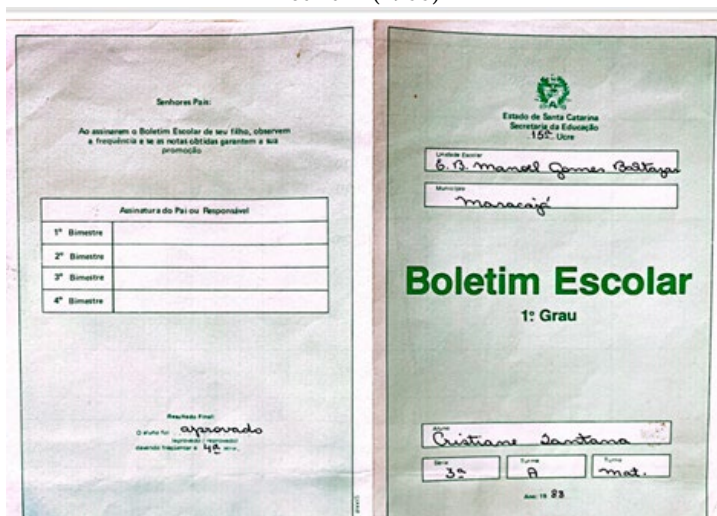
Mais uma vez trago as palavras de Chauí (1994, p. 31) ao tratar da memória e que o que fica é o que significa:

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique.

A seguir, apresento as imagens do boletim da terceira série, emitido pela Escola Básica Manoel Gomes Baltazar, localizada em Maracajá, Santa Catarina.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 4- Imagem da capa e da contracapa do boletim escolar da terceira série A (1988)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Foto 5- Imagem da parte interna do boletim escolar da terceira série A (1988)

ÁREA DE ESTUDOS	Componente Curricular	BOLETIM ESCOLAR													
		Avaliação (1ª a 4ª série)							Frequência (5ª a 8ª série)						
		1ª Bim.	2ª Bim.	3ª Bim.	4ª Bim.	Pres. Total	Faltas	1ª Bim.	2ª Bim.	3ª Bim.	4ª Bim.	Pres. Total	% de Freq. Final		
Comunicação e Expressão	Língua Portuguesa	9,0	9,0												
	Educação Artística	9,0	10,0												
	Educação Física	9,0	9,0												
	Língua Estr. Moderna I														
Estudos Sociais	Integração Social	9,5	9,5												
	História														
	Geografia														
	Org. Social e Polit. do Brasil														
Ciências	Educação Moral e Cívica														
	Iniciação a Ciências e Programas de Saúde	9,0	9,5												
	Ciências e Progr. de Saúde														
	Matemática	9,0	10,0												
	Iniciação para o trabalho														
	Educação Religiosa Escolar	9,0	10,0												
Frequência de 1ª a 4ª série									42,01 27,04 05,97%						

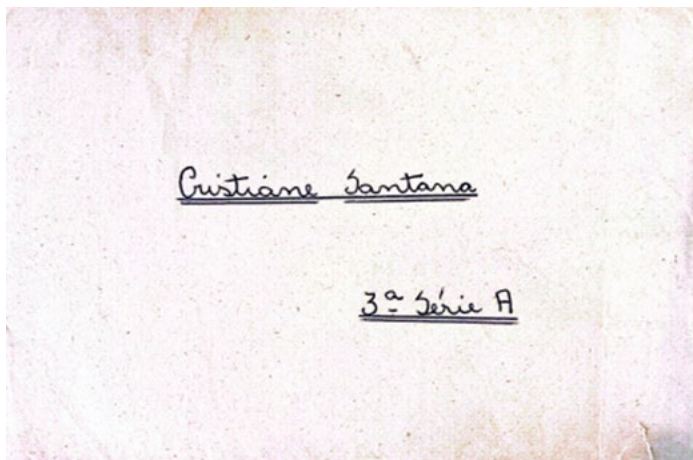
ma. leiza. *ma. leiza. Bastos*
P.M. *ma. leiza. Bastos*

Ma. leiza. Bastos
Dir. *Ma. leiza. Bastos*

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 6- Imagem do envelope do boletim escolar da terceira série A (1988)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

A foto 4 apresenta a capa do boletim escolar da terceira série, emitido no ano de 1988. Percebe-se que era um modelo que vinha pronto, com algumas informações escritas manualmente com caneta na cor preta. Entre as informações que já vinham registradas no documento, estavam: Estado de Santa Catarina, Secretaria da Educação e Ucre², já no centro estava escrito em letras na cor verde “Boletim Escolar – 1º Grau”. Os espaços em branco destinados à identificação da unidade escolar, ao nome do(a) aluno(a), à série, à turma, ao turno e ao ano foram preenchidos manualmente com caneta na cor preta. Na contracapa,

² A sigla Ucre significa Unidade de Coordenadoria Regional de Educação. Em 1991, a lei nº 8.245, de 18 de abril, dispõe sobre a organização da administração pública, denomina a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, e o decreto nº 111, de 15 de maio, determina a extinção das Unidades de Coordenadorias Regionais de Educação (UCRES) e das Coordenadorias Locais de Educação. A Lei nº 9.831, de 17 de fevereiro de 1995, dispõe sobre a organização da administração pública, cria a Secretaria de Estado da Educação e Desporto (SED), sendo que a Cultura passou a fazer parte da Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Em 2007, a Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia passa a se chamar somente Secretaria de Estado da Educação (SED) (Santa Catarina. Secretaria de Estado da Educação – SED. **Histórico**. Sem data de publicação. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/secretaria/historico>. Acesso em: 28 jul. 2022).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

espaço reservado para a assinatura do pai ou responsável a cada bimestre e espaço para o resultado final, escreveu-se aprovado e o número ordinal 4ª, referindo-se à série que eu deveria frequentar no próximo ano, novamente se referindo apenas ao “pai e/ou responsável” ao solicitar a assinatura pelo acompanhamento da criança. Não me recordo do motivo de não ter a assinatura de minha mãe no espaço reservado para esse fim nesse boletim. Também apresentava uma pequena frase solicitando que, ao assinar o boletim, novamente “o pai e/ou responsável” observasse a frequência e as notas para a obtenção da promoção. A frase dirigida aos pais é mais objetiva que a do boletim já apresentado anteriormente e assim menciona: “Ao assinarem o Boletim Escolar de seu filho, observem a frequência e se as notas obtidas garantem a sua promoção” (Santa Catarina, 1988).

A foto 5 apresenta uma tabela para o preenchimento das notas e da frequência escolar. Percebe-se uma diferença na estrutura do boletim escolar, comparado com o emitido pela Escola Reunida José Contim Portella na primeira série. Este da foto 5 apresenta as áreas de estudos divididas em Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências. E como disciplinas curriculares: Língua Portuguesa, Educação Artística, Educação Física, Língua Estrangeira Moderna, Integração Social, História, Geografia, Organização Social e Política do Brasil, Educação Moral e Cívica, Iniciação a Ciências e Programas de Saúde, Ciências e Programas de Saúde, Matemática, Iniciação para o Trabalho e Educação Religiosa Escolar. No documento apresentado nessa foto, foram emitidas notas na terceira série apenas para as disciplinas de Língua Portuguesa, Educação Artística, Educação Física, Integração Social, Iniciação a Ciências e Programas de Saúde, Matemática e Educação Religiosa Escolar. As outras disciplinas, nas quais não foram emitidas notas, eram lecionadas, à época, a partir da quinta série. Também foi emitida uma média final para cada componente curricular. Todos os registros de notas e frequências foram feitos manualmente. Abaixo da tabela com os registros das notas e frequências, aparece

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

a assinatura da professora à época – Maria Terezinha Pereira Machado – e da diretora – Marli Jacinto.

A Escola Básica Manoel Gomes Baltazar, como já mencionado, atendia a estudantes da primeira até a oitava série do Ensino Fundamental, à época chamado Primeiro Grau. Ela era a maior escola do município. As demais escolas existentes eram isoladas e ficavam localizadas nos bairros rurais. Dessa forma, possuía mais de uma turma por série. No ano de 1988, recordo-me de que havia duas turmas de terceira série no período matutino. À época, comentava-se que os estudantes que moravam nos bairros rurais e mais distantes da unidade escolar estudavam no período matutino, sendo que o meio de transporte mais utilizado para chegar até a escola eram as bicicletas. Já os estudantes que moravam no centro estudavam no período vespertino.

Como já foi exposto, comecei a frequentar essa unidade escolar no segundo semestre. Assim, observa-se que foi traçada uma linha sobre os espaços para as notas do primeiro e do segundo bimestre, com a seguinte anotação: frequentou outra escola. O que se pode supor é que a escola optou por não transcrever as notas que foram emitidas por outra unidade escolar.

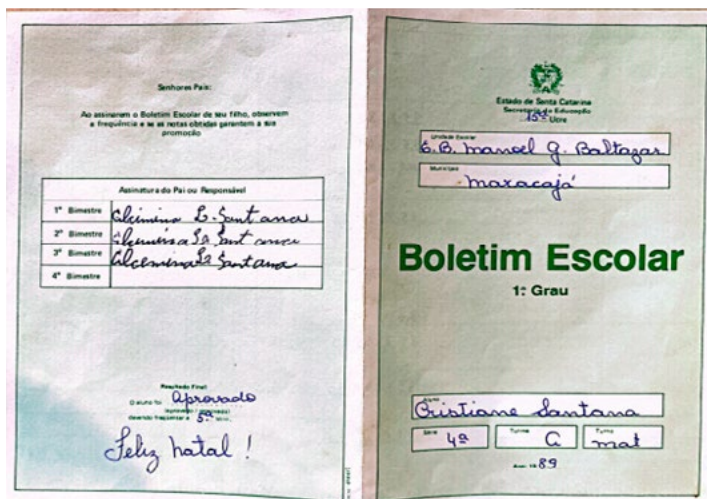
A foto 6 apresenta o envelope em que se carregava o boletim, visto que a cada bimestre eles eram entregues aos pais e depois retornavam à escola e ali permaneciam até o término do ano letivo. No envelope estão escritos à caneta preta apenas o nome da estudante e a série.

Na quarta série, minha professora se chamava Idanir Espíndola Serafim. Lembro-me bem da dona Idanir, que sempre nos estimulava a sermos independentes e nos desafiava a fazer a maioria das atividades propostas sozinhos(as). Era uma professora brava, a qual priorizava as regras e nos estimulava a estudar. Falava da importância da educação e de continuarmos os estudos para as conquistas dos sonhos e objetivos.

A seguir, trago as imagens do boletim da quarta série e o envelope que foi feito e personalizado por mim.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 7- Imagem da capa e da contracapa do boletim escolar da quarta série A (1989)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

Foto 8- Imagem da parte interna do boletim escolar da quarta série A (1989)

ÁREA DE ESTUDOS	Componente Curricular	Avaliação (1º a 4º série)							Frequência (5ª a 8ª série)								
		1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.	Prova Final	Nota Final	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.	% de Freq. Final					
		C	F	C	F	C	F	C	F	C	F	C	F				
Comunicação e Expressão	Língua Portuguesa	9,5	8,5	8,5	9,0		8,7	39	1								
	Educação Artística	9,5	9,0	10,0	10,0		9,6										
	Educação Física	10,0	10,0	10,0	10,0		10,0										
	Língua Estr. Moderna I	—															
Estudos Sociais	Integração Social	8,5	7,0	9,0	8,5		8,7										
	História	—															
	Geografia	—															
	Org. Social e Polít. do Brasil	—															
Ciências	Educação Moral e Cívica	8,0															
	Iniciação a Ciências e Programas de Saúde	8,0	8,5	9,5	9,5		8,7										
	Ciências e Progr. de Saúde	—															
Matemática		9,5	9,0	9,5	9,0		9,2										
		—															
Iniciação para o trabalho		—															
Educação Religiosa Escolar		9,0	10,0	10,0	9,5		9,6										
Frequência de 1º a 4º série								39	1	55	—	40	1	43	—	2	98

Idanir Espindola Serafim Professor
Abelardo Diretor

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 9- Imagens do envelope do boletim escolar da quarta série A (1989)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022).

No ano de 1989, passei a estudar no período vespertino, na turma da quarta série A. Como já mencionei, essa escola estadual era a maior do município e possuía mais de uma turma em cada série. Ao nomear as turmas incluindo a letra A ao lado da série, pode-se supor que havia uma separação devido ao processo de aprendizagem, visto que em determinadas escolas havia essa separação entre os estudantes classificados como fracos e fortes, sendo que os estudantes com facilidade na aprendizagem ficavam na turma A e os estudantes com dificuldades de aprendizagem, na turma B.

A foto 7 apresenta a capa do boletim escolar da quarta série A, emitido no ano de 1989. Como já descrito anteriormente, ao relatar sobre a foto 4, tratava-se de um modelo que vinha pronto, com espaços a serem preenchidos manualmente, como a identificação da unidade escolar, o nome do(a) aluno(a), a série, a turma, o turno e o ano. No espaço reservado para o turno está escrito

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

matutino, mas me recordo claramente de que estudava à tarde e que ia para a escola de bicicleta com a minha prima Gisele. O espaço reservado para a assinatura do “pai ou responsável” a cada bimestre se encontra com a assinatura de minha mãe nos três primeiros bimestres. Suponho que o quarto bimestre não foi assinado por ser o último e não ter a obrigatoriedade de devolver o boletim, visto que à época o boletim era devolvido para a escola para o registro das notas dos próximos bimestres até o término do ano letivo.

Na foto 8 constam as notas por bimestre. A organização e apresentação do boletim escolar se apresenta em uma tabela como o boletim da terceira série. Há divisão por áreas de estudos, sendo que em comunicação e expressão foram emitidas notas para as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Educação Artística e Educação Física. Já para a área de estudos sociais apenas foi emitida nota para Integração Social. Quanto à área das ciências, emitiu-se nota para Iniciação a Ciências e Matemática. A Educação Religiosa Escolar aparece como registro de notas, porém não se encontra dentro de nenhuma das áreas de estudos. A cada bimestre também aparece o registro da frequência e da quantidade de faltas. E abaixo da tabela, a assinatura da professora à época – Idanir Espindola Serafim – e da diretora – Marli Jacinto. Como já mencionado ao relatar sobre o boletim da terceira série, as outras disciplinas apresentadas no documento faziam parte da grade curricular da quinta à oitava série para a emissão das notas.

A foto 9 apresenta a imagem do envelope feito por mim para guardar o boletim. Como já mencionado, dona Idanir sempre nos estimulava a sermos independentes e a produzirmos nossas atividades com nossa criatividade. Na decoração do envelope, foram coladas figuras com personagens da Turma da Mônica³ e desenhos de flores e gramas. As figuras e o

³ *Turma da Mônica* é uma série de histórias em quadrinhos brasileira criada pelo cartunista e empresário Mauricio de Sousa. Foi originada, em 1959, de tirinhas de jornal, cujos personagens principais eram Bidu e Franjinha. A partir dos anos de 1960, a série começou a ganhar a identidade atual, com a criação de Mônica e Cebolinha, entre 1960 e 1963, os quais passaram a ser os protagonistas. Embora a maior parte das histórias girem em torno das aventuras de Mônica, Cebolinha e seus amigos do bairro do Limoeiro, o termo do título se refere também às demais famílias de personagens criados por Mauricio de Sousa, derivadas de outras séries, como Turma do Chico Bento, Turma da Tina, Turma da Mata,

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

envelope foram contornados com canetinhas nas cores verde, vermelho e azul. As escritas de meu nome, do nome da professora e da série também foram feitas por mim. Bem diferente do envelope do ano anterior, com as escritas do meu nome e da série feitas provavelmente pela professora ou pela secretária da escola. Ainda trago em minha memória muitas palavras da professora da quarta série, a qual mencionava que precisávamos aprender a fazer nossas atividades com independência, criatividade e segurança.

Os boletins escolares e a sua materialidade são fontes importantes de investigação e análise, no sentido de aproximar o passado e o presente, conhecer a cultura escolar e as mudanças pelas quais o ensino passou no decorrer dos anos com relação ao currículo, às disciplinas, à avaliação, às instituições escolares, aos profissionais da educação e aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Mostram-se uma fonte fundamental para conhecer os vestígios da história da educação no decorrer dos anos, além de serem um fragmento de memórias para os estudantes, que por meio desses documentos podem rememorar histórias e vivências de sua trajetória escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar e analisar os meus boletins escolares das séries primárias, um breve roteiro de uma redação escolar passou em meus pensamentos. No início, o ingresso de uma menina cheia de sonhos em uma escola pequena, chamada escola isolada, em uma pequena cidade denominada Maracajá. Naquela escola, poucos dias passei, pois mudei de residência e a distância entre minha casa e a escola nova era muito longa e difícil de percorrer. Uma pequena pausa se deu, então, em minha vida escolar,

Turma do Penadinho, entre outras. Desde 1970, na forma de revista em quadrinhos, os personagens já foram publicados por editoras como a Abril (1970-1986), a Globo (1987-2006) e a Panini Comics (2007 até a atualidade), somando quase 2000 revistas já publicadas para cada personagem (Wikipédia: A Enciclopédia Livre. **Turma da Mônica**. Atualizado em 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Turma_da_M%C3%B4nica. Acesso em: 02 nov. 2022).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

mas as próximas linhas da redação seguiram por um novo começo, em uma outra cidade chamada Criciúma e em uma nova instituição chamada Escola Reunida José Contim Portella. Dessa vez, apareceu em minha vida uma personagem muito importante, que deixou registrada uma memória peculiar: a professora Magali, que com muita sensibilidade e dedicação me ajudou a frequentar, no mesmo ano, a primeira e a segunda séries para eu “recuperar” aquela pequena pausa na vida escolar. A redação então segue por mais uma mudança de residência, com meu retorno à pequena cidade de Maracajá. Agora na terceira série, em uma instituição nova e maior, a Escola Básica Manoel Gomes Baltazar, onde fiz novas amizades, novas descobertas e obtive muitos aprendizados. Finalizei as séries primárias, ou seja, até a quarta série, e percebi que muitas histórias eu pude rememorar. Mas como toda redação precisa ter começo, meio e um fim, destaco que o tempo passou e agora, ao mexer em meus “guardados escolares”, muitas lembranças e memórias apareceram em meus pensamentos. Algumas lembranças um pouco tristes, como a separação de meus pais na minha infância, e outras muito felizes, como compreender que “nossos guardados ou relíquias” podem contribuir para conhecermos o nosso passado e nos aproximarmos do nosso presente. E também entendermos que a educação e todas as pessoas que fazem parte dela são fundamentais para os caminhos que levam a novas descobertas e a novos aprendizados.

Nesta rememoração das minhas memórias, os boletins escolares das séries primárias foram fundamentais, pois me possibilitaram observar por meio de seus registros que eu fui uma estudante assídua e dedicada aos estudos, além de observar a estrutura desse documento escolar, as disciplinas que faziam parte do currículo, à época, e outras informações primordiais, as quais são fontes de investigação dos vestígios da história da educação.

E, para finalizar este texto, mais que especial, pois retrato um pouco das minhas memórias escolares nas séries primárias, trago as palavras de António Nóvoa (2015, p. 14), o qual destaca que “[...] talvez não seja

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

muito importante o que a vida faz conosco, importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida”.

Hoje, como professora e pesquisadora, ao analisar os meus boletins escolares, pude perceber as mudanças pelas quais a educação e o ensino passaram no decorrer dos anos e, principalmente, que todos os documentos escolares, como os boletins, por exemplo, são importantes vestígios para se conhecer a história da educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 25-80. Disponível em: <https://observatorio-deeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/mulher-e-educacao-a-paixao-pelo-possivel,24f00a38-d355-44f3-b9ae-0d7c9de19402>. Acesso em: 20 out. 2022.

BEIRITH, Ângela. As escolas Isoladas de Florianópolis no contexto da regulamentação do ensino primário. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 10, n. 02, p. 156-168, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1415/1473>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases do ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 12 de agosto de 1971. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória [Apresentação]. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 17-33.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. **Revista Investigar em Educação**, Lisboa, n. 3, 2. série, 2015. Disponível em: <https://spce.org.pt/home/index.php/publicacoes/>. Acesso em: 14 set. 2021.

SANTA CATARINA. Secretaria de Educação. 15. Unidade de Coordenação Regional de Educação - UNCRE. Escola Básica Manoel Gomes Baltazar. **Boletim escolar**. Maracajá: E. B. Manoel Gomes Baltazar, 1988.

SANTA CATARINA. Secretaria de Educação. 15. Unidade de Coordenação Regional de Educação - UNCRE. Escola Isolada José Contim Portella. **Boletim escolar**. Criciúma: Escola Isolada José Contim Portella, 1987.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação – SED. **Histórico**. Sem data de publicação. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/secretaria/historico>. Acesso em: 28 jul. 2022.

WIKIPÉDIA: A Enciclopédia Livre. **Turma da Mônica**. Atualizado em 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Turma_da_M%C3%B4nica. Acesso em: 02 nov. 2022.

MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UMA LEITORA E PROFESSORA DE INGLÊS

Edilane Pizoni Oening

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Neste capítulo que segue, tenho a intenção de contar minha trajetória escolar e, especialmente, como o gosto pela leitura e pela língua inglesa me levaram a escolher a minha profissão. Minha formação acadêmica não foi algo que eu tinha como sonho desde a infância, mas foi, sobretudo, orientada por acontecimentos ocorridos em minha vida pessoal e por gostos pessoais.

Segundo Bosi (1994, p. 39), “[...] a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento [...]”, por isso tenho consciência de que o relato das minhas memórias será apenas parte do que realmente aconteceu durante os diversos anos que passei estudando, desde o Jardim de Infância até o presente momento, em que estou cursando o Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Escreverei minhas memórias de maneira linear, mas falarei brevemente das lembranças principais, ou seja, optei por escrever apenas o que lembro e considero relevante, pois, como Bosi (1994, p. 66) afirma, “[...] fica o que significa”.

Apesar de estar falando do passado, entendo que o que escrevi será abordado a partir do meu eu atual, repleto de conhecimentos que tenho hoje sobre minha vida, mas, sobretudo, a partir do conhecimento sobre “memórias”, o qual adquiri na disciplina “Memória Docente e Gênero”¹, ministrada pelas professoras Giani Rabelo e Suzane da Costa Waschinewski, no PPGE da UNESC.

Bosi (1994, p. 55) sugere que,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da so-

¹ Disciplina Optativa do PPGE/UNESC oferecida no primeiro semestre de 2022.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

breviência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

A busca pelas memórias permite uma relação entre o passado e o presente e produz um sentimento difícil de explicar, uma nostalgia que vai além das lembranças, pois a memória tem a força de ressignificar o presente. Conforme Bosi (1994, p. 46-47) afirma,

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Segundo Thomson (1997, p. 57), “[...] a memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas”. O autor também ressalta que cada indivíduo escolhe quais memórias pretende recordar e relatar e que essa escolha acontece devido ao sentido conferido a elas, inclusive que com o tempo o sentido dado à memória também sofre alterações.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos viver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com a nossa própria vivência (Thomson, 1997, p. 57).

Na sequência, discorrerei, a partir do meu eu de hoje, sobre a memória “reconstruída” do período em que frequentei o Jardim de Infância.

O JARDIM DE INFÂNCIA

Tenho pouquíssimas lembranças da época em que iniciei na escola, não consigo afirmar se a maior parte das lembranças são realmente minhas ou se eu as tomei como minhas a partir de relatos dos meus pais, ou seja, da história oral contada por eles. No entanto as contarei como se eu mesma as tivesse na memória. Ao mesmo tempo que desejo que essas memórias sejam fiéis aos acontecimentos do passado, estou ciente de que isso é impossível, pois tudo o que eu narrar estará permeado pela pessoa e profissional que eu me tornei.

O Processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais (Thomson, 1997, p. 57).

Meu primeiro encontro com uma educação formal aconteceu no Jardim de Infância Cantinho Alegre, na cidade de Cocal do Sul, à época pertencente à cidade de Urussanga, hoje emancipada. As professoras do Jardim de Infância tinham dificuldade de me manter na sala de aula, por isso algumas vezes pulei o muro do Jardim e fugi para casa. Fui, inclusive, trocada de sala para facilitar a adaptação. Acredito que tenha dado certo, visto que fiquei por um ano e meio naquela instituição. Nesse momento de minha vida, eu era filha única e apesar de meus pais trabalharem fora, eu sempre ficava sob os cuidados de minha avó ou de vizinhas. Então talvez devido a esse cenário que minha adaptação fora de casa tenha sido difícil.

Em um momento específico, houve um episódio infeliz: no Dia das Mães, minha mãe não pôde comparecer à escola por motivo de trabalho, e meu pai foi no lugar dela. Lembro-me de que chorei muito e não quis cantar nem fazer as apresentações para as mães, pois minha mãe não estava lá. O caso ficou sério e acabei sendo internada por três dias em um hospital. Minha família me contou que por alguns dias eu não reconhecia ninguém. Passei por exames médicos, mas nada sério foi constatado. Depois de três dias, tive alta hospitalar e voltei para casa. Esse episódio nunca voltou a se repetir e minha mãe passou a tomar cuidado em participar de todos os encontros de família na escola, nos anos seguintes.

Apesar desse episódio infeliz ter sido muito significativo, a ponto de ser a memória mais vívida que tenho, houve muitos momentos felizes, em especial o tempo em que passávamos ao ar livre no parquinho anexo ao estabelecimento.

Dos anos escolares seguintes, consigo lembrar um pouco melhor, sobretudo de gostar muito de ir para a escola e de detestar faltar às aulas desde o Primário até completar o Segundo Grau, contudo os períodos de adaptação em novas escolas sempre foram difíceis.

O PRIMÁRIO, O PRIMEIRO E O SEGUNDO GRAU

Minha formação do Ensino Fundamental I, na época chamado Primário, aconteceu na Escola Reunida Demétrio Bettiol, entre os anos de 1984 e 1987, da primeira até a quarta série. Minha primeira professora foi Cirlene Scarpato, quem recentemente foi prefeita da cidade de Cocal do Sul. De acordo com os boletins escolares que guardo até hoje, minhas notas sempre foram excelentes. Lembro-me de meus colegas comentando que haviam tirado algumas notas vermelhas e de eu, sem entender, dizer que, infelizmente, todas as minhas eram azuis. Mais tarde descobri que notas vermelhas eram abaixo de cinco, então fiquei contente com minhas notas “não vermelhas”. Minha mãe conta que no início eu também não queria ficar na escola, pois eu dizia que já sabia tudo e que a professora não ensinava “nada de novo”, eu havia aprendido a ler no Jardim de Infância.

Apesar de eu lembrar que minhas notas eram boas, os boletins escolares se tornaram documentos escritos e relíquias que servem como prova do meu passado escolar. Durante meu tempo de escola, foram muitos os materiais escritos, tais como cadernos, livros, desenhos, mas apenas meus boletins foram guardados. São objetos que funcionam como um gatilho de lembrança e que contam a minha história. De acordo com Bastos (2019, p. 10 *apud* Waschinewski; Cunha, 2019, p. 36):

Ao arquivarmos, os itens que foram guardados adquirem uma nova vida. Como relíquias, são considerados mortos, mas estão vivos na mente de quem os arquivou — e, para quem os consulta/utiliza, formam uma ponte entre nosso mundo limitado e outro infinitamente mais rico de história. Por intermédio desses itens, a vida se torna perene.

Ainda que fosse tímida, sempre fui participativa e adorava apresentações, uma delas foi uma dança do “Pintinho Amarelinho”. Lembro-me

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

de gostar muito das Festas Juninas que aconteciam na escola. Na minha escola primária, havia apenas quatro salas, uma para cada série. A disciplina de Educação Física acontecia em um terreno ao lado da instituição, sem nenhuma infraestrutura. Algo que tenho na memória é o dia de vacinação com pistola, parecia tão normal. Havia o hasteamento da bandeira e o hino nacional era entoado antes da aula.

Quando fui para a quinta série, em 1988, mudei para o Colégio Estadual Professor Padre Schuller, onde estudei até terminar o Ensino Médio, na época Segundo Grau. O primeiro ano no colégio novo foi muito difícil, primeiramente devido ao número de professores(as), enquanto anteriormente eu passava um ano inteiro com uma professora apenas, na quinta série eram nove professores, inclusive alguns do gênero masculino, novidade para mim à época. As nove disciplinas eram: Língua Portuguesa, Educação Artística, Educação Física, História, Geografia, Ciências, Matemática, Iniciação para o Trabalho (IPT) e Educação Religiosa.

Minhas notas já não eram excelentes, mas eram muito boas e nunca fiquei em “provão”, sempre passei direto. Outro motivo que se fez difícil era devido às minhas irmãs mais novas, eu era responsável por levá-las para a escola. Uma eu deixava no Jardim de Infância, a outra na sala do primeiro ano, e elas choravam bastante no início do ano letivo. Algumas vezes, fui para minha sala de aula chorando, por dó delas. Lembro-me de uma vez ter sido convidada a conversar com alguém da escola e que me questionaram sobre o porquê de eu, às vezes, estar chorando no início das aulas.

Contudo, no decorrer do ano letivo, tudo se normalizou e eu me adaptei muito bem à nova escola e à rotina. Recordo que adorava o momento de ir à biblioteca para fazer a troca dos livros, a qual ocorria semanalmente. Mais tarde, eu me tornei estagiária na biblioteca e vivia em êxtase no meio dos livros. Minha mãe se perguntava “*De quem que essa guria ‘puxou’ o gosto pela leitura?*”, pois não conhecia ninguém com gosto semelhante.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Estudei naquela escola até o ano de 1993. Durante esse período, fui várias vezes líder de classe e sempre estive entre os alunos mais estudiosos. Cultivei uma amizade verdadeira com Patrícia Martins, de quem até hoje sou amiga. Tive outras amigas e amigos e curtia muito, apesar da timidez, as viagens de fim de ano. Na oitava série do Primeiro Grau, fomos para Morro dos Conventos. Já terceiro ano do Segundo Grau, para Florianópolis. Meu Segundo Grau foi o curso Técnico em Contabilidade, não escolhi fazer Magistério. Nem imaginava, naquela época, que seria uma professora no futuro.

Lembro-me, claramente, que eu não sabia que profissão queria seguir, mas eu tinha vontade de estudar para sempre. No fim do período escolar obrigatório, seria natural seguir os estudos e ingressar em um curso superior, no entanto, por motivos particulares, minha vida tomou outro rumo. Na sequência, conto momentos decisivos para minha formação.

A ESCOLA DA VIDA

Apesar de minha vontade infinita de fazer faculdade, não consegui ingressar no Curso Superior logo após o Segundo Grau devido às condições financeiras de minha família. Fiz vestibular, passei em Psicologia, cujo curso eu faria na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), em Tubarão, SC, mas meus pais, com muita tristeza, disseram-me que não poderiam pagar as mensalidades. O curso era em tempo integral, e eu não conseguiria trabalhar para pagá-lo.

A partir de então, comecei a guardar dinheiro para conseguir pagar a minha faculdade, pois eu sempre trabalhei em lojas e supermercados, mas o destino mudou meus caminhos e, cinco anos depois, em 1999, utilizei minhas economias para comprar meu *ticket* para os Estados Unidos. Juntamente com minha tia Celoni Pizoni e sua família, emigrei para os Estados Unidos da América.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Naquele país, como sempre fui apaixonada por estudar, logo comecei a fazer cursos de inglês, até que consegui ingressar no Curso de Extensão da Harvard University. Continuei sendo a aluna dedicada de sempre. Apesar das longas horas de trabalho e da neve caindo lá fora, eu acordava cedo para estudar. Estudei por seis anos não consecutivos. No início de cada semestre, em vez de comprar apenas o livro paradidático indicado pelo professor, eu ia à livraria da universidade e comprava vários livros, mesmo que usados, indicados para os outros níveis de inglês. Assim eu lia muito e aprendia, além da língua, a cultura americana exposta nos livros. Eu os tenho guardados até hoje, os quais também considero uma relíquia que serve para trazer à tona lembranças.

Também nessa época adquiri o hábito de frequentar bibliotecas e sempre levar livros para casa. Eu gostava particularmente de ler aqueles que haviam virado filmes, assim eu terminava de ler e em seguida assistia aos filmes. Dessa forma, fui aperfeiçoando meu inglês, mas ainda não havia percebido que meu destino seria eu me tornar uma professora de inglês. Enquanto eu trabalhava, já ensinava minhas colegas de trabalho informalmente. Trago lindas memórias do tempo de estudo na Extensão da Harvard, especialmente da diversidade de alunos. Eu tinha colegas de vários países, e esse ambiente me estimulava a falar a língua inglesa, pois era, muitas vezes, a única coisa que eu e meus colegas tínhamos em comum.

Enquanto vivia no exterior, além de trabalhar e estudar, eu me tornei mãe. Tive minha filha, Ludmilla Oening Antunes, no ano de 2005. A maternidade fez com que eu desse um tempo nos estudos, mas logo voltei a ler e a levar minha filha comigo à biblioteca pública.

Nos últimos anos que passei nos EUA, fiz um curso de intérprete, pois almejava trabalhar como intérprete de língua inglesa e portuguesa nos hospitais e nas clínicas da região onde eu morava, visto que era uma função de extrema necessidade no mercado de trabalho. Acabei não exercendo a função porque retornei ao Brasil. Então, com o “sonho americano” realizado, havia chegado a hora de realizar o sonho do Curso Superior.

A TÃO SONHADA FACULDADE

Logo que cheguei ao Brasil em 2008, fui atrás do meu sonho de fazer faculdade. Eu queria algo que abarcasse meu gosto pela leitura e meu conhecimento na língua inglesa. Identifiquei-me, então, com o curso de Letras – Português e Inglês – da UNESC.

Em 2009, iniciei minha graduação. Aprendi muito em todas as disciplinas na universidade e me descobri professora. Nunca foi fácil, mas sempre valeu a pena. Tive professores maravilhosos e logo no início da graduação eu já estava participando de viagens de estudo, sendo representante de turma e vivendo o sonho de ser uma graduanda.

A partir da terceira fase, eu já estava inserida no mercado de trabalho e lecionava em cursos de inglês, tinha colegas de trabalho estrangeiros e morava em Criciúma. Minha graduação levou seis anos, pois me tornei aluna irregular porque precisava trabalhar algumas noites por semana. Recebi meu diploma em uma colação de gabinete em 2015.

Em 2019, concluí minha especialização em Docência no Ensino Superior, também na UNESC. O curso de especialização durou cerca de dois anos. O que despertou meu interesse em regressar à vida acadêmica foi uma vontade infinita de estudar. Sinto-me realizada quando estou em sala de aula, seja como aluna ou como professora. Adoro o ambiente acadêmico, mesmo cansada pela rotina árdua, sempre me sinto revigorada quando coloco os pés da universidade.

Em meados de 2021, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UNESC, em uma disciplina isolada. Gostei muito da experiência e depois de escrever meu pré-projeto e passar no processo seletivo, em 2022 eu me tornei mestranda regular no PPGE. Na minha dissertação, pretendo pesquisar acerca do uso de material paradidático na aprendizagem de uma segunda língua. Utilizei essa ferramenta durante meus estudos e sempre que possível tenho o livro como aliado nas aulas que leciono, no entanto busco pesquisar acerca da teoria algo que dê respaldo a essa ferramenta pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, olhando para trás, tenho muito orgulho de mim mesma e sei que todos os sacrifícios valeram a pena. Continuo lutando e valorizando muito minha formação, quero fazer e faço sempre o meu melhor como estudante e professora.

Estou ciente de que não me tornei professora no dia da minha graduação em Letras, mas fui construindo a professora que me tornei desde que entrei na escola, pois é impossível ser uma professora sem se lembrar do meu tempo de aluna. Lembrando-me dos professores e das aulas que tive, desde o Ensino Fundamental, sei exatamente em quem me inspirar.

A minha formação também aconteceu fora da sala de aula. Quando estou lecionando, compartilho com meus alunos, mesmo que indiretamente, as experiências pessoais que tive e tenho. Quando utilizo um livro paradidático em minhas aulas, estou compartilhando as minhas experiências com leituras, por exemplo. Apesar de estar cursando o Mestrado em Educação para aprimorar minha carreira docente, é na sala de aula que leciono onde percebo meu crescimento profissional, e esse crescimento é um processo contínuo e pessoal.

Sempre recebi apoio de minha família, agradeço a todos imensamente. A leitura de livros paradidáticos em língua portuguesa e inglesa esteve sempre presente na minha vida acadêmica e pessoal e continua me levando a viagens incríveis nesta minha trajetória.

Este texto foi uma atividade obrigatória do Mestrado, porém agora que ele está escrito, percebo que se trata muito mais que uma atividade. Escrever este capítulo me fez mergulhar em mim mesma e trazer à tona memórias deixadas de lado por muito tempo. Percebi que não são apenas as memórias que são ressignificadas, pois o presente também tem outro sentido quando “visitamos” o passado, e que o passado nos faz valorizar ainda mais o “presente” que é o presente. Sou muito grata às professoras da disciplina por me inspirarem a escrever sobre a minha história.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51- 84, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216/8224>. Acesso em: 15 jun. 2022.

WASCHINEWSKI, Susane de Costa; CUNHA, Maria Teresa Santos. Guardar para preservar: cartas entre o governador e a diretora do Museu Histórico de Santa Catarina, 1979-1980. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 428-449, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/929>. Acesso em: 19 jun. 2022.

MINHAS MEMÓRIAS, MEUS PRIMEIROS
ANOS DE ESCOLA

Ernesta Silveira Manenti

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Em março de 1979, teve início o ano letivo escolar nas escolas públicas estaduais da cidade de Criciúma. Naquele 1º de março, lá estava eu, a primeira da fila, esperando ser chamada pela minha futura professora da primeira série, dona Maria do Carmo, que com muito carinho chamou pelo nome cada aluno(a) lá presente. Minha ansiedade era imensa e ao ouvir meu nome tive a certeza de que realmente, daquele momento em diante, eu estaria frequentando a escola todos os dias, participando daquele mundo quase mágico para mim.

Aquela instituição tão amada se chamava Escola Estadual Lindolfo Collor, localizada no bairro Boa Vista, em Criciúma, SC, bairro criado para assentar mineiros trabalhadores das minas de carvão próximas. A escola foi extinta há aproximadamente cinco anos para dar lugar a um núcleo do Batalhão da Polícia Militar de Criciúma. Hoje só restam as lembranças de um espaço que fez parte da minha história de vida, mas sempre que passo pela rua do antigo prédio ainda posso sentir as emoções de outrora, as ruas, as casas ao redor da escola... Algumas ainda estão lá, embora modificadas, mas ainda me trazem lembranças de pessoas que contribuíram também para minha trajetória. Como ressalta Pollak (1989, p. 13, grifos no original), “[...] a despeito de variações importantes, encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de *leit-motiv* em cada história de vida”.

Na história de vida das pessoas, assim como na minha, é esse fio condutor que chega às lembranças que podem nos trazer memórias alegres ou tristes, é claro, as quais fazem parte, sem dúvida, de cada um de nós. Sou muito privilegiada, pois em minhas memórias dos primeiros anos escolares o fio me conduziu às lembranças dos desafios e do aprendizado. Na primeira série, onde aprendi a escrever e a ler corretamente, dentro dos níveis de escrita em que eu me encontrava, tive acompanhamento de uma cartilha intitulada *Caminho Suave*¹, que está guardada em minha memória com a emoção das primeiras escritas.

¹ *Caminho Suave* foi uma cartilha de alfabetização, “[...] que se tornou um fenômeno editorial” (Viajante do Tempo Real, 2015).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 1 - Cartilha *Caminho Suave* – 1º livro de leitura



Fonte: Viajante do Tempo Real (2015).

Eram tempos em que os livros de literatura nas escolas eram raros, então o contato com e a propriedade da cartilha *Caminho Suave* me auxiliavam a viajar pela imaginação, com suas imagens coloridas e certamente sendo uma importante ferramenta para que eu me apropriasse de uma alfabetização um pouco mais lúdica, mesmo que de forma sintética.

A cartilha *Caminho Suave* foi produzida pela autora Branca Alves de Lima e publicada, pela primeira vez, em 1948 pela editora Caminho Suave Limitada, que foi criada pela autora. *Caminho Suave* vendeu mais de 40 milhões de exemplares até os anos de 1990 (Folha de São Paulo, 25/11/1997, p. 11).

Esse importante ponto das minhas memórias traz consigo as primeiras escritas escolares nos cadernos e as produções relacionadas a várias disciplinas. O meu encanto com a escola não trouxe somente as aprendizagens, mas também as amizades. Algumas delas perduram até os dias de hoje, e nos momentos de reencontro com as amigas da escola as memórias saem do campo individual para o coletivo, quando nos lembramos de acontecimentos vividos por uma geração. É incrível e maravilhoso vivenciar essas situações.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Ao trazer à tona essas lembranças, percebo, a partir das reflexões de Pollak (1989, p. 13), que,

Ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através do trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

De acordo com o referido autor, estabelecemos coerências as quais nos unem com esses laços, que são os acontecimentos vividos juntamente com as outras pessoas, trazendo essa reconstrução de si mesmo, incluindo-nos dentro dos acontecimentos ocorridos com os outros. Tudo isso conta muito de nós mesmos, torna sólida a nossa memória, torna-a compartilhada. O cotidiano da escola, lembrado dessa maneira, certifica de certa forma quem somos, o que vivemos e como guardamos nossas memórias afetivas.

Vamos para cada etapa levando a aprendizagem das etapas anteriores e a certeza de uma nova caminhada acompanhada de muita emoção. Um novo ano me aguardava, novas descobertas estariam por vir, então, em 1980.

MAIS UM ANO LETIVO REALIZADO

O ano de 1979 passou e no fim do ano letivo levei para casa o boletim de aprovação e o sentimento de etapas cumpridas. Logo haveria uma nova caminhada para a segunda série. Neste momento enquanto escrevo, lembro-me bem daquele dia, do boletim com a palavra aprovada, com a letra da dona Carmen. Havia um sentimento que até mesmo hoje acende

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

uma luz em minha lembrança! E sinto um pouco de saudade daquela criança feliz, que começou a sonhar com uma profissão. Ser professora era um desejo de criança e brincadeira preferida com os amigos da rua.

Naqueles momentos de brincadeiras, eu já vivia uma realidade que seria a minha vida profissional. Desde a formação no Magistério, eu trazia a escola para minha vida o tempo todo. Ser professora ainda era uma brincadeira, mas logo se tornaria uma inspiração.

Na segunda série, já alfabetizada, o ano letivo após as férias, em nossa escola, era muito esperado, pois a saudade da rotina escolar era grande, assim como dos amigos; dos cadernos novos encapados com papel cera e plástico para não desbotar; da cartilha, antiga companheira, que estava guardada como lembrança; dos lápis de cera coloridos, esperando na caixa com cheiro inesquecível de novo; do recomeço; das canetinhas coloridas em estojo; e do penal de madeira com uma tampa abre e fecha. O barulhinho dos lápis se movimentando naquela caixinha de madeira está no meu pensamento como um ruído de escola! O penal barulhando na corrida com a mochila nas costas, que era como se fosse uma maleta com botões. “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (Bosi, 1979, p. 3), assim lembrando com nostalgia da passagem de fases, como quando iniciei um novo ano letivo e a chegada da terceira série.

UMA PROFESSORA QUERIDA DO PASSADO, REENCONTRADA NO PRESENTE, MINHA INSPIRAÇÃO

Quando passei para o terceiro ano e conheci minha nova professora, foi então que resolvi ser professora também e ter como inspiração a sua maneira tão amorosa de ensinar. Com doçura e empatia, dona de uma voz suave, com um volume baixo e entonado para fazer com que todos prestassem atenção em suas palavras, essa professora que me encantou durante todo o ano letivo se chama Nereuci. Hoje mantemos contato, que foi estabelecido por um grande privilégio que tive de reencontrá-la 34 anos

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

depois de ter sido sua aluna. Nosso contato se deu por meio de sua filha, que também é professora, a qual pude conhecer em uma escola municipal onde lecionei.

São oito anos de reencontro com a mulher que me inspirou e da qual guardo muitas lembranças de histórias que contava por meio de sua leitura perfeita e gostosa de ouvir. Certamente, ela não imaginava que em suas simples atitudes tocava nas emoções de uma menina que tinha muitos sonhos em sua vida nem que suas aulas me ajudariam a encontrar o caminho daqueles sonhos.

Foram muitas sementes plantadas naquele ano de 1981, e como criança cheia de ideias eu também tinha uma escolinha no quintal da minha casa, sob os pés de goiabas e laranjas. Lá criamos uma sala de aula com lousa, que era uma tábua pregada na goiabeira. O giz era carvão retirado das sobras do fogão a lenha, que tínhamos na antiga casa da minha infância. E não poderiam faltar as carteiras, que eram tijolos que serviam como assento e como pés da mesa, cuja tampa era uma “taubinha” que colocávamos sobre os tijolos (era assim mesmo que chamávamos a parte superior de nossas mesas da escolinha). Todos os improvisos não diminuían o meu amor por ser a professora nem o dos(as) colegas da minha rua por serem os(as) alunos(as). Tudo se tornava mais divertido.

Essas lembranças me fazem pensar na afirmativa de Thomson (1997, p. 56) quando argumenta que

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

O aprendizado acontecia naturalmente. Nas brincadeiras de imitar nossa rotina escolar, fui me formando, de certa maneira, com o mundo ao meu redor, que me trazia essa realidade e até mesmo os desafios. Quando tínhamos que preparar o ambiente para poder ter as aulas de brincadeira, era realmente algo levado muito a sério naquele momento.

O ano de 1981 terminou para dar lugar a um novo ano, o último em minha escola tão querida. Eu fazia muitos planos para quando concluísse aquela etapa, momento em que passaria do primário para o ginásio², e isso era, para as crianças da época, muitíssimo importante; era um romper de laços e uma nova fase acompanhada do pavoroso medo da reprovação, por muito ouvir esta frase o tempo todo: “*A quarta série é muito difícil!*”. Aquele ano letivo me causava uma certa ansiedade, lembro-me daquele tempo, já com tantas responsabilidades, aprendendo a ser independente e a fazer planos para o futuro, para quando eu concluísse a tão temida quarta série.

Mas, enfim, o ano novo começou e logo voltei para as aulas e pude rever a maioria dos(as) colegas(as) e professores(as). Era muito bom e fortalecedor, tinha saudades de tudo. Em quatros anos no “primário”, tive apenas uma professora de Educação Física, dona Arlete, a qual era exigente com a disciplina nas filas e regras dos jogos, mas uma pessoa maravilhosa. Ela não sorria muito, necessitava manter a ordem e o respeito. Certamente tinha essa ética de trabalho, mas seu coração era de ouro, auxiliava-nos em todas as dificuldades sem desistir.

Muitas coisas boas, poucas coisas ruins. Essa é a bagagem que carrego nas minhas memórias daquela escola simples de um bairro operário com suas dificuldades e também com suas grandes conquistas junto com a comunidade escolar. Todas estas lembranças e as pessoas que fazem parte delas têm um pontinho formando quem hoje sou e como eu me identifico com o meu passado de desafios e de aprendizados significativos, assim como com as dificuldades enfrentadas, mas vivenciando também momentos felizes. Por tudo isso eu me sinto muito agraciada, pois nem todas as

² Nomenclatura do atual Ensino Fundamental I e Fundamental II no currículo educacional vigente.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

pessoas puderam/podem guardar boas lembranças da escola sem absolutamente nenhum trauma escolar. É assim como me sinto. E se escolhi ser professora, creio que isso se deve muito aos meus primeiros anos de escola, os quais determinaram, de certa maneira, o meu caminho profissional.

Diante do que foi exposto até aqui, concordo com Thomson (1997, p. 56, grifos no original) quando aponta que

Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são *passados importantes* que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes. Há várias maneiras segundo as quais nossas reminiscências – tanto do passado imediato como do mais longínquo podem tumultuar e colocar em xeque nossa identidade, e, portanto, é preciso que exista uma certa harmonia entre elas.

De acordo com o autor, o passado nos identifica e também se mistura com o presente, principalmente quando contamos os detalhes de nossas vivências, de nossas alegrias e tristezas. Quando contamos esse passado de forma mais harmoniosa e leve, deixando de enfatizar o que não foi tão bom e valorizando com algo que foi importante e nos trouxe tantos benefícios. Creio que tratar o passado dessa maneira e indo ao encontro do presente é uma bela forma de torná-lo significativo e em consonância. Um colaborando com o outro para criar um equilíbrio em nossa existência. Meus sentimentos sobre o meu passado estão bem definidos de acordo com cada época da minha vida. Em minha infância, naqueles quatro primeiros anos escolares, tenho ali uma caixinha cheia de lembranças, que ainda são muito claras. Penso ser pelo fato de ter sido feliz.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Em breve, a próxima série tão esperada, último ano na escola dos primeiros anos escolares, a base que me apoiaria para os próximos passos na vida educacional!

ÚLTIMO ANO NA MINHA QUERIDA ESCOLA!

Ano de 1982, início do ano letivo. Tranquilo, esperado e cheio de curiosidades. Alguns colegas novos e uma nova professora, dona Amélia, a qual buscava em casa os alunos que faltavam muito. Certamente, ela sabia, pela sua experiência, que a evasão escolar era uma realidade em escolas públicas que atendiam aos(às) alunos(as) filhos(as) da classe operária. Dona Amélia tentava de todas as formas mantê-los(as) na escola para que se preparassem mais e melhor para a vida que teriam pela frente.

Ela sempre mencionava para a classe a importância de estudar para ter uma profissão digna, e que o esforço nos estudos somente nos traria benefícios e mais facilidades para conseguirmos um bom emprego. Essas eram também as palavras dos meus pais, principalmente de meu pai, que dizia: “*Estudar e se formar professora para comprar um carro*”. Cada frase motivacional que ouvia, tentava trazê-la para minha vida. Tudo isso foi muito importante em meus primeiros anos de estudante. Eu tive algumas frustrações, é claro, mas dentro de mim havia uma força, uma vontade de crescer e de alcançar as metas traçadas.

Quando o ano letivo terminou, percebi que não foi tão difícil assim como diziam meus colegas, mas estudei muito naquele ano, pois além de desejar passar, eu estava me preparando para estudar na Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC), escola mantida pelas carboníferas da região, que exigia um teste de seleção para admissão no ginásio (como era chamado, na época, o Ensino Fundamental II, da quinta até a oitava série). Alcancei a aprovação no

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

teste de seleção, como era chamado, e fiquei muito grata e feliz por todo o aprendizado recebido na minha querida e agora antiga escola, a Escola Estadual Lindolfo Collor.

Fotos 2 e 3 - Escola Estadual Lindolfo Collor – ano de 1974



Fonte: Acervo pessoal da autora.

As despedidas das amigas feitas naqueles quatro anos, a nova escola, um novo ano, tudo novo. E apenas uma amiga de classe me acompanhou na nova escola! Mas, em meu coração, guardei o colégio Estadual

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Lindolfo Collor. Até os dias de hoje ele pertence à minha identidade e fez parte das minhas escolhas na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lembranças aqui compartilhadas me levaram de volta a um passado feliz e cheio de significados. Estou com meus pensamentos voltados para aqueles tempos de criança, e as emoções surgem com sabor de infância, com o coração cheio de gratidão por ter encontrado pessoas com quem convivi no contexto escolar e que fizeram parte do meu crescimento. A escola que me acolheu e me pertence para sempre, mesmo não existindo mais no presente, está aqui nas minhas mais importantes memórias!

Ter de volta as lembranças tão importantes dos meus primeiros anos de escola me fez refletir no hoje sobre quem me tornei e como foi importante falar daqueles anos escolares e me lembrar de detalhes que fizeram parte da minha vida escolar inicial. A escrita deste capítulo me proporcionou reviver momentos guardados, rever e falar sobre alguns objetos que estavam lá comigo, acompanhando-me naquele trajeto. Repensar todo aquele tempo me trouxe um sentimento de emoções e nostalgia. Foi prazeroso dividir as minhas lembranças de um tempo tão importante.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. p. 3.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Pioneira associa letras a imagens**. São Paulo, 25 de novembro de 1997. p. 11

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Revista Projeto História**, São Paulo, p. 51- 84, 1997.

VIAJANTE DO TEMPO REAL. **Cartilha Caminho Suave**. Publicada em 14 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://viajantedotemporeall.blogspot.com/2015/12/cartilha-caminho-suave.html>. Acesso em: 13 set. 2022.

UMA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL, MINHA HISTÓRIA, PASSADO E PRESENTE

Fabiula Peraro Augusto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Cada história carrega consigo experiências, lições, que devemos aprender e respeitar ao longo da vida. Neste capítulo, pretendo reconstruir uma delas, buscando em minhas memórias um pouco de minha história escolar. Creio que essa busca ao passado fará com que eu reflita e me fortaleça para continuar seguindo em frente naquilo que acredito.

A educação pode transformar o mundo, visto que ela transforma o ser e o ser transforma o mundo. Assim, evocando minhas memórias, resgato em mim minha cultura social e, principalmente, afetiva. Memórias essas fundamentais, que nos fazem descobrir quem somos e que nos ensinam a lidar com as demandas da vida. Sendo assim, reconstruirei o passado para ressignificar o presente. De acordo com Nora (1993, p. 9),

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

Optei por evocar memórias há muito tempo esquecidas, como portas fechadas, guardando assim o sujeito social que me tornei. Disponho-me, neste momento, a abri-las para fazer algumas aproximações com o meu passado, retratando os acontecimentos mais relevantes da minha vida estudantil, uma trajetória percorrida ao longo de bons anos de vida. Nesse contexto, farei um enredo linear, seguindo uma ordem cronológica na qual sou a protagonista, dentro de uma perspectiva autobiográfica/biográfica. A partir deste momento, então, de forma simples, vou reconstituir minhas memórias em uma linha do tempo, buscando ressignificar e compreender minha própria história, mesmo sabendo que o tempo não volta. Ao me encontrar no passado, posso ter um olhar afetuoso e encontrar em mim emoções vividas, mas não compreendidas.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

As lembranças por mim evocadas são carregadas de emoção, elemento fundamental para descrever o passado e construir o futuro. Para tanto, o capítulo está dividido em seções. Na primeira delas, busco descrever as lembranças que tenho da minha tenra infância. Em seguida, trago momentos importantes das experiências que tive enquanto estudante nos primeiros anos escolares. Já na terceira seção trago aquilo que para mim foi um verdadeiro rito de passagem. Na sequência, registro o caminho que tenho percorrido até os dias de hoje e, por fim, a importância do caminho que trilhei até aqui e que fez eu ser quem sou hoje.

AS PEGADAS DEIXADAS NA ESTRADA DA INFÂNCIA

Do primeiro dia de vida aos quatro anos, tenho pouquíssimas lembranças. Minha mãe relata que naquela época ela precisou sair do emprego para se dedicar em tempo integral à maternidade. Em comum acordo, meus pais decidiram que por um determinado período seria necessário controlar os gastos para que ela pudesse ficar em casa. Mulher forte e determinada, minha mãe decidiu trabalhar em casa como costureira para complementar a renda, dando à nossa família a possibilidade de mais conforto. Na época, meu pai era mineiro e o principal provedor das necessidades de seu clã familiar. Onde morávamos não existia Jardim de Infância para crianças menores de cinco anos. Naquela época, a família havia aumentado, éramos quatro pessoas constituindo uma família: meu pai, minha mãe, minha irmã e eu.

Do ano de 1980, quando estava com cinco anos de idade, algumas lembranças começaram a surgir com mais intensidade. Consegui me lembrar de algumas brincadeiras e de alguns brinquedos. Minhas brincadeiras favoritas envolviam bambolês, corda, elástico e bonecas. Como minha mãe era costureira, sempre tínhamos à mão tecidos e tudo o que precisávamos para criar as mais belas roupinhas para as bonecas, que assim estavam sempre com figurinos novos.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Em 1981, com seis anos, lembro-me que iniciei no Jardim de Infância. No meu primeiro dia de aula, estava empolgada, minha mãe relata que eu estava deslumbrada e ansiosa. Até hoje me lembro da escolinha, tinha um corredor enorme e largo. Entrei na sala quietinha, estava feliz, mas não lembro exatamente o que aconteceu, só sei que fugi e cheguei em casa antes da minha mãe. Como a casa estava trancada, chorando muito, eu me sentei na área¹. Minha mãe, quando me viu lá naquela situação, não entendeu nada. Então me levou para dentro de casa, conversou comigo no sofá e daquele dia em diante eu nunca mais voltei para o Jardim de Infância. Um fato importante na minha vida foi constatar, anos mais tarde, que minha primeira professora do Jardim de Infância se tornou uma querida colega de trabalho. Essas são algumas das felizes lembranças que minha profissão me proporciona.

Minha mãe me ensinou muito a respeito da coragem e sobre como enfrentar as dificuldades que a vida nos impõe para que possamos realizar nossos sonhos e nossas metas. Hoje, ela relata que a intenção era que enquanto eu estivesse na escolinha, ela iria trabalhar meio período fora de casa, pois havia recebido uma proposta de emprego em uma empresa têxtil. Acredito que não foi fácil a decisão que minha mãe teve que tomar, pois mudaria toda a rotina de nossas vidas, visto que não permaneci no Jardim de Infância. Sem ir para a escola, fui parar na casa da minha avó, onde ficava de segunda a sexta-feira. As lembranças que tenho daquela época são que eu e minha irmã íamos de moto com o meu pai na segunda-feira de manhã e só na sexta-feira à tarde ele nos buscava. Foi uma mudança brusca. Lembro-me da casa da minha avó, era grande, amarela, e eu adorava ficar sentada do lado do fogão a lenha e brincar no quintal. Essa rotina durou aproximadamente dois anos.

Lembro-me de que a casa da minha avó se tornou meio que nosso lar durante a semana. Lá sempre tinha muita gente o tempo todo, como meus tios (dois deles eram quase da minha idade) e minhas primas. Minha mãe era a filha mais velha de 13 irmãos, uma família bastante numerosa e barulhenta.

¹ Também conhecida como pátio.

TRAJETÓRIAS, REVISITANDO O PASSADO

No ano de 1982, minha mãe me matriculou na primeira série, na Escola Estadual “Silva Alvarenga”. Como já estava alfabetizada, nos primeiros dias de aula, fui para a segunda série. É com muito carinho e ternura que me lembro da professora, pessoa muito tranquila, de fala mansa, a qual tinha cabelos pretos e cacheados e estava sempre de batom. Eu sentia seu perfume quando ela passava entre as carteiras. Quando passeava pela sala para nos ajudar nas dificuldades ao resolvermos as atividades, sua presença serena e amorosa nos dava confiança e a segurança necessária para lhe mostrar onde ainda havia dúvidas em relação aos exercícios por ela propostos.

Lembro-me de ter visto por diversas vezes minha mãe sair chorando da casa da minha avó. Acredito que minha avó estava cansada de cuidar de nós. Então, em um determinado momento, lembro-me de que fomos embora para passar a semana em nossa casa. Era para ser só mais um fim de semana, porém, com a chegada das férias de julho, ficamos em casa com meus pais. Aquelas foram as melhores férias. Estar em casa com eles e com minha irmã, sem sombra de dúvidas, foi uma deliciosa experiência em família. Lembro-me de pedir para meus pais para não nos levarem mais à casa de nossa avó, pois nós queríamos ficar na nossa casa, todos juntos.

Na verdade, aquelas férias foram um teste para ver como meus pais se reorganizariam com essa nova rotina. Sendo assim, não voltamos para a casa de nossa avó, a não ser, é claro, para visitá-la em alguns finais de semana ou em datas comemorativas. Naquela época, depois de retomarmos a rotina em nossa casa, a casa da minha avó passou a ser um novo cenário: um lugar aonde eu ia, brincava e de onde, no fim do dia, voltava com meus pais para a nossa casa. Então uma das soluções que meus pais encontraram durante aquelas férias foi contratar uma moça para nos fazer companhia, e minha mãe passou a almoçar em casa todos os dias. Hoje eu entendo que ela ia para casa para nos dar almoço e também para ver se estava tudo certo.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Acabadas as férias e sem saber o que fazer, minha mãe pediu para a vizinha dar uma olhada em nós enquanto ela trabalhava, pois a moça que havia contratado nas férias também estudava e não poderia mais ficar conosco. Essa foi a solução encontrada por minha mãe para que não saíssemos da escola no meio do ano letivo. Começamos então uma nova etapa: ir para a escola de ônibus.

Nos primeiros dias, minha mãe nos levava até a parada e nos colocava dentro do ônibus. Também nos orientava que quando as professoras descessem, deveríamos acompanhá-las. Na volta, lembro-me de que as professoras que estavam no ônibus puxavam a cordinha, sinalizando ao motorista que tínhamos que descer. Horas depois, minha mãe chegava em casa. Hoje vejo o quanto ela era corajosa, sempre confiando que iríamos e voltaríamos da escola com segurança, o que, graças a Deus, sempre aconteceu.

Em 1985, trocamos de escola. Fomos estudar no Colégio Estadual “Padre Miguel Giacca”, que ficava perto de casa, então íamos a pé. Minha mãe e meu pai continuaram trabalhando. Nesse mesmo ano, meu pai começou a trabalhar na mina de carvão durante o período noturno, enquanto minha mãe continuou trabalhando durante o dia. Assim ela não precisou pagar mais ninguém para cuidar de nós, o que daria uma folga no orçamento.

Naquela época, eu estava na quarta série. Lembro-me da professora, que era muito rígida e exigente, por isso eu tinha muito medo dela. Todavia eu não reclamava para os meus pais, pois não queria voltar para a casa da minha avó. O interessante foi perceber que a falta de afeto e o rigor da professora deixaram em mim marcas de medo, visto que não tínhamos nem mesmo coragem de chamá-la para tirar as dúvidas que apareciam nas atividades. Nesse período, eu chorava escondida e foi muito difícil eu me adaptar à escola, entretanto o tempo foi passando e, aos poucos, fui me acostumando, permanecendo lá até me formar no Magistério. Foi uma longa caminhada, mas ao olhar para trás percebi que o trajeto que fiz me trouxe para onde estou hoje.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Terminado o ensino primário, em 1986, iniciei uma nova etapa no ginásio (que hoje corresponde ao Ensino Fundamental II). Essa, acredito, foi a etapa mais difícil referente à questão de adaptação devido à grande quantidade de professores(as). Levei um certo tempo para me acostumar com a entrada e a saída deles(as) da sala de aula, além de ter sido difícil para mim, no início, criar vínculos afetivos com eles(as).

ADOLESCÊNCIA, UM RITO DE PASSAGEM

Veio-me à mente, agora, a lembrança de que na sexta série eu fiquei em provão. Naquele tempo, existia provão e segunda época. Lembro-me da professora de ciências conversando comigo, dizendo que eu era uma boa aluna, porém muito teimosa, e que minha teimosia me faria reprovar. A conversa com ela não adiantou, então, acredite se quiser, reprovei de ano. Dessa forma, em 1988, repeti o sexto ano. Para muitos, a reprovação pode ser algo negativo, porém, para mim, foi muito positivo, diria que foi o melhor ano da minha vida, pois me encontrei, o estudo ficou mais leve e prazeroso, conheci pessoas maravilhosas e fiz muitas amizades. Também me lembro de muitos colegas até hoje, provando assim que colecionei as melhores memórias afetivas, as quais fizeram com que os estudos tivessem um sentido grandioso.

NOVOS CAMINHOS, O DESCORTINAR DE UMA NOVA FASE

No sétimo ano, em 1989, quando já estava com 14 anos, eu estudava no período matutino. Após as férias de julho, no período da tarde, eu ia para o serviço da mãe para aprender o ofício de costureira. Então já não tinha mais tempo para as brincadeiras, para a folga com os amigos ou até mesmo para as sessões da tarde, mas em compensação todo dia dez de cada mês tinha pagamento na minha conta. A vida adulta me dava os primeiros acenos.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Em 1990, já com 15 anos e estudando no oitavo ano, pedi para minha mãe me matricular no período noturno, pois eu queria trabalhar em tempo integral. Naquela época, não sabia ainda o que eu queria ser, mas sabia que precisava ajudar em casa. Para me ensinar a lidar com o dinheiro e assumir minhas responsabilidades, minha mãe nunca ficou com um centavo do que eu ganhava. Lembro-me de que com o meu primeiro pagamento eu comprei uma cômoda e uma televisão para casa. Alguns anos depois, comprei uma linha telefônica. À época, a internet era discada. A sensação de poder suprir meus desejos e minhas necessidades sempre me deu ânimo para acordar cedo e enfrentar as demandas do dia.

Minha mãe assim o fez, então passei a estudar no período noturno. Na fábrica, passei por muitos estágios e aprendizados, comecei retirando os fios das roupas que as costureiras faziam, fui passadeira, depois fui para as máquinas, até que cheguei a despachar os pedidos. Recordo que era um serviço de muita responsabilidade, pois na época os pedidos eram enormes e eram despachados para lugares muito distantes. Naquela fábrica, eu permaneci por quatro anos, só saí de lá porque estava no quarto ano do Magistério e precisava fazer estágio, que naquela época era de um mês em cada turma.

Durante os anos de 1991 a 1994, fiz o Segundo Grau (hoje Ensino Médio). Um detalhe muito importante a ser mencionado nesta minha trajetória escolar é que ao concluir o segundo ano do Segundo Grau nós tínhamos que decidir se continuaríamos no terceiro ou se partiríamos para o Magistério. Com dor no coração por ter que deixar os amigos que fiz, optei pelo Magistério.

À época, meu pai não era mais mineiro, ele trabalhava em um colégio como pedreiro, fazendo as manutenções necessárias, e minha mãe continuava na mesma empresa como costureira. Meu pai era um ótimo funcionário e a escola onde ele trabalhava era muito boa, porém muito cara, por esse motivo não tínhamos como estudar lá.

Outro fato importante do qual me lembro e não posso deixar de relatar aconteceu no dia da minha formatura do Magistério: a professora

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

que me reprovou no sexto ano foi quem me entregou o meu diploma. Até hoje não sei se foi coincidência ou se ela fez questão de me entregar, no entanto fiquei muito orgulhosa de mim mesma por mais uma etapa muito importante concluída. Talvez a etapa mais importante da minha vida escolar findava com a entrega daquele diploma naquela noite festiva.

Na manhã seguinte, eu me dei conta de que havia me formado e que estava desempregada. Então, aproveitando aquele momento, fui à casa de uma amiga para conversarmos e ela me contou que faria o vestibular. Foi então que resolvi fazer minha inscrição também. Lembro-me de que na época tinha que escolher duas opções, então a minha primeira foi Pedagogia e a segunda foi Ciências Biológicas.

As coisas naquela época eram bem difíceis, mesmo assim fizemos a inscrição, pagamos e fomos fazer o vestibular. Meus pais nada sabiam a respeito da minha decisão de fazer faculdade. À época, eu e minha irmã já éramos responsáveis por nossas decisões e atitudes.

No dia em que sairia o resultado, contei para minha mãe, mas não recebi muito apoio. Sendo assim, peguei o ônibus e fui para a faculdade para saber se havia passado. Chegando lá, tinha muita gente, todos procurando seus nomes nas paredes. Por alguns minutos, eu me desesperei, não conseguia achar meu nome. Foi uma experiência incrível quando minha amiga o encontrou no meio de tantos. Para a minha surpresa, passei na primeira opção.

Passei, mas e agora? Ao chegar em casa, falei com os meu pais. Os dois ficaram felizes, pois seria a primeira pessoa da família a fazer uma faculdade, o que me encheu de alegria e orgulho. Meus pais eram muito reservados, mas eu podia ver nos olhos deles toda a felicidade que estavam sentindo. Confesso que aquele momento foi sem dúvida o estímulo que eu precisava para seguir adiante em meu objetivo.

Meu pai ficou muito feliz e até comentou com os colegas da escola em que trabalhava. Um amigo o aconselhou a procurarmos um determinado professor, pois achava que ele poderia me ajudar. Lembro-me de que fui

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

com o meu pai falar com esse tal professor, que na época era Secretário de Educação da Prefeitura de Criciúma. Da conversa que tivemos, o resultado foi que consegui meu primeiro emprego como professora em uma creche da Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC), onde passei a trabalhar com crianças de cinco anos na turma do Pré-Escolar.

Com o meu primeiro salário de professora, paguei a minha matrícula na faculdade. Era o ano de 1995. A instituição onde eu passei a cursar a faculdade era a Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI), que estava em transição. Mais tarde, ela se tornou uma universidade, a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Eu me orgulho de ter feito parte desse processo, pois era aluna naquela época. Com certeza, foram anos de muito aprendizado, os quais marcaram para sempre a minha vida.

Minha formatura no curso de Pedagogia aconteceu em janeiro de 1998. Lembro-me do orgulho e da felicidade que senti. Sou grata por todo o tempo que passei como aluna nessa grande instituição. Em 1998, comecei a Pós-Graduação em Psicopedagogia na UNESC. Naquela época, estudávamos a cada 15 dias, nas sextas-feiras à noite e nos sábados em período integral. Nesse mesmo ano, eu me casei e também estudei no Conjunto Educacional Sebastião Toledo dos Santos, o Colegião, habilitando-me como professora do Pré-Escolar.

Em 1999, surgiu a oportunidade de eu fazer o concurso público no município de Criciúma. Agarrei-a com as duas mãos, mas me lembro de que fui fazer a prova sem muita expectativa, pois o que eu mais ouvia é que seria um concurso muito concorrido e com poucas vagas. Para a minha alegria, passei e fui chamada para assumir a vaga no ano seguinte. Portanto, no início do ano 2000, assumi a vaga. Já se passaram 22 anos e continuo apaixonada pela profissão.

No ano 2002, nasceu minha primeira filha e, dois anos depois, em 2004, o meu segundo filho. De todas as conquistas, essas foram as mais gratificantes da minha vida, assim como aprendi a ser professora com meus alunos, também aprendi a ser mãe com os meus filhos.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Em 2010, iniciei uma nova graduação, também na área de educação, finalizando o curso de Matemática em 2013. Foi a realização de um sonho pessoal! E em 2019, fiz uma outra pós-graduação, agora em Gestão Escolar. Para mim, estudar sempre foi uma prioridade, os estudos sempre foram levados muito a sério.

Atualmente, minha filha faz o curso de Medicina na UNESC; meu filho terminará o Ensino Médio e, no final de 2022, também ingressará na mesma instituição que fez parte do meu processo acadêmico. Neste momento, estou matriculada na pós-graduação, cursando uma disciplina isolada no curso de Mestrado em Educação da UNESC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, neste capítulo, tracei uma linha do tempo sobre minha vida, em especial sobre a minha trajetória escolar, revivendo acontecimentos importantes da minha história, os quais me construíram integralmente nesta jornada da vida. Na correria do dia a dia, muitas vezes nos esquecemos deles. Concordo com Orso (2012, p. 229) quando fala que “[...] conhecer a história é uma condição de fundamental importância para podermos compreender o movimento histórico, verificar como e de que forma fomos fazendo e percorrendo a história”.

Espero que daqui a alguns anos, se Deus me permitir, outras lembranças se juntem a estas já vividas, dando assim continuidade à minha história, fortalecendo meus conhecimentos e o meu crescimento pessoal. Enfim, sou muito grata por tudo, superei muitas dificuldades, realizei-me como pessoa e como profissional e encontrei pessoas incríveis em minha vida.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

REFERÊNCIAS

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares.

Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

ORSO, Paulino José. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 228-238, maio 2012.

AS INFLUÊNCIAS DO EDUCADOR NA
DETERMINAÇÃO DA CARREIRA DO
EDUCANDO: A BELEZA DE SE TRILHAR UM
MESMO CAMINHO

Gustavo Rodrigues Jordão

SUMÁRIO

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

INTRODUÇÃO

Ao relembrarmos nossa trajetória como aluno e também como docente, são várias as memórias que surgem, sejam elas de documentos, conversas, eventos, dificuldades ou de conquistas. O interessante aqui é compreender que todos esses acontecimentos marcam nossa história e são responsáveis pelo educador ou pela educadora que somos hoje.

Ao revisitarmos o passado, é inevitável pensarmos no que poderia ter sido diferente se tivéssemos tomado outras decisões ou realizado outras escolhas, ao mesmo tempo que podemos questionar se as mesmas ações poderiam ter resultado em acontecimentos diferentes.

De qualquer forma, a memória da trajetória até a docência e as experiências adquiridas no ensino superior são cruciais para entendermos a real situação em que nos encontramos hoje, pois todo tipo de memória vem atrelado a algum conceito, a alguma ideia e ao entendimento de algo, uma vez que mesmo a memória sendo subjetiva, ela está inserida em um tempo e em um lugar. Uma associação correta dessa subjetividade cria a possibilidade de transformar e compreender o presente e o futuro por meio de entendimentos passados.

É certo que a memória muitas vezes pode acabar sendo alterada com o tempo e que não existe uma confiabilidade total, mesmo quando se trata de nossas próprias memórias e recordações, como bem afirma Aleida Assmann (2011, p. 71) ao expor que “[...] as recordações estão entre as coisas menos confiáveis que um ser humano possui”. Em todo o caso, vale a compreensão de que a memória, sendo totalmente fiel ou não, dificilmente será totalmente alterada, e isso faz com que um exercício como este de relembrar nossa trajetória se torne algo fundamental para nos conhecermos e até mesmo relembrarmos nossa essência como estudante e como educador, bem como atualizarmos os sonhos e objetivos que nos movem. Simone Burioli Ivashita (2014, p. 69) reitera que “[...] a história não está pronta, ela

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

está por fazer-se, é expressivo pensar que tantas histórias já foram contadas e tantas ainda há para contar”.

Como a trajetória dos indivíduos é dividida em vários momentos, é praticamente impossível descrever a história com linearidade, onde tudo se encaixa, onde não há “buracos” e os sentimentos são todos lembrados de forma correta. Porém justamente por essa característica a memória tem a capacidade de lembrar, transformar e conquistar seu valor pedagógico, ao mesmo tempo que continua de certa forma reescrevendo e criando novas histórias.

OS INCENTIVOS TRANSFORMADOS EM CAMINHOS

Quando penso no desejo de lecionar e de me tornar um professor, lembro-me de que esses sentimentos e sonhos iniciaram ainda no Ensino Médio, cursado entre 2014 e 2016. É curioso o caminho que muitas vezes temos que percorrer até chegarmos a um lugar onde parecemos pertencer. E essa história de um jovem professor inicia justamente com as vivências que um outro professor promoveu. Isso me parece ser algo belo e legítimo, além de recorrente na área educacional: a vontade que o docente tem de devolver para o mundo os incentivos e as transformações que outrora o mundo nos entregou por meio de professores, conteúdos e ideias que fizeram parte de nossa vida.

Recordo-me de que durante o primeiro ano do Ensino Médio, em 2014, eu não tinha ideia do que gostaria de fazer durante a minha vida nos próximos anos que viriam. Não que eu estivesse indeciso, eu simplesmente não pensava sobre o futuro. Era jovem e a única profissão que eu pensei em seguir, e isso ainda muito criança, era a de caminhoneiro, já que meu tio também a exercia. Porém essa vontade sucumbiu ainda durante a infância e nenhuma outra ideia ou nenhum sonho me ocorreu desde então.

Entretanto, no início do segundo ano do Ensino Médio, alguns de meus amigos mais velhos comentaram coisas sobre os professores, tais

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

como as características de cada um, com quem poderiam brincar mais, quais eram mais bravos, entre outras, ou seja, uma introdução para que o início do ano fosse mais tranquilo. Quando chegaram à descrição do professor de Filosofia, o comentário foi o seguinte: *“É um pouco bravo, mas provavelmente é a pessoa mais inteligente que você terá conhecido até hoje”*. Esse comentário me chamou a atenção, e a ansiedade para conhecer esse professor inteligente cresceu bastante.

Os comentários de meus amigos foram justificados no instante em que as aulas com o novo professor de Filosofia iniciaram. Ele era de fato uma das pessoas mais inteligentes que eu havia conhecido até então. Seu método de dar aulas e seu conhecimento prévio sobre todo o tipo de tema que era comentado pelos alunos em sala de aula logo demonstraram a importância da Filosofia e o papel crucial que um professor tem na sociedade em geral, características que não ficaram visíveis durante o primeiro ano do Ensino Médio. Essa transformação na forma de ver a Filosofia, além de interferir na minha vida, interferiu no meu desempenho escolar. No histórico, é possível ver a nota, que ficou na média no primeiro ano, para quase nota máxima no segundo ano, mesmo os métodos e as avaliações desse professor sendo mais complexas e exigentes.

Tudo isso demonstrou um caminho que eu poderia, ou melhor, deveria seguir. Apesar de, nos anos anteriores, a preocupação do que faria no futuro não estar presente, uma coisa sempre esteve: a vontade de fazer a diferença, de buscar um sentido para as ações, de não aceitar a ideia de trabalho como algo ruim e necessário, pois, se passamos grande parte de nossa vida trabalhando, isso não pode se resumir apenas a um meio para outros fins. O trabalho, na minha concepção, deveria ser um fim em si mesmo! Eis uma profissão que teria esse fim: a docência.

Esse professor que me despertou a motivação para eu seguir seus passos acabou trocando de escola no terceiro ano do Ensino Médio, então eu não tive mais aulas com ele. Apesar disso, o desejo de lecionar não se dissolveu, permaneceu vivo e claro em minha mente. Mas alguns fatores acabaram por “atrapalhar” um pouco a trajetória. Porém quem possui uma

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

vida reta e coerente? Sem desvios? Em um mundo de vai e vem, o crucial é termos conhecimento próprio, é termos o poder de decisão. Como afirma Antônio Nóvoa (2015, p. 14), “[...] talvez não seja muito importante o que a vida faz conosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida. E não hesito em dizer-vos que a certeza é a distância mais curta para a ignorância”. E foi justamente a identificação dessa certeza equivocada que fez toda a diferença.

Assim como grande parte dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio no Brasil, iniciei um estágio no contraturno para ingressar no mercado de trabalho e ganhar algum dinheiro enquanto me preparava para os vestibulares. Mas o estágio foi em uma empresa e já no fim do ano veio a proposta de efetivação. Essa proposta, atrelada à nota no vestibular, que garantia uma bolsa integral para o curso de Administração, bem como aos conselhos dos professores de aproveitar essa possibilidade de estabilidade (algo que a docência no Brasil pouco garante), fez com que o desvio no caminho ocorresse, então, após concluir o Ensino Médio, iniciei a graduação em Administração.

As lembranças da trajetória do ônibus, dos colegas que iam conversando sobre os mais variados assuntos, dos professores que apresentaram toda a metodologia diferenciada de um ensino superior, do horário em que chegava em casa e das músicas que escutava durante o trajeto estão todas embutidas em minha mente como se essa rotina ainda estivesse presente. Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti (2000, p. 69) afirmam que “[...] encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você ‘recorda’ a história, mas memória ‘como’ história”. Penso que tais lembranças da primeira experiência universitária que tive demonstram bem essa forma de entender a estreita relação entre a história e a memória, visto que são tão presentes e tão fortes, que eu não seria capaz de entendê-las apenas como recordações de uma história distante, sendo realmente um fato histórico, com suas complexidades e particularidades.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Às vezes, alguns “gatilhos” acabam por produzir uma reminiscência, algo mais específico, um fato ou acontecimento que ocorreu durante as aulas ou até nas conversas produtivas no ônibus. Porém algo sempre acompanhou toda essa rotina: o sentimento de que algo estava errado, a sensação de não pertencimento a isso, de que não estava no meu lugar. Esse sentimento de que alguma coisa estava errada é tão forte, que embora se entenda que existam algumas “falsas recordações”, ou seja, “[...] enfatiza-se, repetidamente que as recordações são inconfiáveis [...]” (Assmann, 2011, p. 284), penso que esta última recordação, a qual demonstrava já na época onde eu deveria estar, seja talvez a mais fiel e verdadeira do recente passado aqui descrito.

Nóvoa (2015, p. 15), em sua “Carta a um jovem investigador em educação”, afirma que “[...] sim, é preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros”. Foi esse sentimento crescente que fez com que eu iniciasse uma licenciatura em Filosofia após um semestre cursando Administração, com o intuito de seguir a vontade sentida lá atrás, deixando de lado a ideia de estabilidade, a de que o trabalho é apenas um meio para garantir a felicidade fora dele e de que a carreira docente está em um regresso constante. No entanto essa troca também foi turbulenta.

Lembro-me de que só tive o apoio do meu pai, o qual, coincidentemente ou não, também é professor de Filosofia e que, com suas histórias e seus conselhos singulares, demonstrou de uma forma prática que muitas vezes sabemos o caminho o qual devemos seguir, mas nos falta apenas coragem. Ferreira, Fernandes e Alberti (2000, p. 168) defendem que “[...] a história oral talvez tenha demonstrado seu potencial, mais precisamente quando teve suficiente importância para provocar resistência”. Embora normalmente a história oral seja trabalhada como fonte de pesquisa, como experiências subjetivas, é incrível como uma conversa informal com meu pai, cujas histórias sobre a experiência docente foram muito importantes, conseguiu promover uma prática semelhante à descrita pelas autoras, pois

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

que termo melhor representaria um professor de Filosofia incentivando outro a seguir a área nesta época tão difícil senão a “resistência”?

As demais pessoas sempre aconselhavam a mesma coisa: faz a Filosofia depois, como consumo e não como profissão. De toda forma, recordo-me que investiguei as instituições que ofereciam cursos presenciais de Filosofia, cada vez mais raras, e vi a impossibilidade de iniciá-las, o que fez com que eu desse início ao curso no formato EaD. Mais um acerto que, com certeza, eu não esperava. Até hoje me lembro da conversa com o atendente, do cheiro do polo da universidade, do valor da matrícula, do dia de retirar a carteirinha e, principalmente, do sentimento de realização só pelo fato de ter finalmente iniciado o curso com que tanto sonhei.

O curso de licenciatura em Filosofia na modalidade EaD foi uma nova etapa em minha vida. Cursei a licenciatura no Centro Universitário Internacional Uninter e sou muito grato por toda a experiência e pelos aprendizados que o curso me proporcionou. Quando iniciei a graduação, o tempo de curso ainda era de três anos. A primeira disciplina que tive foi Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Hoje tenho um entendimento maior da importância dessa disciplina e da sua presença indispensável em qualquer curso de licenciatura, mas, na época, lembro-me de ter ficado um pouco decepcionado, pois não via a hora de ter o contato de fato com a Filosofia. As primeiras provas que fiz no polo, deixei para fazê-las todas no mesmo dia, então descobri da pior forma que isso não era uma boa ideia.

Logo eu me habituei ao método de ensino e uma coisa me surpreendeu positivamente: o material didático da instituição. Por ser um curso praticamente teórico (com exceção das horas complementares e dos estágios na escola), as aulas, as leituras e a disposição para buscar sempre um pouco mais fizeram com que o curso fosse aproveitado em sua totalidade. Então aquele sentimento de talvez migrar para uma instituição que tivesse o curso presencial foi logo substituído, pois eu estava usufruindo do curso e conseguia tranquilamente me adaptar à rotina. Além disso, apesar de ter iniciado a Filosofia, eu continuei trabalhando na mesma empresa.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Alguns professores marcaram tanto a trajetória na universidade, que mantenho contato com eles até os dias de hoje. Como as aulas eram gravadas, havia momentos em que conversar com os professores era difícil, sendo necessário enviar algum *e-mail* ou encontrá-los em alguma rede social. Lembro-me de conversar com o professor de Antropologia Filosófica tópicos específicos da Filosofia Medieval e da Filosofia Moderna. Essas disciplinas, além de serem de fundamental importância para quem irá lecionar, foram encorpadas pelos ótimos professores, que, além de fazerem a diferença, foram muito receptivos ao responderem as mensagens e manterem contato após as aulas assistidas.

Aqui também vale ressaltar que o professor do segundo ano do Ensino Médio também manteve contato, inclusive se oferecendo para ser meu orientador caso fosse necessário, já que ele entendia que essa orientação mais próxima era prejudicada com o ensino EaD. Um material que produzi durante a graduação e que encaminhei para ele foi uma ordem cronológica da vida dos filósofos para que eu pudesse me situar melhor na história. Ao encaminhar para esse professor revisá-la, ele me pediu autorização para utilizá-la em suas aulas. Foi uma alegria imensa e talvez o primeiro acontecimento que reforçou a decisão correta que eu havia tomado.

No último ano da graduação, faltavam ainda os quatro diferentes estágios para serem feitos e o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nessa altura, eu era encarregado de expedição na empresa, pois havia crescido bastante profissionalmente durante esse período. Foi mais um momento de incertezas e de pensar qual o caminho a seguir, pois estava impossível conciliar a reta final do curso com os compromissos de um gerente empresarial. Porém, felizmente, mais uma vez o discurso do trabalho como prioridade não foi capaz de interferir no sonho que eu havia traçado. Mas foi uma decisão difícil, pois tudo parece apontar para o lado que nós consideramos errado e só saberemos após tentar. Ecléa Bosi (1983, p. XIX) parece demonstrar bem essa ideia quando assim questiona: “Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro?”

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Ou seja, essa destruição sistemática, que pode ser aqui entendida como uma aniquiladora de ideias, normalmente parece ser o caminho correto para sobreviver em uma sociedade que possui essas características competitivas e da busca pelo poder, sendo difícil sair desse sistema, dessa lógica, quando os próprios indivíduos que sofrem com o sistema passam a legitimá-lo. Todavia um fator foi fundamental para que meu sonho da docência se concretizasse: a possibilidade de trabalhar na Uninter, instituição na qual eu estava cursando Filosofia.

A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL, UNIVERSITÁRIA E OS APRENDIZADOS NA ÁREA EDUCACIONAL

Abraçando a oportunidade e com o trabalho mais tranquilo na universidade, fui capaz de realizar os estágios tranquilamente, de pensar o tema do TCC e de produzi-lo de uma forma que me abriu as portas para os cursos de pós-graduação. Todos os indícios anteriores de que eu estava no caminho certo foram de fato confirmados após a conclusão do curso, quando tudo aconteceu com uma naturalidade que nem mesmo eu esperava.

Após concluir a graduação, já aproveitei os benefícios de ser egresso da universidade e de fazer parte do quadro de funcionários para iniciar uma especialização. Logo após a conclusão do curso e do início da pós-graduação, dois acontecimentos marcaram e transformaram a minha vida como docente: a abertura do processo seletivo para o Mestrado em Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e a publicação do edital para lecionar com contrato de Admissão de Professores em Caráter Temporário (ACT) nas escolas estaduais de Santa Catarina. Nesse momento, vi que as coisas estavam acontecendo naturalmente, que nem tudo é complexo, nem tudo é difícil, e a simplicidade, por sua vez, surpreende aqueles que buscam a felicidade a partir de seus sonhos.

Nóvoa (2015, p. 17) assim recomenda:

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

[...] não busques a dificuldade inutilmente. Se conseguires usar uma palavra pequena não uses uma grande, se conseguires construir uma frase curta não te deixes tentar por uma longa, se conseguires escrever menos não escrevas mais.

Embora ele tenha usado essa afirmação para orientar professores e universitários quanto a trabalhos e produções acadêmicas, chamou-me a atenção como essa sua orientação parece servir para a própria vida dessas pessoas, pois, muitas vezes, estamos tão ocupados com as dificuldades, que acabamos por perder as simplicidades efetivas que acontecem com aqueles atentos a elas.

Sou uma herança do Ensino Médio, do curso de Administração, do curso de Filosofia e do trabalho da universidade. Todos esses acontecimentos me fizeram chegar hoje à docência. Passei na prova de ACT no mesmo ano em que me formei. Não obtive aulas na escola onde queria, mas consegui muitas aulas em ótimas escolas. As coisas vêm acontecendo, o mundo vem recompensando e hoje vejo que aquele projeto de alguns anos atrás está ocorrendo e que muitas coisas estão por vir. Na sala de aula, os acontecimentos têm o poder ainda maior de reforçar a decisão que tomei de virar um professor de Filosofia. A lembrança da entrega da documentação na escola, do primeiro dia me apresentando para os alunos, da primeira prova produzida e aplicada, da escolha por parte dos alunos para ser regente, isso tudo está acontecendo! São memórias atuais, recentes, mas que além de relembrar bons momentos, ainda têm o caráter de reforçar a escolha que fiz, de que tudo valeu a pena!

No Mestrado em Educação da UNESC, também consegui a aprovação, e essa experiência até então nova de aulas voltadas para a área da educação de forma presencial tem me auxiliado demais na própria docência. Não sou uma pessoa idosa, ou uma pessoa com uma grande bagagem, mas deixei de ser apenas um sonhador. Hoje, vivo meu sonho, estudo, leciono. Ecléa Bosi (1983, p. XVIII) assim indaga: “Que é, pois, ser

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

velho na sociedade capitalista? É sobreviver”. Quando chegar à velhice, mais que sobreviver, irei viver as experiências que tenho a cada dia, os ensinamentos que tenho e as escolhas que faço.

É certo que muito dessa sobrevivência mencionada por Bosi é uma questão social, sistemática. Contudo se ser professor é lutar contra um sistema que oprime, promovendo a emancipação e a maioria dos indivíduos, estarei incessantemente lutando para promover isso. E se no futuro o que me restar for somente “sobreviver”, estarei sobrevivendo com orgulho e buscando viver uma vez mais.

CONCLUSÃO

É incrível como ao explorarmos a memória, seja como docente ou como aluno que estava se preparando para a docência, muitas outras memórias, muitos sentimentos e pensamentos vêm à tona novamente. Sensações das mais variadas são sentidas, como a angústia de estar no caminho certo, a felicidade de concluir algumas etapas e a esperança de que logo boas oportunidades irão surgir.

Porém mais do que as memórias do que já passou, é importante esse entendimento de que outras memórias estão ainda por vir, de que muitas coisas irão acontecer, sejam elas boas ou ruins. O aprendizado que decorre dessas vivências e ideias é de fato transformador, e esse processo de lembrança, de olhar para trás e de ver toda a trajetória é uma ferramenta fundamental para fixar ou construir novos conhecimentos, promovendo um entendimento das coisas que acontecem ao nosso redor.

Mais valioso ainda se torna o conhecimento quando notamos que nem sempre as memórias que temos de um certo período ou lugar são as mesmas de pessoas as quais passaram por experiências semelhantes ou iguais, apesar de muitas vezes serem estudadas as mesmas fontes, já que todos os acontecimentos são subjetivos, e que além de objetos e documentos existem várias ideias, discursos e diálogos que são importantes para

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

fortalecer e legitimar a memória dos indivíduos, pois “[...] adotamos assim um conceito bem amplo do que seja fonte, tudo o que nos informa sobre a atividade humana, em específico no trato com as questões educacionais pode ser objeto de estudo” (Ivashita, 2014, p. 71).

A compreensão da memória como um fator importante de transformação social parece ser mais facilmente identificada com esse exercício de olharmos para a nossa trajetória e identificarmos momentos-chaves de nossa história, que são muitos e em variadas formas, o que requer um olhar atento, mas que garante uma boa percepção do que já passou, do que está acontecendo e certamente do que pode nos aguardar no futuro.

Após esse entendimento, devemos nos valer inclusive de novas práticas de preservação e de estudo para que, além de todo o conhecimento adquirido com o passado, nós possamos fazer com que o presente de hoje, que será o passado de amanhã, torne-se ainda mais rico, mais importante e ainda mais transformador, capaz de promover uma boa prática e vivência para o indivíduo e a coletividade.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. 188 p.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

IVASHITA, Simone Burioli. Fontes para a História da Educação: a importância dos arquivos. **HISTERDBR On-line**, Campinas, v. 1, n. 58, p. 68-77, nov. 2014.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação**, Vila Real, v. 3, n. 11, p. 13-22, 2015.

ENTRE PALCOS E SALAS DE AULA:
HISTÓRIAS DE UMA PROFESSORA
QUE DANÇA

Jaqueline de Oliveira

SUMÁRIO

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

O processo de formação de um professor não se inicia apenas quando ingressa em um curso de licenciatura. Somos atravessados e incentivados por muitas pessoas que vão passando por nossa história. Muitas vezes temos a sensação de que essa vontade foi despertada somente no momento em que devemos escolher uma profissão para seguir, porém o que nos passa despercebido é que as inspirações docentes também contribuem para essa escolha. Durante a disciplina de “Memória Docente e Gênero” presente na grade curricular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), foram apresentados alguns textos e realizadas discussões que sensibilizaram a reflexão sobre o processo de formação e sobre nossas memórias docentes e discentes.

Com a proposta de fazer emergir nossas memórias e alinhá-las com autores estudados durante o semestre, este capítulo apresentará algumas memórias pessoais, discentes, docentes e dançantes, buscando fazer entender como a dança auxiliou e esteve guiando meu processo de formação inicial e continuada como professora. Inicialmente, teremos um breve histórico de contextualização das memórias, seguido por como a dança permaneceu e tornou-se orientadora em tomadas de decisão e, então, pela formação discente na universidade.

Surgiu-me a necessidade de refletir e relembrar alguns acontecimentos de minha trajetória acadêmica. Pensando no título deste capítulo, acredito ser necessário entender que a história é “[...] sobretudo uma conceitualização, ou seja, intervenção dos conceitos para a elaboração de um passado que coexistia com o presente do historiador” (Albuquerque Junior, 2007, p. 48). Sendo assim, o exercício de escrever as memórias se fez interessante para tentar pensá-las de uma forma menos romantizada e entender os motivos que contribuíram para o processo de formação inicial e continuada.

A curiosidade e o interesse por estudar sempre estiveram presentes em minha vida escolar. Lembro-me de meu primeiro dia de aula, da empolgação e da ansiedade de finalmente frequentar uma escola e aprender coisas novas. Angelo de Luca era uma escola municipal pequena, locali-

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

zada em um bairro no interior da cidade de Criciúma, SC. Entre os anos de 2002 e 2010, fui aluna daquela mesma escola, que atendia aos níveis de ensino Fundamental I e II. Naquele tempo todo, acompanhei as diversas mudanças na comunidade escolar e fui me formando de acordo com elas. Mesmo com mudanças, sempre há coisas que nos marcam. No período em que estudei lá, fui sensibilizada com mais facilidade por duas professoras, Bárbara e Elza. Elas perceberam a minha curiosidade e me incentivaram constantemente a seguir em frente, buscando mais.

Nos projetos de contraturno e eventos escolares, descobri e me encantei pela dança. Sempre fui tímida e introvertida, mas a transformação que ela permite me fez perceber que queria essa sensação comigo, independentemente de qual caminho escolhesse. A arte sensibiliza e transforma, seja ela qual for.

Quando finalizei aquele ciclo de estudos, toda a carga afetiva e emocional dificultou na hora da despedida da escola. Sempre fui resistente a mudanças, tornando o processo mais difícil do que deveria ser. Quando você sai de uma escola pequena para uma escola grande na área central, você se sente um pouco deslocado. Mas continuei me dedicando e descobri um amor mais forte pela área de exatas.

Passei o Ensino Médio estudando para as provas de vestibular, como a maior parte dos adolescentes nessa fase, então fui aprovada em duas instituições de ensino superior da região para cursar Engenharia Civil. Escolhi a da minha cidade devido à proximidade e à estrutura, mas permaneci no curso apenas por dois semestres.

Na metade do segundo semestre, comecei a me questionar se realmente era o curso ideal para a minha formação, pois não conseguia me ver atuando na área. Iniciei muitas pesquisas e vários testes vocacionais para ter certeza de que minhas dúvidas não eram resultado de quaisquer frustrações geradas no processo. Então a dança, que estava sempre em “segundo plano”, acompanhando-me, pareceu ser ideal e certa. Penso que, talvez, eu não tenha olhado para ela da forma certa, ou melhor, como profissão.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Nas pesquisas que realizei, o curso de Educação Física se mostrou mais próximo do que eu estava almejando, já que curso superior em Dança só era possível em outro estado. Respirei fundo e contei para meus pais que precisava mudar, não era mais feliz no curso que ingressei, não fazia mais sentido para o meu processo de formação. Inicialmente, foi complicado, mas depois de muita conversa eles entenderam que eu precisava dessa mudança. Conforme Nóvoa (2015, p. 14), “[...] talvez não seja muito importante o que a vida faz conosco; importante, sim, é o que cada um de nós faz com a vida”.

A Educação Física trouxe para minha formação muitas experiências das quais eu não imaginaria fazer parte. Iniciei meus estudos em 2015 e finalizei-os em 2018, na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), onde fui bolsista durante a graduação, na extensão e na pesquisa.

Na extensão, era bolsista do professor Bruno Dandolini Colombo. Trabalhamos com a parte de formação de professores da região sul de Santa Catarina. Eu o auxiliava nas questões de organização e também fazia os registros para divulgação, aprendendo e entendendo como funcionavam as formações continuadas, das quais, até então, eu não tinha conhecimento.

Paralelamente à extensão, fiz parte do Programa de Iniciação à Docência (PIBID)¹. Por meio dele vivenciei experiências da sala de aula, com a Educação Física na prática, além das discussões realizadas semanalmente com o grande grupo, trocando experiências.

Mesmo com essas experiências todas, a dança ainda estava presente comigo, nunca parei de dançar. Na verdade, comecei a pensá-la de uma forma diferente e também na possibilidade de ensiná-la. As disciplinas que envolveram o conteúdo dança proporcionaram momentos de reflexão e práxis para entender como ela poderia ser trabalhada na Educação Física. Foram tantos questionamentos internos por eu nunca ver realmente aquela dança que estava em discussão na

¹ É um programa que tem por objetivo aproximar os acadêmicos de Licenciatura às escolas públicas para que vivenciem a experiência docente durante sua formação inicial.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

escola, que decidi pesquisar sobre ela em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)².

Foi desafiador, um amigo chegou a perguntar se eu não ficaria triste com as respostas de meus entrevistados, pois possivelmente seriam negativas. Mas ao mesmo tempo foi um processo de reflexão e de compreensão da formação inicial e continuada de cada um. Penso muito em tentar auxiliar os(as) professores(as) na parte formativa faltante, por esse motivo minha orientadora e eu havíamos planejado mapear como a formação artístico-cultural dos professores e das professoras de Educação Física interfere no trato com o conteúdo dança.

Segundo Nóvoa (2015, p. 15),

Sim, é preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros. O que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontraremos o mesmo. Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência.

Após a graduação, algumas perguntas não respondidas, ou com respostas amplas, continuaram gerando inquietação, mas iniciei a docência, então decidi entender o primeiro ano e me dedicar para aprender o máximo na prática. No curso de Educação Física, somos incentivados a continuar a formação sempre, a pensar em especialização, mestrado, cursos livres... No primeiro ano como professora, cursei uma especialização rápida em Educação Física Escolar, visando aprimorar minhas aulas. Assim como afirma Nóvoa (1996, p. 417),

² Referido trabalho foi intitulado “A Formação Artístico-Cultural dos Professores de Educação Física e o Conteúdo Dança na Escola” e orientado por Bruna Carolini de Bona. A defesa ocorreu em novembro de 2018.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua acção [sic] nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais.

Sempre almejei uma especialização em dança, mas é uma área relativamente nova no âmbito acadêmico. No ano de 2021, em plena pandemia, encontrei uma especialização em Linguagem e Poética da Dança, ofertada pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), de modo remoto. Não pensei duas vezes e me inscrevi, uma das minhas referências do Trabalho de Conclusão de Curso estava na grade de professores e isso me animou ainda mais.

Em agosto do mesmo ano, abriu o processo seletivo para o Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Dois professores, até então do curso de Educação Física da UNESC, enviaram-me o edital e sugeriram a tentativa. Sensibilizada com as discussões da especialização e com as inquietações que ainda me cercavam, escrevi o pré-projeto e, após todas as etapas, fui aprovada.

No primeiro momento, confesso que fiquei assustada com tantas informações, muitas coisas para conciliar, metodologias diferentes. Contudo o processo de adaptação tem acontecido de forma satisfatória. Ainda mantenho a dança como objeto de pesquisa e, de certa forma, a formação de professores também. A constante formação permite que o professor repense, autoavalie sua práxis e permaneça em evolução.

Cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo até encontrar aquilo que o define e o distingue. E ninguém se conhece sem partir. Sim, parte, divide-te em partes. Sem viagem não há conhecimento. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente,

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento (Nóvoa, 2015, p. 14).

Outra surpresa no ano de 2021 foi a oportunidade de atuar como professora de dança, uma experiência diferente, a qual me proporcionou muitas reflexões acerca das diferenças e aproximações entre professora e bailarina. É muito bom colocar em prática os estudos nessa área com a qual tanto me identifico e auxiliar outras pessoas por meio dessa arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo esse processo vivenciado em minha formação, percebo a importância da formação continuada e também dos exemplos que temos ao longo do processo, sejam eles bons ou ruins. Tudo isso nos forma e interfere de algum jeito. Por exemplo, quando nos lembramos de algum professor que nos auxiliou, acreditou em nosso potencial, tomamos como “querer ser” como ele. Mestres que nos guiam muitas vezes nem imaginam que fazem tanto a diferença.

Fica perceptível também que mesmo a dança estando presente desde sempre, fui resignificando meu jeito de vê-la e entendê-la com o passar dos anos. Vemos a transformação de uma bailarina em uma professora que dança, ou professora-bailarina. Inquietações e reflexões mediadas com a formação inicial e, principalmente, continuada resultaram em pesquisas para colaborar nessa área que ainda tem pouca produção acadêmica, principalmente de forma crítica e no âmbito escolar formal.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. *In*: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História.** Bauru/SP: Edusc, 2007. p. 199-209. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24901>. Acesso em: 22 jul. 2022.

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. **Revista Investigar em Educação**, Lisboa, n. 3, 2015. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2017/04/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador-em-educac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

NÓVOA, António. História da Educação: percursos de uma disciplina. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. 14, p. 417-434, 1996. Disponível em: <http://bit.ly/2YbYhh5>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS “A PAIXÃO PELO POSSÍVEL”

Laís Regina Laurentino Coral

“O passado e o presente de um indivíduo confrontam-se pela escrita e é a própria alma que há de se constituir naquilo que se escreve.” (Cunha, 2007)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Muitos passos foram dados até eu chegar aqui, no ano de 2022. Foram marcas deixadas por mim, no caminho, e também marcas que deixaram em mim. Digo marcas para além da melancolia que tal palavra traz, marcas de conhecimento tecido junto a colegas, professores, diretores, secretários, coordenadores, alunos, crianças e minha família, que muito a mim pontuou para que eu soubesse avaliar se estava realmente onde deveria estar. Pessoas e momentos que hoje guardo em meu coração. Quando penso em minha trajetória, penso na menina que fui e não posso deixar de citar minhas origens e como me tornei uma apaixonada pela educação.

Meu pai¹ foi um policial militar de poucas palavras, mas de fala e escrita bem articuladas. Minha mãe² é uma pessoa esclarecida, uma exímia comunicadora, sendo telefonista por profissão e tendo a simpatia como sua grande marca. Fez seu curso normal³ (informação que vim a descobrir somente agora, enquanto falava a ela sobre minhas leituras de mestrado sobre as “normalistas”) e, com pesar, contou sobre seu curso superior em Letras, incompleto. Uma mulher a quem eu poderia dedicar muitas páginas à sua maneira doce de ser, ao orgulho que dela sinto e à importância que teve, e tem, em minha trajetória no mundo da educação, uma vez que sempre buscou estar próxima às mais diversas formas de arte, embora tenha residido, por muitos anos, em uma cidade pequena. Já eu, nascida em uma cidade maior, aos seis meses, mudei-me com ela para aquela cidade menor, que, até hoje, possui em torno de 15 mil habitantes, onde residia sua família e meus avós maternos e paternos.

¹ Arcelino José Coral (*In memoriam*).

² Valdete Laurentino. Possui curso incompleto de Letras, é telefonista, viúva e tem dois filhos: Laís e Lucas. Natural de Siderópolis.

³ Curso antigamente assim chamado em nível de Ensino Médio, que formava professoras.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 1- Minha mãe e eu (2009)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na foto anterior, ela, nos momentos mais singelos em que a expressão da arte e a educação habitam. Minha mãe não deixa de valorizar o teatro (até mesmo nas situações mais simples, como na escola ou na própria igreja que frequentávamos), as danças (que desde cedo fez questão de que eu participasse e, em muitos eventos, prestigiou minhas apresentações), as exposições de artesanatos (sua paixão, já que sempre teve belas mãos para “tricotar” e “crochetar”) e, também, a música, que sempre foi algo muito presente em nossa família, presenciando apresentações musicais, ligando o rádio ao acordar, colecionando discos de vinil e valorizando não apenas as melodias, mas as letras... Letras... Como não falar do quanto sempre me encantaram?

OS ENTRELAÇAMENTOS

Foi neste mundo que cresci! Dançando, cantando e escrevendo poemas e diários desde cedo. Um desses diários guardo até hoje, embora o olhe e me pergunte por que ainda não vii o fogo, já que nele se fazem presentes vivências de adolescência, com palavras recheadas de puro sentimento. Como Maria Teresa Santos Cunha (2007, p. 46) define tão bem:

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Escritos à mão sobre si e, em geral, para si mesmo, praticados na intimidade, relatando fatos e situações com riqueza de detalhes, os diários constituem-se tanto refúgios do eu, como repositórios de lembranças.

Vasculhando fragmentos de minha trajetória, percebo o quanto escrever foi algo que sempre me atraiu. Nesses guardados pessoais, deparei-me com agendas, caderno de poesias e o referido diário, que encontrei conforto em guardar.

Foto 2 - Diário Pessoal (1996)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nas palavras de Cunha (2007, p. 58),

A escrita de diários, em sua dupla dimensão histórica e literária constitui-se importante instrumento para o conhecimento do capital de vivências de uma época na qual é possível encontrar fragmentos de relações sociais de um tempo que foram perenizados pela escrita.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

A autora supracitada também me fez lembrar da minha pré-adolescência, quando escrevia poemas e levava-os para minha professora de português, em sua casa, pois morávamos próximas, para que ela os corrigisse e eu pudesse passá-los para um caderno de poemas que tinha.

Foto 3 - Caderno de poesias (1996)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essa escrita chegou ao fim quando a adolescência se esvaiu e a maturidade, o trabalho, o casamento e a maternidade chegaram. Esse sumiço aos escritos também aparece constatado por Cunha (2007, p. 49) quando afirma que “[...] parece consensual o fato de que poucas mulheres continuassem o diário depois do casamento”. Logo, em todo ambiente que as manifestações culturais estivessem presentes, era onde meu coração alegre e sedento estava (ou desejava estar) e assim o é até os dias atuais.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Outra experiência que cruzou boa parte de minha adolescência, acompanhando-me até eu constituir família, foi a participação ativa na Pastoral da Juventude (PJ) da igreja católica de minha cidade⁴. Ambiente que veio a complementar a integridade que minha família me deu e meus valores humanos. Além disso, desenvolvi iniciativa, liderança, fé e maturidade, aspectos esses que ali muito aprendi e estruturaram minha forma de ser. Foi, então, um trabalho voluntário, que me possibilitou conhecer muitas pessoas e ganhar credibilidade, também, com a comunidade.

Foto 4 - Algumas camisetas utilizadas na caminhada na Pastoral da Juventude
(1997/2005)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com base em meu breve relato, pode parecer que o curso de Pedagogia era minha primeira opção, porém isso não é verdade. Minha entrada no ensino superior se deu pelo curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), no ano 2000. A psicologia sempre me atraiu muito e era prazeroso demais estudar a psique humana. Desde então, observei que o ambiente da psicologia que me atraía era o da área educacional, por meio da psicologia escolar.

⁴ Siderópolis/SC.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Na Psicologia, a educação já estava em mim sem eu imaginar que o mundo das letras também estava mais próximo e que a própria psique humana, nas leituras em que prazerosamente eu me debruçava durante o curso de Psicologia, fizesse com que eu entrasse, em 2005, no curso de Pedagogia da UNESC. Nessa época, estava apenas com a conclusão de quatro fases do curso de Psicologia.

COMO EXPLICAR AS LACUNAS?

Ao deparar-me com uma das referências bibliográficas lidas por mim em uma das disciplinas de Mestrado⁵, intitulada “Mulher e Educação: A paixão pelo possível”, cuja autora é Jane Soares de Almeida, refleti sobre a pedagogia ter sido, naquele momento, meu grande possível.

Na terceira fase de Psicologia, optei por casar e constituir uma linda família. Até minha filha⁶ completar um ano, em 2004, antes de eu partir para morar em São José, na grande Florianópolis, em Santa Catarina, concluí mais uma fase do curso e, ao finalizar cinco fases e mudar de cidade, o que era para ser uma pausa foi o fim de um ciclo (até hoje, uma incompletude em mim).

Em 2005, ao retornar com meu esposo e filha à cidade onde fui criada e sabendo que “[...] a educação exerce papel determinante nas relações sociais, familiares, trabalhistas e entre os sexos, acarretando modificações nas mulheres e no seu modo de vida” (Almeida, 1998, p. 48), não poderia mais estar à mercê de mudanças em minha vida. Além disso, não era mais possível conciliar minha vida atual com meus estudos em psicologia, que exigiam turno integral. Minha primeira atitude, então, foi direcionar os estudos da minha filha e matriculá-la em uma escola da congregação Orionita, na qual também estudei.

⁵ Disciplina “Memória Docente e Gênero”, ministrada pelas professoras Giani Rabelo e Susane da Costa Waschinewski.

⁶ Kellen Coral Rocha/2003.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 5 - Minha filha e eu no desfile cívico do colégio (2007)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Julgo importante aqui salientar que minha participação foi ativa tanto como estudante nessa escola (música, dança e teatros) quanto como coordenadora na Paróquia⁷, por meio da Pastoral da Juventude, durante toda a minha adolescência. Acrescento, ainda, que assim permaneci por muito tempo, mesmo após constituir família. Fatos esses que reforçam minha história acadêmica e meu caminho percorrido durante esses anos passados.

⁷ Paróquia Nossa Senhora Aparecida/Siderópolis.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 6 - Apresentação do grupo de dança do referido colégio



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por ser, então, ativa e presente tanto na escola quanto na comunidade, recebi o convite para estar por alguns meses cobrindo a licença maternidade de uma professora de educação infantil daquela escola, o que foi o portal de entrada para a Pedagogia enquanto escolha profissional.

Lembro-me até hoje das palavras da coordenadora ao me contratar: *“Tenho certeza de que vais gostar da experiência. Ser professora combina contigo. Quando chegares ao fim, vais me dizer e, provavelmente, irás querer seguir carreira”*. Afirmo que a experiência deu certo! Meu trabalho foi aprovado tanto pela instituição quanto pelos pais das crianças. Ademais, fui contratada e lá permaneci por alguns anos.

Almeida (1998, p. 69), ao tratar da escolha das mulheres pela profissão docente, traz dois benefícios, afirmando que “[...] as próprias mulheres se viam duplamente beneficiadas, podendo ser mães e professoras [...]”, o que lhes permitia conciliar dois papéis essenciais na sociedade quando houve a profissionalização do Magistério.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Respalhada nessas palavras, explano que, em seguida, iniciei o curso de Pedagogia, no período noturno, e que, durante esse tempo, trabalhava em meio período, o que me oportunizava ficar com minha filha. Assim, pude unir minha carreira, os estudos e dar a devida atenção a esse papel que amo e a que sempre me dediquei por saber sua importância, que é o de ser mãe. Nasceu, assim, “A paixão pelo possível”: a Pedagogia em minha vida!

“A PAIXÃO PELO POSSÍVEL”

Identifico-me com Almeida (1998), da qual tomei emprestado o título acima. A leitura de sua obra foi de identificação pessoal e profissional, página a página, principalmente no trecho em que cita a nascente do Magistério como opção do fazer feminino:

[...] também haver uma saída para a profissionalização feminina, representada por um trabalho que não atentasse contra as representações acerca de sua domesticidade e maternidade. O magistério inseria-se perfeitamente bem nessa categoria (Almeida, 1998, p. 57).

As palavras de Almeida (1998) representam o que aconteceu comigo quando o Magistério tratou de ser uma opção recheada de cultura e letras e que possibilitava meus estudos, além de ser condizente com minha vida pessoal. Tive a oportunidade de experiências diversas em duas instituições, enquanto ainda cursava Pedagogia. A primeira foi no SESC⁸, no Departamento Social, onde tive forte contato com momentos culturais, inclusive com idosos, sendo uma experiência bem diferente da que até então eu havia vivenciado, planejando e acompanhando os grupos de convivên-

⁸ Serviço Social do Comércio.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

cia, com momentos cheios de troca e crescimento cultural. A segunda foi no SESI⁹ escola, como secretária escolar, com uma função repleta de regras e burocracias, a qual gostei muito de exercer.

Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia tratava de um tema sobre o qual eu queria me especializar: Coordenação Pedagógica¹⁰. Quando me formei, tive minha primeira experiência nessa área na função de coordenadora pedagógica na Secretaria de Educação do Município de Siderópolis. À época, também tive a oportunidade de realizar uma especialização em Coordenação Pedagógica, que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) oportunizou para coordenadores pedagógicos da rede pública de ensino. Após isso, tive outra experiência como coordenadora pedagógica, igualmente enriquecedora, em uma Escolinha de Educação Infantil.

Nesse percurso pedagógico, um dos momentos que muito me marcou foi quando lecionei na formação de professores, pois formar professores é algo que me encanta. Essa experiência jamais irei esquecer, uma vez que foi de grande crescimento passar por momentos de estudo, de ensinar e de aprender estudando com aquelas que queriam se fazer professoras, algumas que até já compartilhavam experiências e exercício na educação. Logo após, em 2015, passei no concurso público do município de Criciúma e assumi a função de professora em uma escola na qual atuo até os dias atuais.

Hoje, no ano de 2022, encontro-me aqui, no Mestrado, onde nós, mestrandos(as), vasculhamos nossos baús. Assim, diante de muitos evocadores, surgiu esta escrita, que traz todo o meu eu infantil, educacional e formativo, permeado pelo familiar, voluntariado e artístico. Essas possibilidades foram criadas na disciplina de Mestrado “Memória Docente e Gênero”, que nos permite sentir “[...] uma extrema subjetividade e uma forte carga emocional quando se trabalha com memória” (Almeida, 1998, p. 52).

⁹ Serviço Social da Indústria/Criciúma.

¹⁰ Tema: A coordenação dos Processos Pedagógicos na Educação Infantil: identidades e rotinas.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Foto 7 - Evocador de memória utilizado em uma de nossas aulas de Mestrado (vestido utilizado por mim em meu primeiro desfile cívico. Siderópolis/1985)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Um dos prazeres que vejo na profissão docente é a grandeza de possibilidades de atuação, ao que fiz e faço uso com muita intensidade, pois vejo os inúmeros lugares onde o pedagogo pode estar, assim como maneiras de ser e se reinventar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha trajetória foi assim, com muitas oportunidades e muitas faces. Vivenciar funções diferentes me permitiu enriquecer não apenas

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

meu currículo, mas meu fazer enquanto profissional e pessoa que hoje sou, além de me ajudar a lapidar meus sonhos e desejos. Hoje sou fruto desta caminhada, que me orgulho em ter trilhado, mas que me permite avistar, ainda, muitas possibilidades diante de mim, sejam elas de aprender com pessoas, com fazeres pedagógicos ou, até mesmo, com as crianças e estudantes.

Por fim, por que sou grata à minha família? Porque ela se fez base para minhas escolhas e foi seta para meus acertos em minha caminhada. Minha família base e a que constituí, além de todos os outros elementos trazidos, marcaram minha memória e são pérolas de minha trajetória. Hoje, vale se fazerem presentes e ficarem marcadas em minha escrita, pois foi a minha família que apontou a direção para a minha “paixão pelo possível”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres e educação: uma história sem registro. *In*: ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 25-104. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/mulher-e-educacao-a-paixao-pelo-possivel,24f00a38-d355-44f3-b9ae-0d7c9de19402>. Acesso em: 20 out. 2021.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, Assis, v. 3, n. 1, p. 45-62, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FRAGMENTOS DE UM TEMPO DE ESCOLA

Maria Aparecida Casagrande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de narrar e contar as minhas próprias histórias escolares, bem como de analisar o meu processo de escolarização com o olhar do tempo presente é que nasceu este capítulo, num exercício de constituição da própria identidade e o sentimento de pertencimento a uma história coletiva.

O propósito aqui, confesso que não é nada fácil de assumir, é ingressar no labirinto de minhas memórias escolares e torná-las públicas. De fato, vamos lá para breves fragmentos escolares dos anos de 1980, memórias, descontinuidades e representações escritas com o olhar do presente.

A busca pelas minhas memórias escolares está situada e inspirada em Ecléa Bosi (2015, p. 66), a qual afirma que “[...] a memória das pessoas também dependeria desse amplo e longo processo, pelo qual sempre ‘fica’ o que significa, e fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado”.

Com a intenção de recordar, contar e ouvir minha própria história, saí em busca de vestígios e rastros deixados pelo tempo. Alistair Thomson (1997) me ajudou a pensar que o trabalho de relembrar é um processo de toda a vida.

Assim, este capítulo se organiza em três momentos da minha história. A primeira seção trata do que significou e foi reverberado nesta junção de vários fragmentos de uma história. No segundo momento, relato sobre como se deu o itinerário das buscas pelas memórias esquecidas, mas evocadas por documentos escolares encontrados e analisados. Por fim, a formação acadêmica como um sonho possível.

“FICA O QUE SIGNIFICA”

Percebo que não é por acaso que a frase “fica o que significa” me provoca indagações do que ficou e significou na minha infância escolar. No

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

curso de Mestrado em Educação, ministrado no período de 2010 a 2013, na UNESCO, fiz com minha orientadora Giani Rabelo estudos sobre memória, e Ecléa Bosi, naquela ocasião, era uma das referências estudadas. Desde então, essa frase tem reverberado muitas reminiscências em minha trajetória. Nesse sentido, acredito que todas as escolhas escolares realizadas ao longo da vida e os significados que elas tiveram na minha história me trouxeram até aqui.

Assim, em buscas de evocadores de memória para recompor minhas primeiras lembranças escolares também me amparo no entendimento de Thomson (1997, p. 57) de que “[...] construímos nossas identidades através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social”.

O itinerário de busca para então ressignificar minha memória escolar foi intenso naquele primeiro momento. Na casa de meus pais, nenhum “baú”, no sentido figurado, foi encontrado, que pudesse evocar alguma lembrança dos primeiros anos escolares. Minha mãe relatou que muitas mudanças de residências foram feitas por nossa família e alguns objetos pessoais da infância e/ou todos se perderam, ou foram descartados.

Ainda em busca de vestígios, encontrei um “baú” em minha casa, com recortes dos tempos da graduação em Serviço Social cursada entre 1991 a 1995, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além de outras lembranças que significaram um tempo. Percebi que foi naquela época que me tornei, então, a guardiã das minhas memórias e sujeito da minha história, pois passei a morar sozinha e a organizar minhas fotos, agendas e cartas, além de folhetos e recados, os quais continuo guardando, amparada por Maria Tereza Santos Cunha (2007, p. 57), para quem “[...] um baú é sempre um objeto interativo: se fechado, conserva, guarda, preserva; se aberto, anuncia, mostra, dá a ver”.

Mas isso não bastava para recompor minhas memórias escolares, precisava de algo que pudesse me levar aos tempos de infância e me fizesse lembrar da minha primeira professora e de como foi o meu aprendizado.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Quando me dei conta de que já sabia ler e escrever? Com qual cartilha estudei? Como aconteceu esse processo, que alguns colegas contam com tanta nitidez, mas que eu, naquele momento, lembrava apenas da primeira professora, mas dos detalhes do aprendizado praticamente nada lembrava?

O ITINERÁRIO DAS RECORDAÇÕES

Como pesquisadora, saí em busca de fontes que pudessem me orientar nas pistas do passado. Para Paulino José Orso (2012, p. 234):

As fontes são documentos, registros, marcas, vestígios, deixados por indivíduos, por grupos, pelas sociedades, pela natureza, que representam ou expressam uma determinada forma de ser da matéria, quer seja ela natural, humana ou social, em seu processo de contradição ou transformação.

Os documentos servem como um ponto de partida para o co-tejamento com outras fontes (orais, cartas, fotografias), proporcionando o entendimento desse processo formativo e das memórias pretendidas. Antonio Nóvoa (2010) afirma que o processo formativo das pessoas não está circunscrito apenas ao espaço escolar, mas acontece no decorrer de toda a vida e em todos os espaços.

Nasci em 1973, em uma família de agricultores que, à época, residia em uma região pouco desenvolvida, no interior da cidade de Jacinto Machado, SC, na localidade denominada Sanga da Paca. Esse nome foi atribuído à comunidade pelos antigos moradores, uma vez que relatavam a presença destes animais: as pacas¹.

¹ A paca é o segundo maior roedor do Brasil. Esse animal vive na Mata Atlântica e, sem dúvida, é um dos mais espertos. Embora tenha aparência frágil, é um animal grande, forte, ágil e precavido (Agro20). **Paca é um roedor de pelagem dura e de coloração marrom.**

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Estudei as séries primárias, de 1980 até 1983, na Escola Isolada Sanga da Paca. A “escolinha”, como era carinhosamente chamada, iniciou as atividades no ano de 1939 e funcionou até o ano de 2016, tendo em vista o processo de municipalização da educação.

A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, que amplia as competências dos municípios quanto aos sistemas de ensino, as responsabilidades sobre o oferecimento e a manutenção da Educação Infantil e do Ensino Fundamental foram sendo atribuídas paulatinamente aos municípios. Desse modo, a maioria das escolas isoladas municipais foram nucleadas e municipalizadas com a justificativa da redução de custos e otimização de recursos humanos.

Conforme as políticas educacionais vigentes, a escolarização das crianças daquela localidade passou a ser atribuição do município e, aos poucos, elas foram sendo transferidas para uma escola maior no centro do município, em decorrência da Lei Complementar nº 487, de 19 de janeiro de 2010, que estabeleceu os critérios para a municipalização da Educação Infantil da rede pública do estado de Santa Catarina e a movimentação de servidores. Conforme o artigo 1º dessa Lei:

Fica o Poder Executivo autorizado a promover a municipalização da Educação Infantil da rede pública do Estado, por intermédio da transferência da responsabilidade administrativa, financeira e operacional para os municípios onde estas unidades estejam em funcionamento, mediante autorização do Poder Legislativo Municipal (Santa Catarina, 2010).

Assim, a Escola Isolada Sanga da Paca encerrou seus trabalhos, definitivamente, em 2016, por força do Decreto nº 640, de 10 de março de

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

2016, pelo qual o governo do Estado de Santa Catarina, em seu artigo 1º, homologa pareceres e resoluções do Conselho Estadual de Educação para:

1º - Desativar voluntária, definitiva e totalmente as unidades Escola de Ensino Fundamental (EEF) Serra do Pinheirinho, EEF Fundo do Engenho Velho, EEF Morro do Sul, EEF Pinheirinho do Meio, EEF Rio Cará, EEF Sanga da Curva, **EEF Sanga da Paca**, EEF Engenho Velho, EEF Rio de Dentro, EEF Barra do Pinheirinho, EEF Costão da Pedra, EEF Morro do Tenente, EEF Tigre Preto, EEF Angelo Savi Mondo, EEF César Beletini, EEF Morro da Queimada, EEF Encruzo da Pedra, EEF Pinheirinho Baixo, EEF Último Rio, EEF Linha São Pedro, EEF Linha Taimbé, rede pública de ensino, mantidas pela Secretaria de Estado da Educação (SED), município de Jacinto Machado, com base no parecer CEDB nº 001, aprovado em 15/02/2016; [...] (Santa Catarina, 2016, grifos meus).

Embora a escola estivesse fechada, os documentos que restaram estavam sob a guarda da Secretaria Municipal de Educação de Jacinto Machado, que me franqueou o acesso ao acervo documental, contido em quatro caixas de arquivos, com documentos misturados de todos os anos. Conforme Orso (2012, p. 229), “[...] não há outro modo de recuperar e reconstruir a história senão por meio das fontes, quaisquer que sejam elas”.

As lembranças de minha primeira infância são bem poucas. Mas lembro bem que não foram dias fáceis; talvez por isso algo tenha sido esquecido ou tenha ficado guardado por algum motivo. No entanto busco minha identidade de grupo, amparada pelos estudos de memória, esquecimento e silêncio em Michel Pollak (1989, p. 3), para quem “[...] o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. No meu caso, minhas lembranças individuais fazem sentido quando me deparo com as mesmas histórias de outras pessoas, por exemplo, quando encontrei os documentos escolares que descreviam, no diário da professora, o meu

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

nome e os nomes de colegas que estudaram comigo. As pistas foram sendo ativadas, a partir de então, e comecei a lembrar de algumas situações.

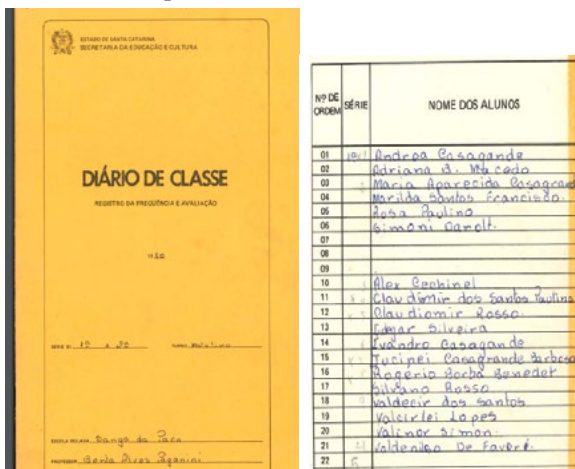
Muitas lembranças foram evocadas. Dentre tantas, rememorei eu indo para a escola com meu segundo irmão, o qual, desde a infância, tem uma deficiência física. Por causa disso, fui para a escola antes de ter completado os seis anos de idade a fim de acompanhá-lo. Naquele primeiro ano, fiquei na escola como aluna “encostada”. Minha mãe tinha falado com a professora e lhe solicitado que eu o acompanhasse, uma vez que, mesmo que tivesse apenas cinco anos, eu tinha a função de “cuidar dele”. Meu irmão tinha dificuldades de locomoção, pois não tinha uma perna e andava com uma muleta. Nas minhas lembranças da infância, eu sempre estava cuidando dele, por isso que até hoje temos uma imensa ligação afetiva. É como se eu continuasse sendo a muleta dele e ele a minha.

O caminho para a escola era percorrido a pé. Recordo que explorávamos juntos tudo o que encontrávamos, com uma curiosidade infantil que via graça em tudo. Brincávamos na estrada com os sapinhos e com as poças de água. Ficou e significou muito daquela época, muitas coisas boas. Entendo, hoje, que as situações complexas e difíceis a vida se encarregou de dar um trato e trazê-las de volta de forma mais amistosa. O que ficou significativamente da escola foi que aprendi a ler rapidamente, tão rápido que nem lembro qual a didática que a professora utilizava – se foi com cartilha ou com algum outro método especial desenvolvido por ela.

Foi no diário de classe da professora Benta Alves Paganini, do ano de 1980, que encontrei resposta quando fixei o olhar no lugar onde aparecia meu nome como aluna da primeira série.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

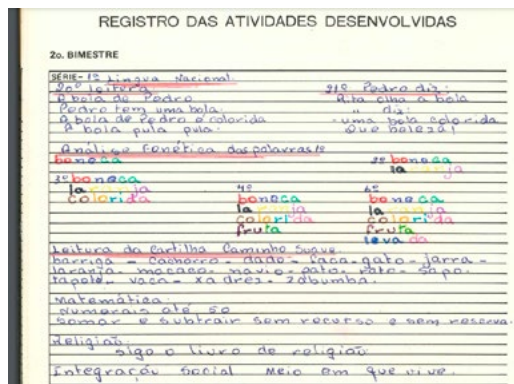
Fotos 1 e 2 - Cópias do Diário de Classe do ano de 1980



Fonte: Santa Catarina (1980). Acervo cedido pela Secretaria Municipal de Educação de Jacinto Machado.

No cruzamento das fontes, com base nos documentos encontrados, analisei vários diários de minha antiga professora e identifiquei em uma das observações de planejamento do ano de 1980 que ela citou que a cartilha utilizada era a *Caminho Suave*.

Foto 3 - Cópia do Diário de Classe do ano de 1980



Fonte: Santa Catarina (1980). Acervo cedido pela Secretaria Municipal de Educação de Jacinto Machado.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Importante entender que foi nessa lógica pedagógica, com as práticas educacionais governamentais da época, que fui alfabetizada pela minha primeira professora. A cartilha *Caminho Suave* foi um dos recursos didáticos mais utilizados pelos professores brasileiros nos anos de 1970 e 1980. Conforme Eliane Peres e Cris Azevedo Ramil (2018, p. 104),

A referida cartilha foi produzida por Branca Alves de Lima e publicada pela primeira vez em 1948 e é editada até os dias atuais. Vendeu mais de 40 milhões de exemplares até os anos 1990, sendo considerada o maior sucesso editorial no Brasil no que tange à venda de livros para o ensino da leitura e da escrita. Aprovada para ser usada nas escolas paulistas, a cartilha se manteve na relação dos livros autorizados para o uso no estado de São Paulo entre o final da década de 1940 até a década de 1970. Posteriormente foi incluída em dois programas federais de subsídios aos livros didáticos.

Cabe, aqui, salientar a amplitude do conceito de fontes de pesquisas definido por José Orso (2012, p. 234), para quem as “[...] fontes são os meios pelos quais podemos acessar o passado [...]”, sendo elas

[...] documentos, registros, marcas, vestígios, deixados por indivíduos, por grupos, pelas sociedades, pela natureza, que representam ou expressam uma determinada forma de ser da matéria, quer seja ela natural, humana ou social (Orso, 2012, p. 234).

Ainda discutindo sobre a importância das fontes para as pesquisas em História da Educação, Orso (2012, p. 230) defende que os pesquisadores, ao voltarem seus olhares para o passado, problematizando documentos, fotografias, impressos, arquiteturas, entre outras fontes, estão buscando

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

melhores condições para construir um futuro, “[...] tendo o passado como uma espécie de retrovisor, para definirmos as decisões, o rumo e a direção a tomar”.

Para cotejar as informações descritas, fui escavando minha história e evocando as memórias. Encontrei-me nos relatos de minha antiga professora, na relação com os colegas e tudo fez sentido. Fui para a escola para acompanhar meu irmão e fui inserida como aluna. No ano seguinte, na relação de alunos de 1981, lá estava eu, na lista de alunos da segunda série. Meu irmão, com algumas dificuldades de aprendizagem, continuou na primeira série.

Deparei-me com situações conflituosas em relação aos relatos da professora. Quando ela mencionou o nome do meu irmão (aluno 21), informou o seguinte: “Deficiente físico, razão tal atinge a aprendizagem”. Será que ela quis dizer “não atinge a aprendizagem”? (Santa Catarina, 1980, n.p.).

Foto 4 - Cópia do Diário de Classe do ano de 1980

21	Deficiente físico, razão tal atinge a aprendizagem
22	Nota muito desnutrido
23	

Fonte: Santa Catarina (1980). Acervo cedido pela Secretaria Municipal de Educação de Jacinto Machado.

O passado ressoa e só é possível nas ações do presente. Quando passo a relembrar situações vividas ao longo dos anos e ao abordar as memórias do passado, levo em consideração o meio onde se deu essa vivência, o terreno a ser garimpado, o solo a ser desbravado. Segundo Walter Benjamin (1987, p. 239), “[...] memória não é instrumento para exploração do passado; é, antes, o meio”.

Realmente, o passado é muito complexo e por mais que se remexa ou se escave, é impossível recuperá-lo. Se tentamos reconstruí-lo, nós o visualizamos com as inquietações do presente. No caso do meu irmão, e com

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

o olhar de hoje, percebo que a escola daquela época foi muito excludente. Recordo que ouvia que ele não aprendia, tanto é que teve reprovações por vários anos e só conseguiu chegar até a sexta série, após mais de 13 anos na escola. Apesar de não estar escrito nos diários encontrados, possivelmente aquela primeira professora fez o que estava ao seu alcance para estimular e criar mecanismos de aprendizagens para ele.

Pensando nos anseios da sociedade moderna, poderíamos aferir que os indivíduos precisavam estar inscritos dentro de um padrão de normalidade e comportamento que correspondia às necessidades da sociedade capitalista. Ser eficiente, produtivo e perfeito constituía-se e ainda se constitui pré-requisito para “ser parte” do mundo dos “normais”. É importante compreender que as múltiplas infâncias são marcadas pelas mudanças históricas, sociais e econômicas, contextualizadas em momentos históricos.

No contexto mais amplo, foi somente a partir da Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, celebrada na Guatemala, em maio de 1999, e amparada pela Constituição Brasileira por meio do Decreto nº 3.956/2001², que a preocupação com a discriminação das pessoas, em razão de suas deficiências, passou a ser objeto principal, deixando clara a impossibilidade de qualquer forma de discriminação ou diferenciação baseada na deficiência. A partir daí, autores e estudiosos passaram a defender e a utilizar termos distintos e mais apropriados ao se referirem às pessoas com alguma deficiência. De maneira geral:

Aleijado; defeituoso; incapacitado; inválido. Estes termos eram utilizados com frequência até a década de 80. A partir de 1981, por influência do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, começa-se a escrever e falar pela primeira vez a expressão pessoa deficiente. O acréscimo da palavra pessoa, passando o vocábulo deficiente para a função de adjetivo, foi uma grande

² Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001 (Brasil, 2001).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

novidade na época. No início, houve reações de surpresa e espanto diante da palavra pessoa: “Puxa, os deficientes são pessoas?” Aos poucos, entrou em uso a expressão pessoa portadora de deficiência, frequentemente reduzida para portadores de deficiência. Por volta da metade da década de 90, entrou em uso a expressão pessoas com deficiência, que permanece até os dias de hoje (Sasaki, 2003, p. 3).

Na atualidade, a janela se amplia. Compreendo que se vive uma mudança de paradigmas no que diz respeito ao tratamento de pessoas com deficiência. É um movimento epistemológico pela concretização da educação inclusiva na escola e na sociedade, a passos lentos, mas felizmente contínuo.

Na minha infância, não se tinha essa compreensão. Nem mesmo meus pais compreendiam esse processo e criou-se na família um entendimento de que ele não poderia estudar (não gostava), mas que eu poderia, sob a alegação de que eu tinha mais facilidade. Foi nesse momento que ganhei outras oportunidades.

Assim que terminei o primário na Escola Isolada Sanga da Paca, para poder continuar estudando, fui morar com minha avó materna na cidade de Praia Grande, SC. Ela era viúva e estava doente. Fui com duas propostas: estudar e também cuidar dela, servindo de companhia e ajudante, desde muito cedo. Ouvia das pessoas, com muita admiração: “*Ela tem apenas nove anos e já sabe cuidar de uma casa. Faz pão, bolos e ainda é uma excelente aluna*”. Talvez por isso minhas memórias sejam tão remotas; afinal, que infância foi essa? Foi-me tolhido o direito de brincar? Creio que não, pois mesmo com tantas tarefas, fiz muitas amizades e recordo de muitas brincadeiras de infância.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

A Escola Estadual Bulcão Viana de Praia Grande³ me proporcionou muitas boas experiências. Tenho memória afetiva de várias professoras que me serviram de inspiração e de amigas as quais perduram até hoje, inclusive com um grupo de *whatApp* muito ativo e divertido.

O SONHO (IM)POSSÍVEL: A GRADUAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

A vida me mostrou vários caminhos, mas o gosto pelos estudos sempre foi minha inspiração, mesmo sem saber exatamente qual era o meu sonho, já que tinha muitos. Tinha convicção de que o caminho dos estudos seria possível, então, aos 17 anos, quando cursava o terceiro ano do Ensino Médio, fiz vestibular para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo fato de ser gratuita, uma vez que minha família não tinha condições financeiras para me manter em uma faculdade privada.

Confesso que para minha realidade eu sonhava alto, queria ser jornalista como primeira opção do vestibular da UFSC, que, naquela época (1990), era possível. Fiz a inscrição e para segunda opção decidi por Serviço Social, curso no qual ingressei.

Mesmo como uma segunda opção, passar no vestibular da Universidade Federal foi um divisor de águas em minha vida. Sem pensar nas consequências e nas dificuldades que iria encontrar, fui para a capital do Estado apenas com a esperança e a motivação de que eu seria a primeira de tantos na família a ser formada em uma faculdade. Na época, meus pais e irmãos embarcaram nesse sonho comigo e me deram todo o apoio.

³ A Escola Básica Bulcão Viana se situa na cidade de Praia Grande, SC, e está em funcionamento até os dias atuais. Em 2020, completou seus 66 anos de história (Informativo Regional. **Escola de Educação Básica Bulcão Viana de Praia Grande completa 66 anos de história.** Publicado em 2020. Disponível em: <https://www.informativoregional.net/geral/escola-de-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-bulc%C3%A3o-viana-de-praia-grande-completa-66-anos-de-hist%C3%B3ria-1.2251560>. Acesso em: 14 jul. 2022).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Lá fui eu, com 17 anos, para Florianópolis. Precisei de ajuda financeira nos primeiros meses para pagar o aluguel e auxiliar com primeiros gastos, mas logo em seguida fui arrumando um emprego atrás do outro, empregos possíveis para as minhas qualificações, como babá, auxiliar de ensino infantil, telefonista, enfim, graças a todos os empregos, consegui minha independência financeira.

Minha formatura em Serviço Social aconteceu em agosto de 1995, mesmo mês em que, por concurso público, ingressei na Polícia Civil de Santa Catarina, onde atuo até hoje como Agente de Polícia. O sonho de ser assistente social ficou misturado com a vontade de lutar sempre por um mundo melhor, com menos desigualdades sociais e com a presunção de que direitos fossem assegurados para todos e todas.

Pensando na minha trajetória formativa e com base nas pesquisas que desenvolvi ao longo dos tempos acadêmicos, dentre elas a da graduação, quando tratei, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre as alternativas preventivas na construção da cidadania. Entendo que essa vontade política de que as desigualdades sociais poderiam ser amenizadas sempre me acompanhou.

Na Segurança Pública, minha busca por justiça e cidadania não se calou e essas inquietações estão latentes em meu cotidiano, fazendo com que minhas vivências me levassem, também, a compreender meu espaço ocupado enquanto mulher, uma vez que a Polícia Civil é uma instituição ainda de predomínio masculino. Assim, no ano de 2010, ingressei no Programa Pós-Graduação em Educação para fazer Mestrado na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). O curso foi concluído no ano de 2012, com pesquisa na área específica de “Educação, Memória e Gênero”, defendendo a dissertação sob o título: “Mulheres policiais: formação e atuação profissional das primeiras alunas da Academia da Polícia Civil de Santa Catarina (1967-1977)”. Entendo que essa pesquisa também faz todo sentido em minha própria história de vida pessoal e profissional.

As inquietações continuaram mesmo tendo ficado quase 10 anos afastada dos bancos escolares. Em 2021, ingressei, então, por meio de um

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

edital extraordinário, no curso de Doutorado, novamente na UNESC, Universidade que me acolheu no Mestrado, cujo período, para mim, foi de redescobrimientos. Agora, como doutoranda, estou pesquisando sobre as mulheres vítimas de feminicídios, aquelas que não puderam ser absorvidas pelas políticas públicas e sofreram as consequências desta sociedade patriarcal que impera no Brasil e no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora finalizando o presente capítulo, mas não encerrando esta história que segue pelos contornos da vida, retornam as indagações iniciais: o que ficou? O que significou? De fato, tantas coisas.... Tantas coisas das quais eu posso me orgulhar da mulher que eu me tornei; da mãe, esposa, filha, profissional da segurança pública, professora e da ativista institucional que luta, diariamente, por uma sociedade mais justa. Agora, também, da estudante de Doutorado, que reencontra pistas deixadas ao longo dos tempos escolares, fragmentos rememorados que dão um significado importante à minha trajetória formativa.

É preciso dizer, ainda, que não há como rememorar minha trajetória de vida sem remetê-la à escola. Ela está intrinsecamente atravessada em minha história. Levo em conta que posso lembrar, esquecer, reinventar aspectos do meu passado pessoal e coletivo, pois a memória me permite tanto lembrar quanto esquecer. Assim, conforme Bosi (2015, p. 55), “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

REFERÊNCIAS

AGRO20. **Paca é um roedor de pelagem dura e de coloração marrom.** Publicado em 07 de julho de 2020. Disponível em: <https://agro20.com.br/paca/>. Acesso em: 22 maio 2022.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: rua de mão única. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 18. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a convenção interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 09 de outubro de 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil/decreto/2001/d3956.htm>. Acesso em: 14 jul. 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, Assis, v. 3, n. 1, p. 45-62, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>. Acesso em: 14 jul. 2022.

INFORMATIVO REGIONAL. **Escola de Educação Básica Bulcão Viana de Praia Grande completa 66 anos de história**. Publicado em 2020. Disponível em: <https://www.informativoregional.net/geral/escola-de-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-bulc%C3%A3o-viana-de-praia-grande-completa-66-anos-de-hist%C3%B3ria-1.2251560>. Acesso em: 14 jul. 2022.

NÓVOA, Antonio. Projeto Prosalus. In: Nóvoa, Antonio; Finger, Matthias. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal/RN: Edufrn; São Paulo: Paulos, 2010. p. 157-187.

ORSO, Paulino José. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 12, n. 45e, p. 228-238, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640119>. Acesso em: 14 jul. 2022.

PERES, Eliane; RAMIL, Cris Azevedo. Os usos da cartilha Caminho Suave em escolas gaúchas: os usos da cartilha num estudo em cadernos de alunos em fase de alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização - Abalf**, Vitória, v. 1, n. 7, p. 103-131, 2018 [Semestral]. Disponível em: <https://>

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/253. Acesso em: 14 jul. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SANTA CATARINA. Decreto nº 640, de 10 de março de 2016. Dispõe sobre a homologação de pareceres e resoluções do Conselho Estadual de Educação (CEE). **Diário Oficial**. Florianópolis, 10 de março de 2016. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-640-2016-santa-catarina-dispoe-sobre-a-homologacao-de-pareceres-e-resolucoes-do-conselho-estadual-de-educacao-cee>. Acesso em: 13 jul. de 2022.

SANTA CATARINA. Lei no 487, de 19 de janeiro de 2010. Estabelece critérios para a municipalização da Educação Infantil da rede pública do Estado e a movimentação de servidores e estabelece outras providências. **Diário Oficial**. Florianópolis, 19 de janeiro de 2010. Disponível em: leis.alesc.sc.gov.br/html/2010/487_2010_Lei_complementar.html Acesso em: 14 jul. 2022.

SANTA CATARINA. Secretaria da Educação e Cultura. **Diário de Classe**: registro da frequência e avaliação. 1980. Série(s) 1ª e 2ª. Turno Matutino. Sanga da Paca: Escola Isolada Sanga da Paca, 1980.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência? VIDA INDEPENDENTE**: História, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História**, São Paulo, p. 51-84, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216/8224>. Acesso em: 14 jul. 2022.

MEMÓRIAS DE UMA ETERNA APRENDIZ:
TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA
PROFESSORA PESQUISADORA

Odécia Almeida de Souza da Silva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O ato de lembrar, conforme Ecléa Bosi (1994, p. 55), “[...] não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje, as experiências do passado [...]”. Como uma recomposição do tempo vivido, a memória não é “sonho”, mas sim “trabalho” (Bosi, 1994, p. 55) e, desse modo, exige constante exercício de localização das lembranças no tempo e no espaço, as quais são modificadas historicamente pelas interações sociais.

Apresento nas próximas linhas deste capítulo uma experiência de rememoração e contextualização de etapas, momentos e situações que marcaram a minha vida e me constituíram uma professora-pesquisadora. Compreendendo nesta escrita memorial a seletividade da memória, afirmo que “[...] sempre fica o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado” (Bosi, 1994, p. 66). Os entendimentos relativos aos conceitos de memória são fundamentais para refletir quanto às reminiscências lembradas, esquecidas e/ou ocultadas durante as narrativas individuais ou na própria “escrita de si”, como no caso deste texto, pois assim como podemos evocar bons sentimentos e emoções, somos capazes de desvelar dores, traumas e angústias. Nesse sentido, constata-se durante o processo de rememoração do passado que, dependendo das situações vividas, conforme Alistair Thomson (1997, p. 57), optamos por “[...] compor um passado com o qual podemos conviver”.

Ao longo dos 40 anos vividos, constantemente me flagro matutando sobre a minha existência. Quem sou eu? Como cheguei até aqui? Por que escolhi determinados caminhos? Às vezes, atrevo-me a responder a mim mesma que sou uma mulher, filha, irmã, esposa, mãe e professora, a qual tem uma origem familiar humilde relacionada à agricultura, mas que, não desprezando a importância dessa atividade econômica, não se conformou com a realidade social e com muita obstinação foi em busca dos sonhos e de melhores condições de vida.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Uma professora que já lecionou do berçário ao ensino superior, vivendo experiências diversas em cada modalidade de ensino. Alguém que, como define o poeta cubano José Martí (1853-1895), já plantou uma árvore, escreveu livros, tem uma linda filha, porém se sente incompleta se não estiver inserida constantemente no mundo da pesquisa e da busca pelo conhecimento.

Não lembro exatamente desde quando escutei, algumas vezes, meu pai dizer e mostrar seu boletim da quarta série, quando conquistou 25 notas dez. Talvez essa informação tenha influenciado a minha vida pelo fato de ele conviver com o pesar de meus avós não terem permitido que continuasse a vida estudantil ou de eu sofrer uma cobrança contínua de superação. Esses podem ser alguns dos motivos que me fazem não conseguir colocar um ponto final no processo formativo. Talvez seja por isso que eu estudo desde o pré-escolar, quando tinha três anos, até hoje, com 41 anos, tendo interrompido o processo escolar institucionalizado por curtos períodos, entre eles no nascimento de minha filha.

Também acredito que a história de vida de minha mãe tenha influenciado consideravelmente a pessoa e a profissional que eu me tornei, pois ela é uma mulher forte, que ficou órfã aos 12 anos e cresceu morando nas casas dos irmãos. Casou-se aos 19 anos e sempre enfrentou as dificuldades financeiras e os problemas de saúde dos filhos com muita persistência. Constituiu-se, inicialmente, professora primária “leiga”, dividindo-se entre a docência em um turno e a vida materna e na roça em outro. Que com os filhos quase criados, como ela diz, conseguiu concluir o Ensino Supletivo e o curso de Pedagogia, tendo sido, ao longo dos seus 40 anos de atuação como docente, diretora escolar por mais de 16 anos. E atuando hoje em dia, mesmo aposentada, como professora alfabetizadora em projetos com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem.

A história dessa mulher, a qual quase perdeu a vida, no ano de 2005, juntamente com meu pai, em um acidente de trânsito que deixou sequelas ir-

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

reversíveis¹ nos dois, inspira-me diariamente a não desistir facilmente diante dos obstáculos da vida, a ser uma pessoa a qual “mergulha de cabeça” em tudo o que se propõe e que por vezes é criticada pelo exagero e entusiasmo e pela emoção que empreende às atividades profissionais e pessoais.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007, p. 40), usando as concepções de memória propostas por Halbwachs, destaca que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. A partir desse viés, é possível compreender que as minhas identidades se constituíram e se constituem imbricadas pelas memórias familiares e comunitárias as quais estão relacionadas diretamente com as conjunturas sociais, políticas, culturais e econômicas que permeiam a minha existência.

A MENINA ESTUDANTE: LEMBRANÇAS DO ENSINO PRIMÁRIO NO ENCRUZO DO BARRO VERMELHO

“A menina tão galante me convida pra dançar, vamos juntos neste instante dar a volta, volta e meia, vamos dar [...]”². Com os versos dessa cantiga de roda que marcou o início de minha vida estudantil, remeto-me a um campinho de grama atrás do salão da igreja próximo à Escola Isolada do Barro Vermelho, na comunidade de Encruzo do Barro Vermelho, no município de Maracajá, quando, com três anos, comecei a frequentar o Pré-Escolar, ainda no colo de minha mãe, que foi contratada pela Prefeitura de Maracajá como professora da primeira turma de Pré-Escolar criada no ano de 1983 com a nomenclatura de Pré-Escolar Branca de Neve.

A minha trajetória educacional, como já citado, entrecruza-se com a trajetória de vida e a formação de minha mãe, que com 23 anos de idade foi minha primeira professora, mesmo tendo cursado apenas até o primeiro ano do que na época era chamado Segundo Grau. Uma das relí-

¹ Minha mãe fraturou a coluna. Em função de um erro médico, essa fratura vem comprimindo a sua medula. Meu pai teve politraumatismo. Devido ao uso de medicamentos por muito tempo, ele teve seus rins prejudicados.

² Autoria desconhecida.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

quias que guardo no “baú dos tesouros” é uma agenda dela do ano de 1983, com planos de aulas e anotações de diversas brincadeiras e cantigas infantis. Essa agenda possui muitas anotações e rabiscos sobrepostos, porque na infância eu e meus irmãos a utilizávamos nas brincadeiras.

Na década de 1980, assim como minha mãe, muitas mulheres da localidade ingressaram no Magistério como professoras leigas. Esse fato converge na estratégia do Estado citada por Cláudia Pereira Vianna (2016). Segundo a autora, pela urgência da expansão do ensino primário em meados do século XX, no contexto de várias outras ações³ que precarizaram a profissão docente, ocorreu a oficialização do Magistério leigo.

Guardar é um verbo que eu conjugo de maneira um tanto quanto expressiva, seja em diários, agendas, cartas, bilhetes ou quaisquer objetos que tenham sido significativos de alguma maneira em minha vida, que ganham espaço nas minhas “caixas de memórias” desde muito tempo antes de eu me tornar uma historiadora. Maria Teresa Santos Cunha (2007, p. 45) explica que “[...] registros de experiências pessoais conservadas pela escrita [...] se protegidos em acervos pessoais, conformam um corpo documental de estimável valor como fonte histórica e podem fornecer informações de uma época [...]”. A partir desse entendimento, torna-se possível considerar que os meus guardados se constituem, de acordo com Pierre Nora (1993, p. 13), “lugar de memória”⁴, pois ao visitá-los a fim de selecionar relíquias para apresentar na oficina proposta durante a disciplina “Memória Docente

³ A autora problematiza o processo de feminização do Magistério ao longo do século XX, associando-o às péssimas condições de trabalho, ao rebaixamento salarial e à estratificação sexual da carreira docente (Vianna, 2016, p. 90).

⁴ O pesquisador Pierre Nora escreveu, em 1993, para a Revista Projeto História o texto “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, onde explicita discussões acerca das sociedades modernas que valorizaram “[...] o mais novo, do que o mais antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado” (Nora, 1993, p. 13), afirmando que dessa forma existe a necessidade de existência de “lugares de memórias”, porque não haveria mais “meios de memórias”.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

e Gênero⁵, muitas memórias foram evocadas instantaneamente como se o Doutor Brown⁶ ativasse o botão da máquina do tempo.

Nessa viagem temporal pelas minhas lembranças escolares, a época do ensino primário, lembro-me de que estudei em uma turma multisseriada⁷ e depois as turmas foram separadas. Nossas carteiras eram de madeira e nos sentávamos em dupla. Caminhávamos três quilômetros até a escola. Quase em frente à escola havia um morador que tinha uma doença mental. Nós, crianças, tínhamos muito medo dele e quando éramos avisadas de que ele estava em crise, íamos à escola por alguns carreiros no meio das plantações, saindo atrás da escola. Era um grande pavor passar na frente da “casa desse senhor”. Nesse caminho alternativo, existia a vendinha⁸ do “Seu Erides” e da “Dona Custódia”, onde, quando tínhamos umas moedinhas, comprávamos doces, como sorvetes de maria-mole, suspiros coloridos, pirulitos em formato de bico, chocolate em formato de guarda-chuva e tantas outras gostosuras. Usar esse caminho era uma verdadeira aventura!

Foi a partir da forma como eu copiava que a professora da primeira série descobriu meus problemas visuais, pois em vez de copiar do quadro, eu reproduzia a escrita da colega que se sentava ao meu lado, e foi assim que eu virei “quatro olhos”⁹. Usava uns óculos que chamavam fundo de garrafa devido à espessura das lentes. Eles tinham um cordão que os prendia ao pescoço devido ao medo de quebrá-los. Minha falta de visão já era muito avançada, mas, antes, como minha mãe era a professora, achava

⁵ Disciplina cursada no Doutorado em Educação da UNESCO, no primeiro semestre do ano de 2022, ministrada pelas professoras doutoras Giani Rabelo e Susane da Costa Waschinewski.

⁶ Personagem cientista do filme norte-americano “De Volta para o futuro”, produzido no ano de 1985, que assisti inúmeras vezes na sessão da tarde durante a infância.

⁷ Turma com duas ou mais turmas de ensino primário que funcionava em escolas isoladas rurais.

⁸ Pequeno comércio.

⁹ Expressão que os colegas usavam para gozar de quem usava óculos naquele período.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

que eu fazia “manha¹⁰”, por isso só fomos descobrir a falta de vista quando tive outra professora.

Alguns *flashes* de memória me remetem à venda¹¹ que tinha em frente à igreja¹², onde morava a família de um colega de turma, o Daniel. Lá, tomávamos capilé¹³ quando tínhamos dinheiro. Ainda falando de alimentação, o cheiro de algumas refeições servidas no horário da merenda na escola parece-me que ainda paira no ar neste momento de escrita de si: macarrão enroladinho¹⁴ com almôndegas enlatadas; sopa de legumes com carne de soja; arroz branco bem papinha com sardinha; bolacha com suspiro, que a minha tia Salete, merendeira da escola desde 1989, separava para mim no pacote de bolachas sortidas.

As professoras dessa etapa escolar das quais me lembro foram a Ziza, a Mariza, a Dona Veranis, a Dona Maura e a madrinha¹⁵ Adria. Ficou registrado em minha memória a despedida de Dona Veranis da nossa turma com uma missa na Igreja do Encruzo, onde toda a classe realizou uma apresentação para ela. Não tenho certeza se era a sua aposentadoria naquele momento ou alguma licença. Era muito comum participarmos das atividades religiosas católicas da comunidade durante o ano letivo. A proximidade com a igreja e o fato de algumas professoras também serem catequistas na comunidade favoreciam essa junção da vida escolar com a religiosa, mesmo naquele período¹⁶ tendo sido promulgada a Constituição, que estabeleceu o Estado laico e, conseqüentemente, a escola pública laica.

¹⁰ Termo que se refere a reclamações, choros ou birra de crianças, sem motivo identificado, por estarem próximo da figura materna ou paterna.

¹¹ Espécie de bar ou mercearia.

¹² Casa que pertencia à família de uma das primeiras professoras da escola, a senhora Nair Almeida, conhecida como Dona Neuza.

¹³ Xarope à base de plantas, diluído em água adocicada.

¹⁴ Macarrão tipo fusilli.

¹⁵ Minha madrinha de batismo na igreja católica.

¹⁶ Anos finais da década de 1980.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público (Brasil, 1988, n.p.).

A história da feminização do Magistério no Brasil no final do século XIX, com o advento da República se estendendo no século XX, principalmente envolvendo o ensino primário, relaciona-se a fatores econômicos, sociais, culturais, religiosos e políticos do País. Jane Soares de Almeida (1998, p. 58) problematiza que nesse período “[...] havia a crença numa visão de escola que domestica, cuida, ampara, ama e educa”. Diante dessa visão, segundo a autora (1998, p. 58), “[...] se construiria a imagem da mulher-mãe-professora”.

A partir da imagem missionária e vocacional construída com a feminização do Magistério, a pesquisadora Clarícia Otto (2012, p. 411) assim descreve essas mulheres-mães-professoras:

[...] tinham a missão não somente manter e formar bons católicos, como também bons patriotas, interesse da elite republicana. A escola deveria ser o espaço de normatização no qual se adquirisse uma concepção de civilização e ordem.

Percebe-se, portanto, que os estereótipos criados a partir do início do processo de feminização do Magistério propagaram seus legados em períodos futuros, pois o compromisso das professoras com a catequese e as demais atividades religiosas comunitárias fazem parte das minhas memórias escolares.

Cabe contextualizar nesta narrativa memorial o cenário histórico no qual a minha vida estudantil foi sendo constituída, compreendendo, como define Cunha (2007, p. 48), que o historiador, ao trabalhar com as

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

memórias individuais e familiares, pode “[...] conhecer outros detalhes de acontecimentos sociais, culturais e políticos de uma época”.

Meu ensino primário é datado entre os anos de 1988 e 1991, momento em que o mundo é marcado pelo fim da Guerra Fria e a difusão de modelos neoliberais de governo que incentivaram aberturas econômicas e processos de globalização. Nas conjunturas brasileiras, emergiram o processo de redemocratização pós-ditadura militar e a conquista da Constituição Cidadã de 1988, mas havia sérios problemas financeiros devido à hiperinflação e às tentativas fracassadas dos planos econômicos que levam a população a acreditar na eleição direta de Fernando Collor de Mello, em 1989, como um fenômeno salvacionista para o País. Realidade que foi decepcionante e resultou no processo de *impeachment* em 1992. No âmbito educacional, Dermeval Saviani (2013, p. 402) cita um conjunto de fatores que elevam a década de 1980 como “[...] uma das mais fecundas de nossa história”.

[...] a organização e mobilização dos educadores; as conferências brasileiras de educação; a produção científica crítica desenvolvida nos programas de pós-graduação em educação; o incremento da circulação de ideias pedagógicas propiciado pela criação de novos veículos. Eis aí um conjunto de fatores que marcaram a década de 1980 como um momento privilegiado para a emergência de propostas pedagógicas contra-hegemônicas (Saviani, 2013, p. 413).

Embora a década de 1980, nacionalmente, tenha sido importante para as conquistas educacionais e o surgimento de teorias pedagógicas contra-hegemônicas como, por exemplo, “as pedagogias da Educação Popular”¹⁷, a partir da consolidação dos governos neoliberais, essas e outras

¹⁷ Segundo Saviani (2013, p. 317), a partir da primeira metade dos anos de 1960, acentuam-se no Brasil movimentos de “educação popular”, tendo como principal pensador o educador Paulo Freire. Essa perspectiva contemplava uma educação do povo, pelo povo e para o povo, que pretendia a participação política das massas para a tomada de consciência da

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

concepções que surgiram passaram a conviver e resistir diante de propostas neoconservadoras (Saviani, 2013).

Em âmbito estadual, o fim da década de 1980 é marcado pela eleição de Pedro Ivo Campos, do PMDB¹⁸. Durante o seu governo, organizaram-se os estudos para a escrita da primeira Proposta Curricular Catarinense. Conforme texto do próprio documento (Santa Catarina, 1998, p. 12), “[...] com a redemocratização política do país a partir de 1985, ganha corpo um movimento de discussão educacional que já existia nos últimos anos da ditadura militar, de uma forma mais tímida, porque reprimida”. Contando esse movimento com a participação de docentes de diferentes entidades a fim de produzir um documento curricular sob uma perspectiva mais democrática de educação.

No município de Maracajá, nesse período, ocorria a transição do governo de seis anos de David Ramos para o processo eleitoral acirrado que resultou na eleição de Antenor Rocha, o Tata, e Pedro Tomás Pereira, em 1988. Lembro-me de que, muitas vezes, enquanto estudávamos, passava um carro de som divulgando uma paródia da música da Xuxa, Ilariê: *“Tá na hora, tá na hora, tá na hora de votar. Tata e Pedro na cabeça, Maracajá que vai ganhar, Ilariê, Ilariê Tá, tá, tá”*. Era tema da campanha do candidato eleito e ficava impregnada em nossa memória, despertando muitos conflitos em sala de aula pelas oposições partidárias. Pesquisando nas legislações da época, descobri que o Departamento de Educação, Cultura e Esporte municipal foi constituído em 1989 na estrutura administrativa da Prefeitura Municipal, tendo a senhora Maria Leonor Baltazar Pereira como primeira diretora de Educação.

Após o processo de apresentação de memórias e de cenários que envolvem a minha infância estudantil, que, como define Bosi (1994, p. 415), “[...] é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nos-

realidade, buscando, assim, transformar a realidade por meio do empoderamento popular contra a manipulação e exploração das classes dominantes.

¹⁸ Pedro Ivo Campos, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), foi eleito em 1986 e governou Santa Catarina até 1990, quando faleceu, deixando seu vice Cassildo Maldaner no poder.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

“...”, ressoam inúmeras reminiscências que retratam o ensino ginásial em uma escola nova, maior e agora localizada no perímetro urbano do município de Maracajá, espaço que contribuiu significativamente para a minha formação e onde hoje atuo e continuo me formando como professora de História do Ensino Médio.

DIFÍCIL TRANSPOR A INFÂNCIA E CHEGAR À JUVENTUDE¹⁹: MEMÓRIAS ESTUDANTIS NO GINÁSIO DO COLÉGIO MANOEL GOMES BALTAZAR

No sacolejar do ônibus escolar, eu e um grupo de vizinhas e primas chegávamos à praça da igreja matriz²⁰, mas antes de subirmos o morro onde ficava a escola, íamos à Padaria Minato para comprar um pãozinho d'água novinho, que vinha embrulhado em papel colorido. Quando tínhamos moedas suficientes, também comprávamos um mandolite²¹ para fazer de recheio ou, ainda, substituíamos o pão d'água por um pão doce com canela e farofa. Era ali na escadaria da igreja que tomávamos nosso café da manhã, pois como o ônibus precisava percorrer todas as localidades do município, passava muito cedo nas nossas casas.

Essas lembranças se referem aos anos de 1992 a 1995, quando, após ter concluído o ensino primário na Escola Isolada Barro Vermelho, tive que mudar de escola para acessar o ginásio²², e a única escola no mu-

¹⁹ Afirmação retirada de Bosi (1994, p. 415).

²⁰ Praça em frente à Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, localizada no Centro de Maracajá, paisagem que era composta pelo Colégio Estadual e a Casa das Irmãs, tendo ao fundo o Morro Maracajá.

²¹ Doce à base de clara de ovos, açúcar e amendoim.

²² Nomenclatura dada aos quatro anos subsequentes ao ensino primário pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, que foi revogada em 1971 pela nova LDB, quando o ensino ginásial foi fundido com o primário e deu origem ao chamado Primeiro Grau. No entanto, esse termo era utilizado na escola onde eu estudava ainda na década de 1990.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

nicípio que oferecia ensino público nessa modalidade era, na época, o Colégio Estadual Manoel Gomes Baltazar, que ficava no Centro da cidade de Maracajá. Os estudantes que moravam nas localidades rurais obrigatoriamente estudavam pela manhã devido ao transporte escolar, que só era oferecido nesse turno. Já os estudantes dos bairros urbanos frequentavam a escola no período vespertino. Muitos dos alunos desse colégio tinham estudado em Escolas Isoladas rurais espalhadas pelas comunidades do território municipal e nos municípios vizinhos²³. A divisão dos estudantes oriundos do perímetro urbano e rural acabava gerando rivalidades e estereótipos entre as turmas. Assim, por vezes, ouvíamos gozações de alguns deles, que nos chamavam de “colonas”. Consequentemente, chamávamos as meninas do Centro de “patricinhas”.

Lembro-me de quando, por motivações político-partidárias, minha mãe foi prejudicada com a troca do turno em que lecionava, e eu, como tinha que cuidar dos meus irmãos no contraturno, tive que estudar à tarde, na sétima série. Foi bem difícil, pois não tinha amigas e eu era muito tímida. E também como o ônibus não passava na minha casa à tarde, precisava andar cerca de quatro quilômetros para chegar a uma parada onde o ônibus passava. Ainda não sabia andar de bicicleta, então tive que aprender “na marra”. Minha mãe me colocou na bicicleta morro abaixo, onde morávamos, mas por eu não saber frear, bati em uma figueira, amassando a cestinha da bicicleta nova. Foi um ano bem triste, mas no ano seguinte consegui voltar a estudar pela manhã com a minha turma.

As perseguições político-partidárias eram comuns naquele período. Minha família geralmente tinha representantes participando como

²³ Escola Isolada Encruzo do Barro Vermelho, da comunidade de Encruzo do Barro Vermelho; Escola Isolada Natale Acordi, da comunidade de Espigão da Toca; Escola Isolada Cedro, da comunidade de Cedro; Escola Isolada Sangão Madalena, da comunidade de Sangão Madalena; Escola Reunida Adolfo Postol, da comunidade de Garajuva; Escola Isolada Santos Dumont, da comunidade de Espigão Grande; Escola Isolada Volta da Silveira, da comunidade Volta da Silveira, no município de Araranguá; Escola Isolada Sanga da Canga, da comunidade de Barro Vermelho, no município de Araranguá; entre outras que se localizavam próximo à foz do Rio Araranguá.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

candidatos nas eleições, então éramos muito visados. Como consequência, antes do resultado eleitoral, os opositores diziam que a mãe seria transferida para a Escola do Cedro (a mais distante dentro do município). No entanto, naquela época, algumas escolas isoladas haviam sido nucleadas, de modo que aquela da comunidade de Cedro foi desativada, por isso o castigo movido por prática de politicagem não pôde ser aplicado.

Siuzete Vandresen Baumann (2012, p. 70), ao pesquisar sobre o processo de nucleação de escolas rurais em Santa Catarina, constatou que o referido processo foi resultante de uma série de medidas e reformas político-administrativas e estruturais impostas ao governo brasileiro no cenário neoliberal dos governos Itamar Franco e FHC, por instituições multilaterais²⁴, visando à “qualidade da educação pública”, entre elas a implantação da Lei do Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF)²⁵ e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)²⁶.

No caso de Santa Catarina, a política de municipalização da Educação Pública – adotada pelo Governo Paulo Afonso (gestão 1995 a 1998), mais especificamente no período de 1997 a 1998 – significou a nucleação de escolas em áreas rurais em escolas-núcleo [...] A proposta do governo estadual catarinense previa a transferência dos alunos para uma escola núcleo. Na maioria dos municípios, essa escola núcleo localizava-se dentro do perímetro urbano [...] O governo de Santa Catarina, que já havia municipalizado as escolas estaduais rurais, incentivou e pressionou os

²⁴ Por instituições multilaterais compreende-se as organizações e agências internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Fórum Consultivo Internacional de Educação para Todos, a UNESCO e o Banco Mundial.

²⁵ Lei Nacional nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996, que regulamentou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério – FUNDEF (Brasil, 1996b).

²⁶ Lei Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996a).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

municípios a elaborarem seus planos de nucleação (Baumann, 2012, p. 72-73).

A partir das considerações da pesquisadora, é possível observar também que as ações de nucleação ocorreram em virtude da descentralização dos recursos e das responsabilidades federais para estados e municípios. Desse modo, a manutenção de escolas rurais com número reduzido de estudantes em comunidades longínquas foi, aos poucos, tornando-se inviável, sendo que aquelas que não contaram com resistências das comunidades foram desativadas ao longo da segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000.

Para tecer essa trajetória por meio da “escrita de si”, busquei encontrar alguns objetos e documentos que pudessem evocar minhas memórias escolares sobre os tempos do Ginásio. Assim, durante a hora atividade²⁷ na escola onde hoje leciono para o Ensino Médio, encontrei pastas de fotografias e ao folheá-las me encontrei, na quinta série, em uma festa de despedida para a professora de História, que se chamava Rita de Cássia. Tais imagens permitiram reviver o carinho que sentia por essa professora. Como que em um passe de mágica a floraram em mim lembranças das capas dos meus cadernos da quinta série; do cheiro dos materiais escolares comprados para a nova etapa escolar; das capas dos livros; dos desenhos para caracterizar os períodos paleolítico, neolítico e a idade dos metais, que a professora desenhava no quadro e nós copiávamos no caderno; dos textos mimeografados, que estudávamos para as provas; além de tantas outras coisas e muitos acontecimentos que estavam adormecidos em minha memória.

Diante da experiência memorial anteriormente relatada, torna-se possível perceber como um objeto, uma fotografia, um cheiro e/ou um gesto podem se constituir evocadores de memórias, fazendo-nos viajar pelos caminhos da lembrança. Sabemos, como explica Bosi (1994, p. 21), que

²⁷ Período estabelecido pela Lei nº 11.738/2008, compreendido como a reserva de um terço da carga horária para atividades extraclasse do professor (Brasil, 2008).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

“[...] a lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito [...]”, por isso não lembramos exatamente o que vivemos no passado, então precisamos refletir, localizar as lembranças e recriamos esse passado com os olhos do nosso tempo.

Algumas outras lembranças compõem minhas memórias sobre quatro anos de formação ginásial. Tínhamos a estranha mania de correr durante o recreio até o barzinho da escola para comprarmos um pacote de “Biluzitos”²⁸, ou de pipoca doce, ou balas *Freegells*²⁹ com recadinhos, ou, às vezes, um “tijolinho”³⁰ e depois ficávamos dando voltas ao redor do colégio, fazíamos isso até a hora que a sineta tocava. Às vezes, parávamos de caminhar para ficar lendo ou respondendo questionários³¹, o que era o *frisson* da época, momento em que o coração acelerava e as emoções eram intensas.

Lembro-me de que eu tinha muito medo de tirar notas baixas, ficava angustiada ao fazer trabalhos em grupo com medo de os colegas não se esforçarem o suficiente para obtermos nota boa. Sentava-me nas primeiras cadeiras da fila, porque tinha muita dificuldade para enxergar. Enfrentava dificuldade nas aulas de educação física, pois não conseguia praticar esportes com medo de quebrar os óculos. Muitas vezes, minha mãe teve que ir à escola para conversar com os professores para que eu não fosse prejudicada nas notas da disciplina.

Recordo que tínhamos uma disciplina chamada PPT³² e que nessas aulas geralmente saíamos da sala para limpar o pátio, plantar e cultivar flores na subida do morro da escola. A Irmã Cláudia foi nossa professora de Ensino Religioso. Ela atuava na paróquia juntamente com o Frei Jaime – pároco local. Dona Fátima Benincá foi nossa professora de Português durante alguns anos e com ela tínhamos provas orais de conjugação de verbos

²⁸ Salgadinho à base de trigo da marca Bilu.

²⁹ Marca de uma bala dura mentolada, que na década de 1990 era embalada com recadinhos para presentear as pessoas.

³⁰ Nome que dávamos a um doce semelhante à rapadura com amendoim.

³¹ Questionário era um caderno com perguntas confidenciais que circulava entre os colegas próximos para ler e responder.

³² A disciplina Preparação para o Trabalho.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

regulares e irregulares, de preposições, bem como precisávamos contar as histórias dos livros que líamos, sendo os da Coleção Vaga Lume os nossos preferidos. Lembro-me de que li também “O menino do dedo verde”.

Durante a busca por fotografias da minha vida escolar, encontrei uma na pasta da oitava série, em uma feira de trabalhos, apresentando uma maquete sobre o nazismo junto com minhas primas. Éramos as “*four brilliant girls*”³³. A nossa professora de História era, naquela época, a Dona Marilda, uma professora muito descontrainda, um pouco maluquinha, que foi nossa regente naquele último ano no Ginásio.

Essa professora organizou muitas atividades para arrecadarmos recursos para uma viagem de formatura, como jantar dançante, rifas e bingo. Após muito empenho de estudantes, professores e familiares, em dezembro de 1995, tínhamos o suficiente para um roteiro que passava por Curitiba, Ponta Grossa, Paranaguá e Balneário Camboriú. Nos meus guardados, tenho o roteiro que a professora entregou mimeografado, assim como o bilhete de passagem do passeio de trem de Curitiba a Paranaguá e algumas outras lembranças dessa viagem que foi a primeira da minha vida. Para poder viajar, tive que pedir roupas emprestadas a familiares. Era tanta ansiedade e felicidade, mas também medo, que acabei passando mal em vários momentos da excursão.

Chegando de viagem, eu pesando uns quilos a menos, tive que me organizar para participar da cerimônia de formatura, que foi na Igreja Matriz. Minha mãe havia comprado um tecido, e a minha madrinha fez o vestido, porém, ao prová-lo, marquei errado a bainha, por isso ele ficou curto demais. No dia da formatura, eu fiquei muito nervosa e desconfortável com aquele vestido curto. Mas depois da missa e da entrega de certificados, fomos jantar em um restaurante, um presente do padrinho da turma. Essa noite ficou na memória como uma noite especial.

³³ Nome da minha equipe no trabalho da feira na escola, ou seja, “Quatro garotas brilhantes”.

A MENINA-MULHER QUE ESCOLHE SEGUIR A PROFISSÃO DA MÃE: O ENCONTRO COM O MAGISTÉRIO

Entre tantas dúvidas e angústias próprias da faixa etária, eu iria completar 15 anos em setembro daquele ano e a única certeza que tinha era a de que eu queria estudar para não continuar tendo que trabalhar na roça, pois, embora seja um trabalho digno, fazia-me muito mal, não suportava o cheiro de fumo úmido ou seco, a rotina de semear, colher, tecer, carregar e descarregar estufa, desenvarar, escolher, embonecar e, por fim, enfardar para vender. Era uma tortura para mim.

Num dia de verão escaldante no mês de janeiro de 1996, minha mãe e eu estávamos tecendo fumo na estufa de meus tios, e uma prima comentou que iria tentar uma vaga para estudar no CIS³⁴, em Criciúma, junto com outras colegas da minha turma. Tive uma crise de ansiedade e pedi para minha mãe fazer algo para me ajudar a ir junto com elas. Foi uma correria, tivemos que organizar muitas coisas para tentar essa vaga. Foram cinco dias de acampamento na frente da escola. Mas deu certo e nós quatro não só conseguimos vagas na escola como ficamos na mesma turma, o primeiro ano M. Na agenda da nova escola, encontrada entre os meus guardados, descrevi com a linguagem de uma adolescente de 14 anos as aventuras vividas nessa fase da vida, entre elas o ingresso na nova escola:

Nesse começo de ano muitas coisas mudaram, eu fui estudar no CIS, mas para conseguir uma vaga foi suado, fiquei acampada em barraca cinco dias na frente do CIS, foi uma experiência ótima, da qual, nunca mais vou esquecer, conheci muita gente nova e bonita, me diverti muito, se pudesse repetiria tudo novamente [...] E mais um ano começou é hora de esquecer as festas que passaram como a nossa excursão para Curitiba, o reveillon, o natal, o carnaval, a praia, o

³⁴ Centro Interescolar de Segundo Grau “Abílio Paulo”, localizado no bairro Pinheirinho, em Criciúma, SC.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

acampamento no CIS, e começar tudo outra vez da escola para a casa, da casa para a escola. As festas se resumirão, serão poucas e tenho a certeza que as que passaram foram únicas, as melhores da nossa vida.³⁵

Lembro que eu continuava com pavor de tirar nota baixa e que, um dia, em uma prova de língua portuguesa com a professora Marlene, sobre conjugação verbal, tirei nota 6,5. Naquele dia, minha mãe foi me buscar na escola para irmos ao oftalmologista. Quando eu a avistei, chorei compulsivamente devido ao meio ponto abaixo da média, sendo esse mais um dos episódios de autocobrança durante a vida estudantil.

Também recorro um dia em que nosso grupo de Maracajá decidiu enfrentar a direção da escola indo estudar sem a calça cinza do uniforme³⁶. Fomos todas de calça preta de geladinho³⁷, e a diretora nos colocou para fora da escola em dia de prova de Biologia. Entramos em pânico com o acontecido, então embarcamos em um ônibus no terminal, que nos levaria à casa da tia de uma das colegas para que pudéssemos encontrar calças cinzas a tempo de voltarmos à escola e fazermos a prova antes do recreio.

Entre outras lembranças daquele ano letivo está a famosa gincana do CIS e um teatro que apresentamos no auditório da SATC³⁸, no dia 12 de agosto. Escrevi na agenda escolar:

Estava quase chegando a hora do nosso teatro lindo e maravilhoso. Os ensaios iam aos poucos sendo mais frequentes, a nossa amizade, o nosso coleguismo e a bagunça sempre esteve presente. A partir desse teatro ficamos nos conhecendo melhor. Finalmente chegou, logo pela manhã já estávamos ensaiando, o primeiro ensaio desse dia saiu maravilhosamente bem. A nossa

³⁵ Texto escrito nas primeiras páginas de minha agenda escolar no ano de 1996.

³⁶ Na época, tínhamos muita vergonha, porque as pessoas nos chamavam de “ovos cozidos”, em função do uniforme cinza com amarelo.

³⁷ Liganete, tecido de malha fria com elasticidade.

³⁸ Escola que ficava próximo ao CIS.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

animação foi total. O teatro saiu assim também. Mas o bom de tudo mesmo foi para mim depois do 1º ensaio, a música desse tal de Pink Floyd³⁹.

Nas páginas de minha agenda/diário, escrevi as vivências de minha adolescência escolar e pessoal, por vezes passagens melancólicas, depressivas e inseguras; em outras, citações eufóricas, intensas e determinadas. Cunha (2007, p. 58) destaca que se pode “[...] afirmar que a escrita de diários, em sua dupla dimensão histórica e literária constitui-se importante para o conhecimento do capital de vivências de uma época, na qual é possível encontrar fragmentos de relações sociais de um tempo [...]”, sendo essas relações não somente particulares, como também coletivas.

As escritas por mim registradas naquela agenda/diário mostram que o ano de 1996 foi de muitos estudos e dificuldades. Precisei me adaptar aos novos professores, às disciplinas, aos colegas e, principalmente, aos gastos. Mas também foi um ano muito marcante, principalmente pela comemoração dos meus 15 anos. No ano seguinte, entrei em conflito porque não conseguia me decidir quanto ao curso técnico concomitante que iria escolher. Cheguei a frequentar *Comercialização e Mercadologia* e pensei em me matricular em *Processamento de Dados*. Mas, enfim, tomei a decisão que iria constituir o caminho para a realização do meu sonho de “superar o destino da roça”, decidi seguir os caminhos profissionais de minha mãe e de algumas tias. Fiz a matrícula no curso de Magistério no tradicional Colégio Estadual de Araranguá, o antigo Colégio Normal⁴⁰, logo conquistei novas amizades, entre elas a da minha grande amiga até hoje, a Cláudia. Também desenvolvi maior independência para superar os obstáculos da vida. Foram três anos intensos de observações, estágios, planejamentos, relatórios e tantas outras atividades teóricas e práticas que envolvem a formação de uma professora. Não sei descrever ao certo o porquê dessa escolha, mas recordo

³⁹ Texto escrito nos dias 12 e 13 de agosto de 1996, na agenda escolar.

⁴⁰ O Colégio Estadual de Araranguá foi uma escola de formação de normalista, desse modo, até os dias atuais, é chamado por muitas pessoas Colégio Normal.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

que inúmeras vezes ajudava minha mãe com as atividades dos alunos, chegando a ficar em sala de aula em determinados momentos. Tinha também muita admiração pela carreira de uma tia que morava em Criciúma e atuava como professora na Escola Miguel Giacca.

Durante o Magistério, como eu morava longe do colégio, quando necessário, ficava na escola o dia inteiro e muitas vezes dormia na casa da minha amiga Cláudia em Araranguá. Naquela época, nós formávamos uma dupla dinâmica como estudantes e amigas de festas e aventuras. Entre os meus guardados e nas agendas/diários, encontrei muitas cartas e descrições dos acontecimentos ocorridos durante a minha adolescência/juventude⁴¹.

Em 1999, ganhei meu primeiro presente como professora durante o estágio na primeira série da mesma escola onde estudava, um ursinho de resina, que guardo entre minhas relíquias. O aluno que me presenteou foi um menino que possuía dificuldades de socialização e tinha sido um grande desafio no estágio.

Sobre o último ano de Magistério, escrevi muitas vezes na agenda sobre a angústia pela conquista de uma vaga no mercado de trabalho como sendo um dos meus grandes sonhos. Tenho lembranças de uma professora, a Isabela, que era proprietária de uma escola particular e sempre comentava que iria escolher alguém da turma para trabalhar com ela. Porém o ano já estava acabando, a formatura estava marcada, ela não escolhera ninguém e eu ainda não tinha conseguido emprego. Pela necessidade, decidi tentar um processo seletivo justamente na empresa fumageira que comprava a produção do meu pai. Passei em primeiro lugar e comecei a trabalhar no escritório da empresa com as notas de transferências. O contrato era, inicialmente, para três meses, mas fiquei até agosto, quando passei no processo seletivo para recenseadora do IBGE. Cheguei a aplicar alguns questionários, mas então fui chamada pela professora Isabela para trabalhar em sua escola. Era o ano 2000, o mundo não tinha acabado como escrevi nas páginas de algumas agendas, e eu tinha um emprego dentro da área que

⁴¹ Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência abrange dos 10 aos 19 anos, enquanto a juventude abrange dos 15 aos 24 anos (World Health Organization, s.d.).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

tinha escolhido. No começo, eu era uma “espécie de faz tudo na escola”, mas logo já estaria lecionando. A Escola Mauei⁴² era uma instituição muito diferente das escolas tradicionais de Araranguá na época. Era uma cabana com biblioteca e sala de informática no sótão. Não se usava o sistema apostilado nem as decorações de personagens infantis e quase nada era padronizado.

Lá se valorizava o que os estudantes produziam e o estímulo à pesquisa era constante. Nossas formações pedagógicas se voltavam aos estudos de autores como Paulo Freire, Madalena Freire, entre outros. Os planejamentos semanais eram elaborados coletivamente e revisados pela diretora. Éramos orientadas a trabalhar com a metodologia de temas geradores⁴³. Naquele espaço, tive muitas oportunidades e aprendizagens. Em função de ter conquistado a confiança da proprietária, eu me tornei professora e também trabalhava com as questões administrativas; passei a morar em Araranguá para ficar mais próxima da escola, cuidava dos filhos de uma colega de trabalho, à noite, em troca de um quarto no seu apartamento. Embora a questão salarial não fosse tão significativa, eu me entreguei profundamente a essa experiência durante quatro anos.

O INGRESSO NO MUNDO DA PESQUISA CIENTÍFICA: A PROFESSORA SE TORNA AGORA TAMBÉM PESQUISADORA

No mesmo ano que comecei a atuar na Escola Mauei, passei no vestibular e iniciei o curso de Licenciatura e Bacharelado em História na primeira turma do curso de História na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), em Araranguá. Uma disciplina que contei com professoras inspiradoras no Ensino Fundamental e no Magistério. Lembro-me de

⁴² Centro de Educação Infantil Maria Luiza Mascarenhas, espaço educativo onde iniciei minha carreira como professora.

⁴³ Os temas geradores dentro da perspectiva teórica de Paulo Freire são temas que servem ao processo de codificação-decodificação e problematização da realidade e que envolvem conteúdos sociais e políticos com significado concreto para a vida dos educandos (Freire, 1993).

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

que minha mãe me apoiou profundamente, mas meu pai dizia que como éramos família de interior, com pouca renda, eles não teriam condições para me manter em uma universidade particular. O ensino superior, naquele período, era uma realidade muito distante, poucas jovens da comunidade, até então, tinham continuado os estudos após a conclusão do ensino médio, por isso havia preconceito de pessoas em relação a quem decidia sair de casa para estudar.

Logo no primeiro semestre, tive aulas com professores das áreas de museologia, arqueologia e educação patrimonial, que na época eu nem sabia o que significavam. Esses profissionais me apresentaram o mundo da pesquisa científica e por meio de seu apoio consegui aprovar um projeto de Iniciação à Pesquisa Científica em dupla com uma colega, cujo objeto de pesquisa compreendia a realização de um mapeamento cultural do município de Maracajá para a implantação do Museu Municipal.

Mesmo sem estarmos dotadas de muitos conhecimentos teóricos sobre os conceitos que iríamos abordar em nossas pesquisas, iniciamos os trabalhos entrevistando os moradores de mais idade nas comunidades utilizando a metodologia de história oral. Naquele período, liamos na graduação textos de Ecléa Bosi, presentes em seu livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”. A experiência dessa autora com suas entrevistas biográficas nos inspirou a também registrar as memórias de nossos moradores. Bosi (1994) afirma que uma história de vida não é feita para ser guardada numa gaveta, mas que ela existe para transformar a sociedade onde floresceu. Defende que a busca do significado que transcende as biografias é o nosso trabalho como pesquisador – cientista social.

Desde o ano de 2001, eu já estava trabalhando como professora de História contratada no município e continuava lecionando também na escola particular em Araranguá. Essa ligação com a rede municipal de ensino possibilitou a melhor execução dos objetivos e das atividades propostos no projeto de pesquisa, e percebi que aquelas aulas de História seriam a ponte de diálogo com a comunidade e o museu que estava sendo fundado, estabelecendo assim a sua função comunicativa e educativa.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

No decorrer das aulas do curso de História, fui me envolvendo nas discussões acerca dos conceitos de cultura, museu, memória, identidade, escola e educação patrimonial. Isso passou a fazer parte da minha vida para sempre. Hoje me sinto realizada profissionalmente e ao mesmo tempo sinto que sou, além de educadora, uma militante social, que busca constantemente lutar para levar os moradores da minha cidade e região a um processo ativo de conhecimento, apropriação, valorização e problematização de sua herança cultural.

2004 foi o ano da minha formatura como bacharel e licenciada em História. O dia 19 de março foi um dos dias mais felizes da minha vida, pois foi a realização de um sonho. Nesse mesmo ano, ocorreu também a inauguração do Centro Histórico Cultural de Maracajá, com seu espaço museal e uma biblioteca. Fui então contratada como professora de História e responsável pelo acervo e pelas atividades educativas. Continuei lecionando nas escolas municipais, mas tive que abandonar o trabalho na escola particular em Araranguá, que tanto me fez crescer profissionalmente, para me dedicar exclusivamente à minha área de formação.

CONSIDERAÇÕES

As memórias compartilhadas neste capítulo retratam a trajetória estudantil que me constitui como uma “eterna aprendiz”, uma professora-pesquisadora que acredita no poder transformador das realidades sociais, econômicas e culturais por meio da educação. Eu me orgulho da minha história de vida e da forma como me entrego em tudo a que me proponho, embora, por vezes, sofra diante da intensidade dessas entregas. A liquidez e a superficialidade presentes nas sociedades atuais, como define Zygmunt Bauman (2021), não fazem parte do meu cotidiano. Como verificado neste texto, não sei nem ao menos resumir as palavras, muito menos as emoções. Mas talvez essa condição esteja atrelada à constante necessidade de superação presente em minha trajetória.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Assim, a partir de 2004, fui aprovada em concursos públicos; cursei especializações; lecionei no ensino superior; especializei-me em captação de recursos; prestei assessorias quanto às políticas públicas culturais para a região da AMESC; publiquei livros e documentários que resultaram de pesquisas; casei-me e estou aprendendo a cada dia a ser mãe; consegui concluir o Mestrado em Educação e hoje me aventuro no Doutorado na mesma área. Tenho necessidade de estar em constante busca de conhecimentos. Posso dizer que hoje me sinto realmente como na música escrita no diário de 1996, “Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser uma eterna aprendiz”⁴⁴.

No momento de colocar um ponto final neste capítulo, inspiro-me nas palavras de Thomson (1997, p. 77) ao afirmar que “[...] a rememoração é uma experiência que nunca termina [...] as experiências que tivemos nunca terminam, porque as estamos refazendo constantemente, dando-lhes um novo sentido, re-lembrando”. Dessa forma, conforme o período e as condições da escrita, outras experiências memoriais podem ser evocadas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 199-209. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24901>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres e educação: uma história sem registro. *In*: ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 25-80. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/mulher-e-edu>

⁴⁴ Música “O que é, o que é” do cantor e compositor brasileiro Gonzaguinha.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

cacao-a-paixao-pelo-possivel,24f00a38-d355-44f3-b9ae-0d7c9de19402.

Acesso em: 20 jun. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2021.

BAUMANN, Siuzete Vandresen. **Da vida das escolas rurais isoladas a uma escola isolada da vida rural: aprendizagens do processo de nucleação em Santa Rosa de Lima**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 19 out. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 19 out. 2022.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Estabelece o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 17 de julho de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm. Acesso em: 13 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996. Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, na forma prevista no art. 60, § 7º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 26 de dezembro de 1996b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9424.htm. Acesso em: 01 jul. 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, Assis, v. 3, n. 1, p. 45-62,

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, n. 10, p. 7-40, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101> Acesso em: 14 fev. 2022.

OTTO, Clarícia. Do professor paroquial às professoras catequistas: notas para a história da educação em Santa Catarina. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 16, n. 3, set./dez. 2012, p. 403-412. Disponível em: <http://scite.ai/reports/do-professor-paroquial-as-professoras-VMOGJj>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2013.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Revista Projeto História**, São Paulo, p. 51-84, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216/8224>. Acesso em: 18 fev. 2022.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644555>. Acesso em: 20 out. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Adolescent health**. Sem data de publicação. Disponível em http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/. Acesso em: 20 out. 2022.

VIVÊNCIAS QUE SIGNIFICAM: A
FORMAÇÃO NA ESCOLA BÁSICA DE
UMA PROFESSORA DE HISTÓRIA EM
CRICIÚMA, SC

Samira Rousseng de Farias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Lembro-me de que certa vez me escreveram uma dedicatória em uma capa de um CD (*compact disc*) a qual dizia: “Carregamos um pouco dos outros e deixamos um pouco de nós”. A citação me marcou extremamente, pois não tinha me dado conta das marcas que podemos inserir nas pessoas. E ser professora, dentre tantas definições, é dividir e somar experiências em meio a tantas classes de estudantes que almejam descobrir o mundo.

António Nóvoa (2015, p. 2), em sua *Carta a um jovem investigador em educação*, retrata a questão da jornada ao autoconhecimento, uma rotina implícita na vida de um professor ou de uma professora:

Cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo até encontrar aquilo que o define e o distingue. E ninguém se conhece sem partir. Sim, parte, divide-te em partes. Sem viagem não há conhecimento. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento.

E essa dedicatória até então esquecida em algum labirinto da minha mente (que reapareceu recentemente) faz um certo sentido, relacionando-a à minha trajetória enquanto aluna e professora. Explicarei nas próximas linhas.

Possuo formação em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), concluída em 2008; pós-graduação na mesma área, em 2013; e lecionei para uma turma de jovens do Ensino Médio no início de 2009. Depois de uma breve pausa, retornei, em 2013, ao Magistério e assim continuo ininterruptamente, seguindo e resistindo.

A questão que envolve e move cotidianamente a profissão que escolhi é fluente: como ser uma profissional que faz a diferença dentro dos

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

muros escolares? Com lutas de classe em uma sociedade neoliberal, apresentando diversas desigualdades de oportunidades e opressões de gênero, como tornar a escola um espaço de oportunidades? Tento usar da compreensão e da crítica, instrumentos da minha luta.

SALA DE AULA E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO

Quando piso em uma sala de aula para lecionar, dúvidas e questionamentos me fazem rememorar o passado enquanto estudante do ensino regular. Vem à memória uma professora de Língua Portuguesa que marcou a minha trajetória (cursei o Ensino Fundamental I e II na Escola Básica Marechal Rondon¹). Comecei a frequentar suas aulas na então quinta série (atualmente seria a correspondente ao sexto ano), em 1995.

Dona Laura, como a chamavam, possuía um cabelo crespo e extremamente comprido, sempre com roupas estampadas, alegres e chamativas, brincos enormes e bordões típicos da época. Foi uma educadora que não conseguia passar de maneira inerte pela sala. Seja pelas cantigas ao som de Secos e Molhados ou pelas expressões advindas da Igreja Neopentecostal que frequentara, o caso era que adorava as suas aulas e me sentia acolhida por suas dinâmicas.

Ela era aquele tipo de pessoa que por mais que tivesse uma aura despreziosa, exigia respeito e obediência. Recordo que escrevi uma crônica para a sua aula, em 1998, e ela elogiou de uma maneira muito enfática. Pena que com as reformas na casa dos meus pais tais registros tenham se perdido, entretanto recordo que relacionei a rebeldia da adolescência com a chuva. Naquelas aulas, percebi que incentivar o outro pode ativar um arsenal de potência, confiança e empoderamento.

Atitudes de elogios e estímulos aplicados numa pessoa tímida e sem protagonismo – o que era o meu caso, uma criança que possuía infi-

¹ Hoje Escola Municipal de Educação Básica Marechal Rondon, situada na rua Anita Garibaldi, 778, bairro Centro, em Criciúma, SC.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

nitais reservas ao demonstrar sentimentos – foram importantes por alguns motivos. O fato de ser alguém longe da minha “bolha” família e casa, uma adulta percebendo as angústias de uma jovem, uma professora que enxergava potencial e alguém extrovertido proporcionou uma experiência nova e cativante.

Em alguns momentos, tentei suprimir as memórias da infância e adolescência, pois entendia como projeções do passado. Entretanto as questões levantadas nos debates me proporcionaram olhares diferentes:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória hábito, memória de mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado (Bosi, 1979, p. 11).

Lembro-me de que entrei na oitava série (hoje correspondente ao nono ano) tranquila e ainda adepta de algumas brincadeiras infantis. Ao longo do ano passei a me tornar aquela adolescente “típica” que contestava os adultos em atitudes tidas como rebeldes (adultos neste caso significa os meus pais) e passei a obter notas não tão positivas. A professora Laura continuou a ser um referencial de aconchego, pois suas devolutivas de trabalhos continuavam com os mesmos recadinhos estimulantes: “vá em frente”, “você escreve muito bem...”, afirmativas que ainda carrego comigo.

Ao concluir a oitava série, tive que mudar de escola em decorrência do Ensino Médio. Fiz meu primeiro ano no “Colégio²” e alguns fatos escolares daquela época são reprimidos em decorrência de experiências negativas. Não tive colegas ou professores acolhedores, embora o meu es-

² Escola de Ensino Básico Eng. Sebastião Toledo dos Santos, localizada na Rua da República, 67, bairro Comerciário, em Criciúma, SC.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

tágio, em 2006, na referida instituição, tenha sido enriquecedor para o meu processo enquanto educadora.

No ano seguinte, 2000, continuei na instituição, porém com a greve do Magistério que fora desencadeada, havia uma escola a qual minha família poderia pagar e que não tinha aderido à greve: o Centro de Educação Profissional (CEDUP), escola de ensino médio e técnica localizada no bairro Universitário, em Criciúma, SC. Consegui ingressar nessa instituição em meados de abril (se minhas memórias não estiverem tão falhas) e creio veementemente que minha trajetória se modificou naquele momento.

“Precisamos de tempo para pensar, de tempo para amadurecer. Precisamos até de tempo para nos desentendermos uns com os outros [...]” (Nóvoa, 2015, p. 12). Esse fragmento da carta de António Nóvoa (2015) evidencia esse capítulo da minha vida, pois não me sentia acolhida na escola que adentrei. Havia aquele medo de sair na zona de conforto e enfrentar o que me parecia desconhecido.

Aqui cabe uma explicação pertinente. Tanto o Marechal Rondon quanto o Colegião eram próximos da residência dos meus pais (bairro Centro, em Criciúma, SC) e ao me transferir para um centro de educação em outro lado da cidade, no bairro Universitário, foi uma mudança que significou a saída da minha zona de conforto.

Aprendi a usar o transporte coletivo (o meu pai José Claudio sempre me levou prontamente aos poucos lugares que frequentava, sempre muito solícito) e entrei em uma escola com uma grande estrutura, fato que me fez conhecer pessoas de outras cidades e com outras vivências. Fiz amizades que permanecem na minha memória e marcaram histórias da minha vida.

Possuo passagens significativas do segundo e do terceiro ano. Talvez eu tenha me encaixado em algum lugar ou em alguma “caixa”, pois, convivendo com adolescentes, isso me faz estabelecer essa conexão com o meu passado não tão distante. Os jovens gostam de andar em turmas, agregando com quem se identificam.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

No segundo ano, havia um professor de História que explicava a disciplina com tanto louvor, que aquilo se tornou muito marcante. Eu estava quase dois meses sem aula e mesmo assim obtive uma boa média na primeira avaliação dele. Fato esse que fez minha prova chegar à classe vizinha, pois havia mais de dez segundos anos.

Alunos sempre usarão desse recurso da “cola”, é inevitável esconder a realidade. Temos vestígios da “educação bancária” – conceito discutido por Paulo Freire (1974) –, o que atualmente consigo observar. Confesso que fiquei muito orgulhosa da nota e do meu feito.

Um professor de Artes muito extrovertido era o José. Se não me engano, atuante na docência até hoje, ele era um velho conhecido do meu pai e me reconheceu naquela escola enorme com pessoas desconhecidas. Apesar de um emaranhado de lembranças acolhedoras, existia a hostilidade de alguns colegas de sala e o estranhamento de uma estudante que chegou no fim do primeiro bimestre sem notas. Esse acontecimento ficou muito marcado em mim: recebi reações e ações adversas.

Após muitos meses sendo estranha em uma escola estranha, encontrei uma turma de amigos e amigas. Fazíamos trabalhos juntos, superei os meus medos em relação ao inglês (idioma que atualmente aprecio), aprontamos coisas da idade na hora do recreio e consegui me sentir encaixada em uma engrenagem tão complexa que é a escola. Ao final daquele ano, a ansiedade para a conclusão do Ensino Médio chegara e também a pergunta: o que vou fazer da minha vida depois de 2001?

Confessar essas passagens refletem a legitimidade que carrego enquanto professora, pois, “[...] ao falarem de suas diferentes concepções sobre o exercício da profissão, professores e professoras remetem às próprias experiências, apontando tensões entre os significados masculinos e femininos tradicionais e tentativas de transformação desses valores” (Vianna, 2016, p. 94).

Recordo-me de que não era a estudante mais “promissora” ou destaque nas disciplinas que envolviam cálculo. No terceiro ano do Ensino Médio,

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

resolvi tentar o período noturno e incrivelmente consegui assimilar os conteúdos de Química e Matemática.

Uma amiga da classe vizinha me solicitou uma monitoria da matéria, algo inédito e que fiz com dedicação. Afastada desse tempo e nos dias de hoje, reconheço que uma educadora já se esboçava ali. As professoras Patrícia e Solange explicavam com calma e paciência, talvez pelo fato de nossa turma ser considerada tranquila.

O final do ano letivo chegou, a formatura também. Lembro-me de que estava eufórica e feliz em passar direto (sem exames finais), pois fiquei em recuperação nos três anos anteriores. A melancolia também era uma companheira: entrar numa universidade ainda era um sonho distante por questões financeiras. Resolvi tentar o curso técnico de Patologia Clínica por influência de minha mãe Inês (que sempre afirmava que uma profissão técnica “*traria bons frutos*”).

Foto 1 - Formatura do Ensino Médio - CEDUP, 2001



Legenda: Samira ao centro, de vermelho.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Como o desejo de continuar estudando era latente, dediquei-me ao curso e o encarei como um período de autoconhecimento. Detestei cada aula prática e reconhecia muito valor nas disciplinas teóricas. Em meados de 2003, criei a coragem que me faltava, fui à secretaria da escola e cancelei minha matrícula. Uma boa aluna que abandona seu curso na metade, mas que queria correr atrás de se apaixonar por uma profissão:

É preciso ler, ler muito, ler devagar, coisas diversas, coisas inúteis. É preciso pensar, pensar muito, conquistar o tempo de pensar. Se não gostas de ler nem de pensar, podes tornar-te um bom técnico de questionários ou de entrevistas ou de estatísticas ou de outra coisa qualquer, mas não serás um bom investigador (Nóvoa, 2015, p. 3).

Gosto de brincar com as pessoas quando menciono que o curso de Patologia foi um período “sabático”. Estabeleci grandes relações, assisti a aulas inspiradoras e fazia tudo novamente. Fiquei um período pensando com qual curso me encantaria. Em noites livres, refleti que a licenciatura me faria feliz, pois escolas são feitas de pessoas e de movimento. No segundo semestre, finalmente me decidi: faria vestibular em História. Passei em sexto lugar e meu pai conseguiu uma ajuda financeira de sua gestora para custear meus estudos. Sou imensamente grata, pois isso me forjou como profissional.

CONCLUSÃO

A memória é um diamante bruto lapidado pelo espírito (Bosi, 1979) e algo que ressignificamos ao longo da vida. Pensando em toda a minha trajetória, algo é marcante e paradoxal: até os meus 17 anos, queria

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

ser advogada para promover algum tipo de “justiça” (um pensamento tipicamente juvenil, hoje penso que nem todas as leis são justas ou inclusivas).

Ao alçar voos como professora, percebo diariamente que parte dessa tarefa é em parte executada, mesmo com tantos obstáculos enfrentados em uma sociedade neoliberal e conservadora na manutenção de costumes ultrapassados.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação**, Vila Real, v. 3, n. 11, p. 13-22, 2015.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, [s.l.], v. 17-18, p. 81-103, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2022.

MEMÓRIAS EDUCACIONAIS E A IMEDIATICIDADE DAS FONTES DIGITAIS

Thalia Estevam

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO¹

Sabemos que, no âmbito das pesquisas em História para qualquer enfoque, as fontes de origem material sempre estiveram colocadas como fundamentais nas buscas de dados, sendo que, apesar de possuírem algum desgaste ao longo do tempo, ainda assim conseguem manter a essência simbólica da qual aludem. Entretanto, com o aumento da presença de mídias e redes de comunicações digitais, algumas das fontes de memória, por exemplo, passaram a se localizar apenas em aparelhos tecnológicos e, além disso, em alguns casos, nas nuvens de dados, limitando-se ao campo da internet.

Isso acaba resultando, muitas das vezes, em pessoas de menor idade (principalmente, nascidas no período em que a tecnologia digital já se fazia presente no dia a dia) que terminam por não fazer a impressão de fotos e de documentos importantes, aumentando, nesse caso, as chances de extravio juntamente com a perda de senhas de *login* e até mesmo com as trocas de computador, celular e câmera, por exemplo.

O próximo tópico apresentado no desenvolvimento deste capítulo traz um memorial em formato de carta, produzido a partir das lembranças sobre a trajetória educacional da autora, que não possuía grande número de fontes materiais. Em diálogo com textos estudados em sala de aula², e sobre o papel desse gênero de escrita no processo de memória, Nóvoa (2015, p. 1) afirma que:

[...] apesar de o gênero epistolar pertencer a um tempo que já não é o nosso, “porque uma carta fixa a memória do que se diz. E hoje não se diz nada e apenas se fala, que é coisa de se cumprir e esquecer”³. [*sic*]

¹ O presente texto foi realizado com o apoio do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU).

² Disciplina optativa de Mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC): “Memória Docente e Gênero - (2022/1)”.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

Numa carta, o que interessa é a relação, esse diálogo em que conversamos conosco quando nos dirigimos ao outro, ainda que seja um outro imaginário. Esta é “a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo”⁴ (Nóvoa, 2015, p. 13).

Diante do explicado, cabe refletir que, em casos como esses, o que nos ampara é a memória que marca nossas mentes, trazendo-nos, obviamente, informações um tanto quanto mais limitadas e estáticas, apesar de carregar muita simbologia (inclusive sentimental), como veremos.

CARTA PARA DOIS MIL E QUATRO

Querido Sr. Ano de Dois Mil e Quatro,

Acredito, em tom de palpite, que Vossa Senhoria jamais tenha recebido uma carta, considerando que nós, datas, não somos lá muito populares em termos de amizade. Mas como nem tudo que reluz é ouro, esta carta tem cunho apelativo, pois venho por meio desta lhe pedir um favor. Deve conhecer uma garotinha de seis anos de idade chamada Thalia Estevam, que reside em Lauro Müller, SC (Brasil) e que acabou de ser matriculada na primeira série do primário (atual primeiro ano do Ensino Fundamental I), em uma pequena escola de seu município.

Então, meu pedido é o seguinte: quero que Vossa Senhoria vá até ela e lhe deixe claras algumas informações sobre seu futuro estudiantil, pois a inocente aí, nesse tempo, vê a escola apenas como o local onde ela levará sua tão cobiçada mochila rosa de rodinhas, local esse, nomeado por seus pais como “escola de crianças grandes”. Peço que primeiro a pegue no colo e com muito carinho (pois ela é meio assustada) lhe passe as informações listadas nos seguintes tópicos:

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

1. As crianças da escola que ela frequentará a partir da próxima segunda-feira não são maloqueiros de ganque com a mesma altura dos postes da cidade;
2. O mês em que ela ficará de atestado médico nesse primeiro ano não a fará reprovar de ano, ela tem apenas seis anos de idade, crianças de seis anos não reprovam por motivos de saúde. Reforce para que ela não se cobre demais, ou isso lhe trará problemas no futuro;
3. Ela não deve se apegar ao tipo doce, carinhoso e maternal da professora da primeira série, pois haverá outros tipos;
4. Diga para ela não fazer todos os desenhos das aulas de Artes no lugar de seus colegas, pois, por mais que a intenção seja ajudá-los, isso não será justo com ela, visto que deixará de fazer o seu para fazer os deles (Obs.: os elogios do tipo “eu peço porque eu não sei desenhar e você sabe” serão apenas balelas para tirar proveito da sua bondade);
5. Ainda sobre trabalhos, peça para que não dê importância quando os professores diminuïrem suas notas ao duvidarem que foi ela mesma quem os fez. Mais adiante ela entenderá e defenderá que educação e conhecimento não deveriam ser quantificados, quem dirá postos em dúvida;
6. Enfatize para que ela continue sempre levantando a mão para fazer perguntas na sala de aula. E que a professora de Ensino Religioso, na quinta série, irá chamá-la de “ovelha negra da turma” apenas por fazer questionamentos, mas que ela, na verdade, ali no presente do futuro, não sabe o que faz (a coitada é apenas outra vítima do sistema);
7. Aconselhe-a para usar os adesivos do caderno, caso contrário eles ficarão muitos anos guardados em uma gaveta, a ponto de ela jogá-los no lixo futuramente;

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

8. O namoro que ela iniciará na sétima série (atual sétimo ano), não será “namorico de momento que atrapalhará seus estudos” como fofocavam as gestoras da escola. Revele que, mais de doze anos depois, esse ainda será seu marido e maior apoiador de sua formação;
9. Ela não precisará se frustrar com as aulas de Matemática, pois o TCC da sua graduação falará sobre isso e ela se sentirá aliviada ao saber que o problema com os números não era um fracasso dela;
10. Ela provavelmente não usará o certificado do curso Técnico em Administração que fará concomitantemente com o Ensino Médio em um programa do governo. Mas peça para que ela o faça do mesmo modo, pois as experiências serão enriquecedoras e farão com que crie gosto pelos estudos;
11. O primeiro curso de graduação no qual ela ingressará durará apenas duas semanas de frequência, o que será uma ótima escolha (adolescentes não precisam decidir o que fazer de primeira e isso não será sinônimo de atraso);
12. Aconselhe-a a fazer todas as leituras sugestivas das disciplinas na faculdade, algumas farão falta mais adiante;
13. Diga para que fique mais tranquila quanto ao Mestrado, a bolsa de estudos virá no primeiro dia de aula (Obs.: Isso a poupará de algumas preocupações que prejudicariam a sua saúde a longo prazo);
14. Peça para que ela não desista de buscar conhecimento e que não odeie os professores, suas experiências irão motivá-la a lutar por transformações no futuro.

Finalizadas as informações dos tópicos para Thalia, peço agora a você, Sr. Ano de Dois Mil e Quatro, que tenha outra conversa, agora com

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

todos os anos antecedentes a você. Nessa conversa, diga para que eles, ou melhor, peça aos(às) professores(as) de sua época para que sejam como os(as) professores(as) com os(as) quais se sentiriam seguros(as) quando crianças. Peça, também, para as crianças de sua época, que se acalmem e brinquem. Mas espere um momento, temos aqui uma incógnita: se essas coisas não acontecessem no passado, esta carta não seria no presente escrita por este remetente. Será por isso que tudo o que temos é o futuro para fazermos diferente?

Atenciosamente,

Sr. Ano de Dois Mil e Vinte e Dois

SOBRE PRESERVAR E MEMORIZAR

Ao longo da trajetória educacional, que por vezes se passa em grande período, pode acontecer de que nos esqueçamos de parte dos acontecimentos (inclusive os importantes), principalmente se considerando a pouca idade com a qual se inicia na Educação Infantil. Para as pessoas que futuramente se tornarão profissionais da educação, pode ter grande valia conseguir acessar todo tipo de fonte para pesquisa sobre seu período anterior, na perspectiva de estudante, já que esse tipo de profissão é um dos únicos nichos que acaba por estudar sobre um ambiente no qual se cresceu presente por considerável parte da vida. Logo:

Torna-se imprescindível pensar na preservação dos documentos, pois o descarte dos mesmos advém da falta de entendimento de que o passado pode ser fonte de pesquisa e, portanto, revisitado.

A consciência sobre o valor e a importância da preservação do patrimônio documental e escolar ainda é

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

muito incipiente em nosso país. Cabe ao pesquisador da História da Educação esta tarefa de conscientizar a escola, os professores, os alunos e os funcionários do valor dos documentos produzidos na/pela/para escola (Ivashita, 2014, p. 7).

Porém a tarefa da preservação dos patrimônios materiais não se restringe somente ao pesquisador da História da Educação, mas a todo e qualquer indivíduo, seja da área da Educação ou até mesmo de outras áreas, já que pesquisas e estudos de retorno às memórias vividas podem ocorrer em todos os âmbitos da sociedade.

Na temática de memórias educacionais em específico, isso aparece frequentemente como problema quando, por vezes, estudantes ou professores percebem não possuir guardadas grandes quantidades de evidências da sua trajetória escolar e curricular, assim como se passou em uma atividade da disciplina citada anteriormente. No caso da carta acima, pode-se perceber grande peso gerado pela carga emocional e afetiva das memórias que surgiram, em sua maioria, apenas por intermédio das lembranças memorizadas na mente da autora em questão. Desse modo, por mais que detalhes tenham sido expressos, sabe-se que no caso de fontes visualizáveis e tangíveis, detalhes além dos presentes poderiam ter trazido outras percepções aos fatos, pois as memórias

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (Nora, 1993, p. 21).

Isso significa dizer que não se pode tentar barrar ou substituir a perpetuação dos meios tecnológicos e digitais para trabalho, armazena-

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

mento e comunicação, pois eles facilitam a ocorrência de tais tarefas e a tendência é seu aumento a cada ano que passa. Sobressai-se aqui a perspectiva de que a memória não deixaria de ser validada porque não se apresenta por meio de técnicas tradicionais e comumente usadas para avaliação, de modo que ambas apenas se complementariam.

No fim, o que permanece é o significado, que emerge em qualquer ambiente onde haja acontecimentos, seja ele digital ou de cunho mais material. Diante disso, o diálogo ocorrido, a história contada, os fatos vivenciados, os professores que nos influenciaram, os uniformes usados e os conteúdos estudados passam a mediar o que de fato se torna memória. Então, “[...] mesmo se o futuro da história oral estiver no espaço virtual digital, seu coração continuará sendo a dimensão extremamente humana da recordação em relacionamento com outras pessoas” (Ferreira; Fernandes; Alberti, 2000, p. 65).

Encerra-se este tópico com alguns questionamentos, com a intenção de manter o debate aberto: Com a atualidade de cadernos de notas digitais, as futuras gerações terão ainda cadernos e outros objetos guardados do seu período escolar? Após esse esvaziamento da vivência presencial e a passagem de uma pandemia³, as aulas presenciais correm o risco de ser totalmente substituídas por educação a distância? Nesse caso, as memórias de trajetória educacional se limitariam ao particular, sem quaisquer tipos de relação com o outro? Acredita-se, aqui, que somos formados por intermédio com a sociedade, e que a educação, nessa perspectiva, deveria ser sinônimo de dialética e convivência social, indo na direção oposta ao que se apresenta nas possibilidades das questões anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar uma fonte de pesquisa, o historiador da área da educação questiona a sua originalidade e a sua veracidade, melhor dizendo,

³ Pandemia de Coronavírus (COVID-19), causadora de doença infecciosa respiratória pelo vírus SARS-CoV-2, iniciada em meados do mês de dezembro do ano de 2019.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

existem técnicas que, por exemplo, conseguem analisar quando e onde um objeto foi produzido. O problema dos meios digitais e virtuais é que esse tipo de informação pode ser facilmente sabotado/modificado e/ou até mesmo sequer existir. Nesse caso, entende-se que as pesquisas, em tais circunstâncias, podem se tornar mais difíceis do que por outros meios, pois a escola, desde os primeiros modelos, é conhecida por possuir grande variedade de objetos que são particulares desse tipo de ambiente.

Nessa incursão, encontraram-se indícios de que a correlação, ou seja, um trabalho em conjunto entre fontes digitais e as de caráter mais tradicional, pode ser a melhor opção para trazer à tona memórias escolares mais atuais, visto que um possível acesso a diversificados meios para pesquisa se faz amplo, além de tornar os dados mais seguros.

Para isso, podemos concluir que o aumento da criação de programas para preservação de memórias escolares por meio de objetos bem preservados (dentre eles cadernos, fotos, roupas e documentos) parece viável, mantendo ou até mesmo trazendo mais qualidade para as futuras pesquisas em história da educação e sobre memórias da trajetória escolar, afastando-nos do pertencimento total à imediaticidade e à brevidade advindas do meio digital, mas sem perdermos os benefícios trazidos por essas tecnologias.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. 188 p.

IVASHITA, Simone Burioli. Fontes para a história da educação: a importância dos arquivos. **HISTERDBR On-Line**, Campinas, v. 1, n. 58, p. 68-77, nov. 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Proj. História**, São Paulo, p. 7-28, dez. 1993.

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação**, Vila Real, v. 3, n. 11, p. 13-22, 2015.

SOBRE AS AUTORIAS



Catia Elaine Alves Constante

Sou graduada em História, com licenciatura, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Pós-graduada em Educação Inclusiva (2006) pela Universidade Castelo Branco, do Rio de Janeiro; mestre e doutoranda em Educação pela UNESC. Professora efetiva no estado de Santa Catarina desde 2001. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Ambiental e Educação (GEPHAE) desde 2011.

E-mail: catiaelainec@gmail.com



Cristiane Maccari Uliana Fretta

Sou graduada em Pedagogia, desde 2001, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e em Artes Visuais, desde 2012, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Pós-graduada em Educação e Tecnologia, em 2004, pela UniBagozzi. Mestranda em Educação pela UNESC. Professora efetiva do município de Criciúma desde 2002. Membro, desde 2022, do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME).

E-mail: cristianemfretta@gmail.com

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE



Cristiane Sant'Ana

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Professora da rede municipal de ensino, desde 2002, no município de Maracajá, SC. Membro do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME) da UNESC. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

E-mail: cris232909@gmail.com



Edilane Pizoni Oening

Sou graduada em Letras – Português e Inglês – pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Tenho especialização *Latu Sensu* em Docência do Ensino Superior pela UNESC. Sou mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC e professora de Língua Inglesa no Curso de Idiomas da UNESC.

E-mail: edilane@unesc.net

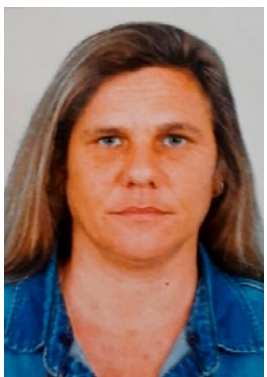
QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM
UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE



Ernesta Silveira Manenti

Sou graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e graduada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Tenho especialização *Latu Sensu* em Educação Infantil e Séries Iniciais no Contexto da Educação Inclusiva (Faculdade Padre João Bagozzi – UniBagozzi). Sou professora das séries iniciais pelo município de Criciúma e pelo estado de Santa Catarina

E-mail: ernestamanenti@hotmail.com



Fabiula Peraro Augusto

Sou graduada em Pedagogia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e graduada em Matemática pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Tenho especialização em Fundamentos Psicopedagógicos do Ensino pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e também sou especializada em Gestão Escolar Integrada, com Ênfase em Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar, pela Faculdade Educamais.

E-mail: fabiulapa2009@gmail.com

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE



Gustavo Rodrigues Jordão

Sou graduado em Filosofia e especialista em Educomunicação e Tecnologia, ambos pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). Atualmente, estou cursando o mestrado em Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), na linha de pesquisa “Educação e Produção do Conhecimento nos Processos Pedagógicos”, com bolsa pelo Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (UNIEDU). Sou professor de Filosofia admitido em caráter temporário (ACT) pela Secretaria de Estado da Educação do Estado de Santa Catarina (SED/SC).

E-mail: gustavojordao44@gmail.com



Jaqueline de Oliveira

Sou licenciada em Educação Física pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Especialista em Linguagem e Poética da Dança pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC. Atuei como professora de Educação Física por dois anos na rede municipal de Criciúma. Atualmente, sou professora de dança no Ateliê de Dança Jheni Oliveira. Pesquisadora na área da dança e bailarina.

E-mail: jaquelineo324@unesc.net

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE



Laís Regina Laurentino Coral

Sou graduada em Pedagogia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, sou professora efetiva na rede municipal de Criciúma como professora pedagoga de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Atuei na formação de professores e como coordenadora pedagógica em rede pública e privada.

E-mail: laisreginacoral@gmail.com



Maria Aparecida Casagrande

Sou graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com especialização *Latu Sensu* em Segurança Pública pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e doutoranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Membro do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME) da UNESC. Sou Policial Civil e Professora da Academia da Polícia Civil de Santa Catarina (ACADEPOL/SC). Tenho me dedicado aos estudos sobre formação das mulheres policiais e as relações de gênero no âmbito institucional.

E-mail: cidamaria.pcsc@gmail.com

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE

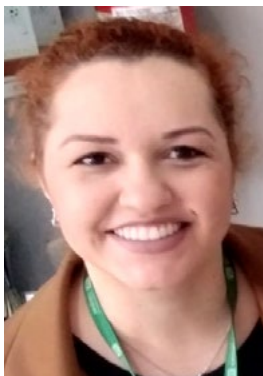


Odécia Almeida de Souza da Silva

Sou licenciada e bacharel em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Graduada em Pedagogia em julho de 2021. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Participo do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME) da Unesc. Sou professora efetiva da disciplina de Educação Patrimonial na rede municipal de ensino desde 2005. Estou chefe da Divisão de Ensino e sou gestora de Projetos da Prefeitura Municipal de Maracajá. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC. Tenho experiências nas áreas de Museologia; Educação Não Formal; Educação Patrimonial; Memória, Identidade e Cultura; e pesquisa, atualmente, instituições escolares, história da educação, culturas escolares e histórias de mulheres.

E-mail: odeciaalmeidadesouza@gmail.com

QUANDO AS MEMÓRIAS ESCOLARES SE ENCONTRAM UMA EXPERIÊNCIA FORJADA EM CLASSE



Samira Rousseng de Farias

Sou graduada em História (2008) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), docente em caráter temporário na rede municipal de ensino de Criciúma, mestranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e integrante do Grupo de Estudos em Educação Formação Cultural e Sociedade (GEFOCS) da UNESC. Fiz parte do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME) da UNESC, em 2007, o qual me proporcionou experiências agregadoras para a minha formação enquanto professora e pesquisadora.

E-mail: samirarf@gmail.com



Thalia Estevam

Sou licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Barriga Verde (Unibave). Atualmente, estou cursando mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e integrando o Grupo de Estudos em Educação Formação Cultural e Sociedade (GEFOCS) da UNESC. Durante toda a minha trajetória até então como pesquisadora, dedico-me a pesquisar as relações político-filosóficas das categorias teoria e prática na Educação e outras temáticas que as envolvam.

E-mail: thaliaestevam97@gmail.com

